



IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL - IPB
JUNTA REGIONAL DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA - JURET
SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO NORTE - SPN
CURSO LIVRE DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

ANDRÉ LUIZ BISPO DOS SANTOS

PROCLAMAÇÃO CRISTOCÊNTRICA:
A CENTRALIDADE DE CRISTO PARA A PÓS-MODERNIDADE

Recife

2025

ANDRÉ LUIZ BISPO DOS SANTOS

PROCLAMAÇÃO CRISTOCÊNTRICA:
A CENTRALIDADE DE CRISTO PARA A PÓS-MODERNIDADE

Monografia apresentada ao Seminário Presbiteriano do Norte - SPN, em cumprimento às exigências para a conclusão do curso livre de Bacharelado em Teologia.

Orientador: Rev. Dr. Stefano Alves dos Santos

Recife

2025

ANDRÉ LUIZ BISPO DOS SANTOS

PROCLAMAÇÃO CRISTOCÊNTRICA:

A CENTRALIDADE DE CRISTO PARA A PÓS-MODERNIDADE

Monografia apresentada ao Seminário Presbiteriano do Norte - SPN, em cumprimento às exigências para a conclusão do curso livre de Bacharelado em Teologia.

Orientador: Rev. Dr. Stefano Alves dos Santos

BANCA EXAMINADORA

Rev. Dr. Stefano Alves dos Santos
Orientador - Seminário Presbiteriano do Norte

Rev. Dr. Paulo Henrique Brasil e Sousa
Examinador Interno - Seminário Presbiteriano do Norte

Rev. Ericon Fábio de Oliveira
Examinador Externo (Tutor) - Presbitério da Borborema

Ao Senhor Jesus Cristo, que me amou, apesar de mim..
À minha digníssima, Maria, por me ser auxiliadora idônea.
Aos pequenos amores da minha vida, Rute e “02”, nossas flechas.

AGRADECIMENTOS

Louvado seja Deus, meu Senhor, o único digno de toda honra, glória e louvor, o único detentor de todo o poder, domínio e majestade. A Ele agradeço por toda a jornada de elaboração, maturação e aprendizado ao longo dos anos de Seminário, que redundaram neste escrito. Somente a Deus seja toda a glória.

Agradeço ao bom Deus por ter me presenteado com uma esposa excelente e filhos maravilhosos. Obrigado, Maria Eduarda Alves Bispo, eu amo você por tudo que você é e pelo que faz. Obrigado Rutinha e nosso aguardado 02, vocês, sem dúvida, me motivam, mesmo que sem palavras. Sem vocês a jornada seria, no mínimo, muito esquisita.

Agradeço aos meus pais, José (*in memorian*) e Daniela, e meus sogros Eduardo e Gil, por tanto apoio durante esse processo. Obrigado por cuidarem de mim e dos meus, vocês são lembretes da graça de Deus, continuamente.

Agradeço aos meus pastores, tanto os da Igreja Presbiteriana do Catolé (Flauber, Ericon e Adilson) quanto os do Presbitério da Borborema. Senhores, vocês foram inspiração, exortação, ânimo e vigor ao longo desses quatro anos, e em especial neste escrito. Aos queridos mantenedores, agradeço por todo apoio financeiro, espiritual, pastoral e emocional. Agradeço ainda aos irmãos da Congregação Presbiteriana em Boqueirão, que aqueceram o coração na noite escura da alma, que abraçaram quando faltava força, que cuidaram quando precisávamos (amamos vocês).

Agradeço aos meus professores do Seminário Presbiteriano do Norte, há muito de vocês nesse escrito, em mim, em minha jornada ministerial. Agradeço em especial ao Rev. Stefano Alves, que com cuidado me orientou, e mesmo em períodos difíceis, em lutas que para mim seriam impossíveis, serviu como motivação, estendeu a mão e lançou luz.

Agradeço, por fim, aos que estão nas trincheiras comigo, minha turma, meus amigos, vocês foram família fora de casa, vocês foram riso, lágrima, abraço, briga, e muito mais. Agradeço em especial aos que dividiram a vida no internato: Adílio Domingues, José Fernando e Johnny Amorim. Que seja para além do seminário!

“Coloque a beleza de dez mil de milhares de mundos de paraísos, como o jardim do Éden, em uma coisa só. Coloque todas as árvores, todas as flores, todos os cheiros, todas as cores, todos os gostos, todas as alegrias, todas as doçuras, todos os amores, em uma coisa só. [...] Ainda assim, seria menos do que aquele mais caro e mais belo Amado, Cristo, tanto quanto uma gota de chuva é em relação a todos os mares, rios, lagos e fontes de dez mil terras”.

- Samuel Rutherford

BASE CONFSSIONAL

Confissão de Fé de Westminster - CFW

Capítulo VIII - De Cristo o Mediador (§§1º, 6º e 8º):

I. Aprouve a Deus em seu eterno propósito, escolher e ordenar o Senhor Jesus, seu Filho Unigênito, para ser o Mediador entre Deus e o homem, o Profeta, Sacerdote e Rei, o Cabeça e Salvador de sua Igreja, o Herdeiro de todas as coisas e o Juiz do Mundo; e deu-lhe desde toda a eternidade um povo para ser sua semente e para, no tempo devido, ser por ele remido, chamado, justificado, santificado e glorificado.

- Is 42.1; IPe 1.19-20; ITm 2.5; Jo 3.16; Dt 18.15; At 3.20-22; Hb 5.5-6; Is 9.6-7; Lc 1.33; Hb 1.2; Ef. 5.23; At 17.31; IICo 5.10; Jo 17.6; Ef 1.4; ITm 2.56; ICo 1.30; Rm 8.30.

VI. Ainda que a obra da redenção não foi realmente cumprida por Cristo senão depois da sua encarnação; contudo a virtude, a eficácia e os benefícios dela, em todas as épocas sucessivamente desde o princípio do mundo, foram comunicados aos eleitos naquelas promessas, tipos e sacrifícios, pelos quais ele foi revelado e significado como a semente da mulher que devia esmagar a cabeça da serpente, como o cordeiro morto desde o princípio do mundo, sendo o mesmo ontem, hoje e para sempre.

- Gal. 4:45; Gen. 3:15; Heb. 3:8.

VIII. Cristo, com toda a certeza e eficazmente aplica e comunica a salvação a todos aqueles para os quais ele a adquiriu. Isto ele consegue, fazendo intercessão por eles e revelando-lhes na palavra e pela palavra os mistérios da salvação, persuadindo-os eficazmente pelo seu Espírito a crer e a obedecer, dirigindo os corações deles pela sua palavra e pelo seu onipotente poder e sabedoria, da maneira e pelos meios mais conformes com a sua admirável e inescrutável dispensação.

- João 6:37; 39 e 10:15-16; I João 2:1; João 15:15; Ef. 1:9; João 17:6; II Cor. 4:13; Rom. 8:9, 14 e 15:18-19; João 17:17; Sal. 90:1; I Cor. 15: 25-26; Col. 2:15; Luc. 10: 19.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo investigar a centralidade de Cristo na proclamação cristã, demonstrando que a pregação verdadeiramente bíblica, reformada e pastoralmente relevante é essencialmente cristocêntrica. No primeiro capítulo, apresenta-se uma análise histórico-teológica da proclamação cristocêntrica, desde a Igreja Primitiva até pensadores modernos, destacando figuras como Agostinho, Calvino, Bunyan, Whitefield e Lloyd-Jones. O segundo capítulo aprofunda os fundamentos teológicos da proclamação cristocêntrica, com base em textos do Antigo e Novo Testamento, nos documentos reformados e em categorias sistemáticas como Cristologia, Teologia do Pacto e Teologia da Pregação. No terceiro capítulo, examina-se a relevância da proclamação cristocêntrica para o contexto contemporâneo, abordando os desafios culturais, eclesiológicos e homiléticos enfrentados na pós-modernidade. A pesquisa propõe, como resposta, uma pregação que tenha Cristo como centro e critério, fundamentando práticas como comunhão, adoração, aconselhamento e discipulado. Conclui-se que a proclamação cristocêntrica é a resposta teológica e pastoral para os desafios atuais da Igreja e do ministério cristão.

Palavras-chave: Pregação Reformada; Cristologia; Teologia Bíblica; Ministério Pastoral.

ABSTRACT

This monograph aims to investigate the centrality of Christ in Christian proclamation, demonstrating that truly biblical, Reformed, and pastorally relevant preaching is inherently Christ-centered. The first chapter presents a historical-theological analysis of Christ-centered proclamation, tracing its development from the Early Church to modern thinkers, with emphasis on figures such as Augustine, Calvin, Bunyan, Whitefield, and Lloyd-Jones. The second chapter explores the theological foundations of Christ-centered preaching, drawing on Old and New Testament texts, Reformed documents, and systematic categories such as Christology, Covenant Theology, and the Theology of Preaching. The third chapter examines the relevance of Christ-centered proclamation for the contemporary context, addressing cultural, ecclesiological, and homiletical challenges in postmodernity. As a response, the research advocates for preaching that places Christ at its center and as its criterion, shaping practices such as communion, worship, counseling, and discipleship. The study concludes that Christ-centered proclamation is the theological and pastoral answer to the current challenges faced by the Church and Christian ministry.

Keywords: Reformed Preaching; Christology; Biblical Theology; Pastoral Ministry.

SUMÁRIO

BASE CONFSSIONAL	7
RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	11
1. PERCEPÇÃO HISTÓRICA DA PROCLAMAÇÃO CRISTOCÊNTRICA	12
1.1 A Proclamação Cristocêntrica na Igreja Primitiva e Idade Média	13
1.1.1 Igreja Primitiva	14
1.1.2 Idade Média	18
1.2 A Proclamação Cristocêntrica entre os Reformadores e Puritanos	23
1.2.1 Reformadores	24
1.2.2 Puritanos	28
1.3 A Proclamação Cristocêntrica entre os Revivalistas e Teólogos Modernos	33
1.3.1 Revivalistas	34
1.3.2 Teólogos Modernos	39
2. PERCEPÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA DA PROCLAMAÇÃO CRISTOCÊNTRICA	44
1.1 Fundamentos Escriturísticos da Proclamação Cristocêntrica	44
1.1.1 No Antigo Testamento	44
1.1.2 No Novo Testamento	50
1.2 Enraizamento Confessional da Proclamação Cristocêntrica	55
1.2.1 Os Símbolos de Fé de Westminster	55
1.2.2 As Três Formas de Unidade	61
1.3 Desenvolvimento Teológico da Proclamação Cristocêntrica	66
1.3.1 Contribuições da Teologia Sistemática e Bíblica	67
1.3.2 Contribuições da Teologia da Pregação Contemporânea	70
3. PERCEPÇÃO PASTORAL E PRÁTICA DA PROCLAMAÇÃO CRISTOCÊNTRICA	73
3.1 A Proclamação Cristocêntrica para a Pós-Modernidade	74
3.1.1 Diagnóstico Cultural: Sociedades em Crise	75
3.1.2 Respostas Práticas: Cristo como Centro e Critério	80
3.2 A Proclamação Cristocêntrica para a Igreja Local	85
3.2.1 Diagnóstico Eclesiológico: Comunidades em Crise	85
3.2.2 Respostas Práticas: Comunidades Cristocêntricas	90
3.3 A Proclamação Cristocêntrica para o Ministério Pastoral	95
3.3.1 Diagnóstico Homilético: Púlpitos em Crise	95
3.3.2 Respostas Práticas: Ministérios Cristocêntricos	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	106

INTRODUÇÃO

A pregação, historicamente, tem sido o meio pelo qual Deus comunica sua vontade ao seu povo, sendo o alimento espiritual das igrejas ao redor do mundo. Na pós-modernidade, contudo, o cenário religioso passou por profundas mudanças, especialmente com o crescimento de movimentos sincréticos, ecumênicos e espiritualistas. O aumento numérico de igrejas e a diversidade de pregações refletem aspectos positivos, pois, o Senhor pode, por sua graça, conduzir para sua glória, o avanço do Reino. No entanto, também surgem preocupações quanto à fidelidade com que o Evangelho é proclamado. Será que, em meio à pluralidade de pensamentos e discursos da era pós-moderna, a pregação continua a anunciar de forma clara e fiel a pessoa, o caráter, os ensinamentos e a obra de Jesus Cristo?

Com o advento da pós-modernidade, movimentos espiritualistas ecumênicos e a proliferação de pregadores leigos e teologias minoritárias, surge uma crescente dificuldade em distinguir o que constitui uma verdadeira pregação, de sermões que não cumprem esse papel. Em um contexto pós-moderno, marcado pelo pluralismo e pela fragmentação de valores, a questão central que emerge é: existe um parâmetro distintivo que garanta a fidelidade à Escritura nas diversas abordagens homiléticas?

Além disso, há uma preocupação crescente quanto à fidelidade ao Evangelho de Cristo. Em muitas pregações, especialmente em ambientes que enfatizam o imediatismo, o pragmatismo e o moralismo, a centralidade da pessoa e obra de Jesus Cristo parece diluída ou substituída por mensagens motivacionais, pautadas por meras regras, ou até mesmo por estratégias práticas de resultados imediatos. A questão, então, consiste em entender como a pregação pode manter o foco na mensagem redentora das Escrituras em tempos de tantos desvios homiléticos.

Pregações que não comunicam Cristo e Sua obra redentora, embora biblicamente embasadas, em seu conteúdo, falham em conduzir os ouvintes ao propósito principal da revelação bíblica. Então, a problemática central deste estudo, é: como garantir que a pregação expositiva, em meio à diversidade de abordagens, mantenha a centralidade de Cristo e da redenção, evitando os desvios de sermões moralistas, motivacionais ou pragmáticos? Quais são os efeitos adversos dessas pregações desviadas na vida dos ouvintes e na saúde espiritual da igreja? Como a proclamação cristocêntrica pode servir de ferramenta para preservar a integridade do Evangelho em tempos de pluralismo religioso e pós-modernidade?

Este estudo buscará responder a essas questões, oferecendo uma análise histórica, teológica, e prática sobre a necessidade de manter a pregação focada na redenção em Cristo, como centro da mensagem bíblica.

Visto que a pós-modernidade é caracterizada por uma fragmentação de valores e uma resistência à ideia de verdade absoluta, o que impacta diretamente a maneira como o Evangelho é interpretado e pregado. Nesse contexto, a proclamação cristocêntrica se apresenta como uma ferramenta essencial para garantir que a mensagem bíblica seja explicada e aplicada de maneira fiel e contextualizada. Contudo, a crescente diversidade homilética, o surgimento de pregadores leigos e a multiplicidade de teologias levantam questionamentos sobre os distintivos que diferenciam uma autêntica exposição bíblica genuína de meros discursos religiosos.

Assim, este trabalho justifica-se, pela necessidade de evidenciar que, em meio ao relativismo da pós-modernidade, a proclamação cristocêntrica é uma ferramenta para que toda pregação aponte para a pessoa, obra, ensino ou caráter de Jesus Cristo. Visto que a redenção é a maior necessidade da humanidade e, sem ela, sermões podem falhar em cumprir seu propósito, que é proclamar a glória de Deus em Cristo.

Além disso, pretendemos demonstrar os impactos da proclamação cristocêntrica na igreja e ministério pastoral, apresentando também os riscos e necessidades da proclamação na era pós-moderna, já que este é um mundo quebrado pelo pecado. Por isso este estudo busca reafirmar a importância de uma pregação que seja, acima de tudo, cristocêntrica.

1. PERCEPÇÃO HISTÓRICA DA PROCLAMAÇÃO CRISTOCÊNTRICA

Em toda a Escritura há pregação, e toda pregação exige interpretação.¹ Surge, então, a questão: desde quando a pessoa, o ensino e a obra do Senhor Jesus Cristo foram incorporados ao método interpretativo e utilizados na proclamação cristã? É inegável o caráter cristocêntrico dos sermões e ensinos dos apóstolos (tema que será tratado em outro capítulo), mas o que dizer daqueles que os sucederam? Como os primeiros líderes da Igreja interpretaram e proclamaram as Escrituras e o Senhor Jesus Cristo?

¹ PLUMMER, R. **40 questões para se interpretar a Bíblia**. Organizado por B. L. Merkle e T. J. Santos Filho. Traduzido por F. W. Ferreira. 1. ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2017. p. 111.

Segundo o Rev. Alderi Souza Matos, o período imediatamente posterior aos apóstolos é conhecido como Igreja Primitiva, abrangendo desde o final do primeiro século até meados do segundo.² Dentro desse período, há um grupo específico de escritores denominados Pais Apostólicos, termo cunhado por Jean Cotelier em 1672 para designar aqueles que, por sua proximidade temporal com os apóstolos, preservaram e transmitiram seus ensinamentos.³ No entanto, não devemos tratar os Pais Apostólicos como um grupo homogêneo, pois, embora compartilhassem uma fé comum, não possuíam um pensamento uniformemente estruturado.

Esse caráter diverso se reflete também em sua abordagem hermenêutica e na proclamação, como bem observa o Rev. Alderi, os escritos dos Pais Apostólicos são marcados por uma simplicidade doutrinária e intelectual, refletindo uma fé em formação e ainda distante das elaborações teológicas posteriores.⁴ Assim, ao analisarmos o período, não buscaremos sofisticação conceitual ou metodológica, mas evidenciaremos os primeiros traços de uma pregação que enxergava Cristo como o centro da revelação divina.

1.1 A Proclamação Cristocêntrica na Igreja Primitiva e Idade Média

Ao longo da história da Igreja, a pregação cristã foi marcada por diferentes abordagens hermenêuticas, moldadas tanto pelas exigências contextuais quanto pelo desenvolvimento teológico de seu período. Pretende-se, portanto, observar como Cristo foi proclamado desde os primeiros séculos da fé cristã até a Idade Média.

Embora tais períodos sejam vastos e heterogêneos, é possível identificar, ainda que de forma progressiva e nem sempre sistemática, uma inclinação à interpretação cristológica das Escrituras e à proclamação centrada na pessoa e na obra de Jesus Cristo.

Conforme destaca González⁵, foi pela sua compreensão da pessoa, obra e ensino de Jesus Cristo que os primeiros cristãos pautaram a vida em uma nova convicção, mudando o dia da reunião, o próprio “partir o pão”, e, o serviço, de modo geral. Ao longo desta seção, serão analisadas figuras representativas de cada época, com vistas a compreender como a

² MATOS, Alderi Souza. *Apresentação*. In: **Box Clássicos da Literatura Cristã (Vol. 1): Pais Apostólicos, Confissões e Imitação de Cristo**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013. p. 15.

³ Ibid., p. 16.

⁴ Ibid.

⁵ GONZÁLEZ, Justo L. *Uma História Ilustrada do Cristianismo: Volume 1 – A Era dos Mártires: dos primórdios à era constantiniana*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 33

hermenêutica cristocêntrica se desenvolveu e influenciou a prática da pregação em seus respectivos contextos.

1.1.1 Igreja Primitiva

O termo Igreja Primitiva refere-se, geralmente, ao período imediatamente posterior à era apostólica, compreendendo aproximadamente do final do século I até o início do século III. Dentro desse contexto, destacam-se os chamados Pais Apostólicos, isto é, líderes cristãos que, tiveram contato direto ou indireto com os apóstolos.

Ainda que carecessem de uma terminologia teológica refinada ou sistemática, Alderi Souza de Matos lembra que alguns dos Pais Apostólicos transmitiram sua fé em Cristo como o cumprimento das promessas do Antigo Testamento⁶. Nesse sentido, a proclamação cristã da Igreja Primitiva não se desenvolvia apenas em oposição ao judaísmo ou ao paganismo, mas, em certo sentido, mostrava que Cristo era o central na proclamação da Escritura e fundamento da vida cristã. Como aponta J.N.D. Kelly, a teologia da Igreja Primitiva viveu um misto tentativas de interpretações judaicas, helenísticas, alegóricas, e cristãs⁷.

Assim, esta subseção se propõe a analisar brevemente como esses líderes proclamavam as Escrituras à luz de Cristo, evidenciando os primeiros sinais da proclamação cristocêntrica que seria posteriormente desenvolvida com maior precisão teológica.

a. Melitão de Sardes (c. X-180 d.C.)

Melitão foi um líder cristão no segundo século, na cidade de Sardes⁸. Seus sermões tinham alto nível de erudição e envolviam tipologia e retórica em grande monta⁹. Não se sabe ao certo o seu ano de nascimento, contudo, é nítido que viveu no início da comunidade cristã, que ainda era cercada por muitas sombras e grandes dúvidas provenientes do judaísmo¹⁰.

⁶ MATOS, Alderi Souza. **Fundamentos da teologia histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2018. Edição Kindle. p. 25.

⁷ KELLY, J. N. D. **Early Christian Doctrines**. Fourth Edition. Adam & Charles Black Limited. London, 1968. p.31.

⁸ EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. Tradução de Paulo Sérgio Lopes. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

⁹ WHITE, R. C. Melito of Sardis, **Sermon “On the Passover”**: A New English Translation with Introduction and Commentary, Lexington Theological Seminary Library Occasional Studies. Lexington: Lexington Theological Seminary Library, 1976, p.4

¹⁰ WILKEN, R. L. Melito, the Jewish **Community at sardis, and the Sacrifice of Isaac**. Theological Studies, 37. 1976.

Consta-se que é de Melitão o registro de sermão mais antigo, acerca da páscoa. Tal tema era preponderante nos escritos, pensamento, fundamentação teológica e método homilético dele, visto que o sofrimento, a morte e a ressurreição de Cristo, para Melitão, eram a libertação e a maior necessidade da humanidade, era de fato o distintivo cristão, como afirma o próprio Melitão.¹¹

No seu mais conhecido sermão pascoal melitão menciona diversos trechos da Escritura, desde o Pentateuco, passando pelos Poéticos, Proféticos, os Evangelhos e até mesmo Apocalipse. Melitão faz um profundo delinear da queda de Adão para comprovar a necessidade de Jesus Cristo. Sem dúvidas ouvir um sermão de Melitão não seria algo muito conveniente ao Século XXI, afinal, como lembra Judith Lieu¹² “parece muitas vezes exagerado e extravagante”, especialmente no tocante ao seu anti-judaísmo.

Em sua proclamação de Cristo, Melitão utilizava demasiadamente da tipologia, comparações e antíteses¹³. Assim, Melitão costumava relacionar as palavras hebraicas da Bíblia apontando para palavras e atos de Cristo nos Evangelhos. Para ele, “todas as coisas no Antigo Testamento são abarcadas por Jesus Cristo”¹⁴. Melitão esforçava-se por anunciar Cristo em seus sermões de tal maneira que afirmava que o pregador falava, não por si, mas em nome de Cristo aos seus ouvintes.

b. Efrém, o Sírio (c. 303-373 d.C.)

Nascido em “berço cristão”, Efrém foi um homem de fé ao ponto de exclamar “tua verdade esteve comigo na minha juventude, tua fidelidade está comigo na minha idade”¹⁵. Tido como o maior poeta e mais importante pai sírio do período patrístico. Efrém se tornou conhecido por seus mais de 400 hinos, três comentários bíblicos e muitas homilias, repletas de beleza e poesia teológica, o que o trouxe certo renome entre cristãos gregos e latinos. O Sírio entendia que uma melhor compreensão da Bíblia estava em perceber as alegorias e

¹¹ MELITÃO DE SARDES. **On Pascha**. Tradução de Alistair Stewart-Sykes. Yonkers, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 2001. (Popular Patristics Series, v. 20). Disponível em: <https://sachurch.org/wp-content/uploads/2017/04/On-Pascha-Melito-of-Sardis.pdf>. Acesso em: 16 maio 2025.

¹² LIEU, Judith. **They speak to us across the centuries**: 9. Melito of Sardis. *The Expository Times*, v. 110, n. 2, p. 43–46, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/001452469811000203>. Acesso em: 16 maio 2025.

¹³ COHICK, Lynn H. **Melito of Sardis's *Peri Pascha* and Its "Israel"**. *The Harvard Theological Review*, v. 91, n. 4, p. 351–372, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1509855>. Acesso em: 16 maio 2025.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ EPHREM, the Syrian. “Hymns Against Heresies 23 and 24.” Disponível em: <https://archive.org/details/EphremSyrusHymnsAgainstHeresies23And24>. Acesso em: 19 maio 2025.

sombras que conduziam os leitores ao próprio Deus. Foi um homem de enorme capacidade de comunicação¹⁶, capaz de vencer dificuldades particulares, linguísticas e culturais, ao ensinar conceitos complexos, como a própria segunda vinda de Cristo¹⁷.

Em sua teologia, entendia que era necessário buscar e enxergar Cristo na Escritura como um todo. Tal entendimento se reflete em suas poesias e escritos:

[19:4] Nunca mentes mortais o tocaram. Quem tem mão de fogo e dedo de espírito para explorá-lo na presença de seu ocultamento? Mesmo nossa mente é como um corpo limitado! [19:5] O conhecimento revelado não compreendeu. Aquele Luminoso que está dentro e fora de tudo. Seu é o conhecimento dentro do nosso conhecimento. Ele é a vida da alma que habita em nós. [19:6] Quem não se maravilha que, embora todos estejam nele, Nenhum jamais o tocou, ainda que estejam nele, Assim como um corpo jamais tocou. A alma dentro dele com sua própria mão. [19:7] Quem não dará graças àquele mais oculto. Que a todos, Que a si mesmo revelou mais que a todos! Quando assumiu um corpo, corpos o tocaram, mas mentes jamais o exploraram. (*Tradução minha.*)¹⁸

Cristo era o alvo e o ponto máximo da proclamação de Efrém, era preciso apontar para seu caráter, sua essência, suas obras e sua providência, de alguma maneira. Para ele, cabe ao intérprete analisar e buscar nas camadas da Escritura, Cristo. É claro que enxergamos o perigo desse caminho que tenta interpretar, a qualquer preço, Cristo, Igreja ou o que quer que seja, há um risco inconspícuo de superficialização e conclusões precipitadas nessa busca.

Efrém buscava abertamente argumentar com base em tipologias, como podemos ver no Hino 8:¹⁹

Portanto, uma figura de Ti foi Daniel, e também Lázaro; um na cova, que os gentios selaram, e outro no sepulcro, que o povo abriu. Eis que seus sinais e seus selos os repreenderam. Suas bocas teriam estado abertas, se tivessem deixado aberto Teu sepulcro. Mas foram embora porque fecharam Teu sepulcro e o selaram, e calaram suas próprias bocas. Sim, eles o fecharam, e quando cobriram insensatamente Teu sepulcro, todos os caluniadores cobriram suas próprias cabeças [...] (*tradução minha*).

Parece que o Sírio não estava muito incomodado com o significado literal, em algumas situações. É como se, sutilmente, Efrém introduzisse as suas próprias percepções no texto, como no excerto:

¹⁶ ARMSTRONG, Jonathan J. “Efrém, o Sírio: pregando Cristo por meio de poesia e paradoxos”. In: FORREST, Benjamin K. (Org.). *A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*. v. 1: *Dos apóstolos aos revivalistas*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 108.

¹⁷ EPHREM, o Sírio. “**Hinos sobre a Natividade.**” In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry (Ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers*. Second Series, vol. 13. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1898. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/3703.htm>. Acesso em: 19 maio 2025.

¹⁸ Ibid, p. 152.

¹⁹ Id. Hymns on Nativity, 8.

Ó Jesus, nome glorioso! Ponte oculta de travessia Da morte para a vida! A Ti eu cheguei e me pus de pé— Por um yod—tua letra—sou contido. Sê ponte para minha palavra, Para que ela possa cruzar até a tua verdade. Que teu amor sirva de ponte para teu servo—Em ti, atravessarei até teu Pai. Atravessarei e direi: “Bendito aquele que suavizou sua força por meio de seu Filho!” Fim (*tradução minha*).²⁰

De fato, Jesus é glorioso e nem todas as palavras podem descrever seu imenso poder, mas a poesia mencionada anteriormente está dentro de um conjunto de acróstico. Efrém fez uma poesia para cada letra do alfabeto, e para exatamente no *yod*, porque entendia que era a primeira letra do nome de Jesus, então deveria parar ali, pois Cristo era o alvo e o fim da sua escrita, poesia e proclamação.

c. *Agostinho de Hipona (c. 354-430 d.C.)*

Agostinho, nasceu em 354 d.C. na cidade de Tagaste, atual Souk Ahras (Argélia). Filho de Patrício e Mônica (um devoto das divindades romanas e uma cristã devota), aprendeu, muito tardiamente (como ele mesmo afirma) a fé de sua mãe. Enfrentou diversas mudanças, internas e externas, amadureceu e desenvolveu-se teologicamente ao ponto de se tornar um dos mais profícuos nomes do cristianismo, em todas as gerações (como teólogo e filósofo).²¹

Agostinho é conhecido por seus escritos, prédicas e comentários, bem como por sua grande preocupação com a hermenêutica e a exegese (mesmo que ainda envolvido pelas alegorias comuns do seu tempo), de maneira que em “A Doutrina Cristã”, declarou:

Se alguém julga ter entendido as Escrituras divinas ou partes delas, mas se com esse entendimento não edifica a dupla caridade - a de Deus e a do próximo-, é preciso reconhecer que nada entendeu. Mas quem tira de seu entendimento uma ideia útil para a edificação da caridade, ainda que sem trazer o pensamento próprio do autor, na passagem em estudo, ousarei dizer que não comete erro pernicioso, nem diz mentira. [...] Por conseguinte, ou a injustiça aparece alguma vez útil - o que é impossível -, ou bem a mentira nunca poderá ser útil.²²

É nítida a sua dupla preocupação, não há espaço para uma acusação de exagero ou flexibilidade. É preciso fidelidade na exegese e no amor, segundo Agostinho. Sim, sabemos

²⁰ Id. Hymns on Faith, 6.17.

²¹ SMITHER, Edward L. **Agostinho de Hipona**: pregação cristocêntrica impulsionada pelo ágape. In: FORREST, Benjamin K. (org.). A história da pregação: volume 1: dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 173.

²² AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**, 36.40.

que o teólogo também é lembrado por suas interpretações alegóricas da Bíblia²³, algo comum em sua época, e que para ele era, de fato, necessário.²⁴

Há, contudo, um princípio por vezes negligenciado, na proclamação agostiniana. Conforme afirma Smither, Agostinho entendia que “a interpretação bíblica se orientava por Cristo e sua obra salvadora na cruz”, e para ele, a Bíblia era sobre Cristo, até quando não o menciona de maneira muito clara. Por isso afirmou sobre a Igreja e o Mestre da Igreja:

E o fato de eu vos falar deste lugar mais elevado não significa que eu seja vosso mestre, pois o Mestre de todos é aquele que tem sua cátedra acima de todos os céus. Sob seu magistério, nos reunimos numa mesma escola e somos todos discípulos — vós e eu. No entanto, eu vos corrijo, mas como os mais velhos costumam corrigir numa escola (*tradução minha*).²⁵

Esse reconhecimento de que todos, inclusive os pastores, estão sob a autoridade do verdadeiro Mestre, que é Cristo, revela mais do que humildade pastoral: mostra que a teologia e a pregação de Agostinho estavam fundamentalmente orientadas para Cristo. A Bíblia é lida a partir de Cristo, a Igreja é conduzida por Cristo, e o sermão é, necessariamente, uma proclamação de Cristo. Não surpreende, portanto, que sua prática homilética também reflita essa centralidade. Como afirma Daniel E. Doyle:

A pregação de Agostinho é profundamente cristocêntrica. Ele reflete repetidamente sobre a importância central do Verbo encarnado, citando o Prólogo de João mais do que qualquer outro texto bíblico (mais de mil vezes em suas obras preservadas). Na verdade, “de todos os Padres da Igreja, Agostinho é, sem dúvida, aquele que mais frequentemente e mais extensivamente fala de Cristo em seus sermões.” Ele frequentemente faz referência a Cristo como médico (*Christus medicus*) e exorta todos os cristãos a seguirem a humildade autoesvaziadora inspirada pelos hinos cristológicos de Filipenses 2.6–11. (*Tradução minha*).²⁶

Assim, além de ser um renomado filósofo e teólogo, Agostinho foi um pastor e proclamador de Cristo, preocupado em anunciar com foco cristocêntrico, a Palavra de Deus.

1.1.2 Idade Média

A Idade Média, tradicionalmente delimitada entre os séculos V e XV, representa um dos períodos mais longos e complexos da história da Igreja, com nuances sombrias e apelidos pejorativos (“idade das trevas”). Nele, percebemos um desenvolvimento teológico mais

²³ Como boa parte do seu comentário sobre Gênesis.

²⁴ Tal entendimento pode ser compreendido quando se observa o seu contexto formativo intelectual, bebendo de homens como Orígenes, Clemente, Ambrósio, Gregório, e dos frutos do Neoplatonismo.

²⁵ Id. **Sermão 301A**. Disponível em: https://www.augustinus.it/spagnolo/discorsi/discorso_427_testo.htm. Acesso em: 20 maio 2025.

²⁶ DOYLE, Daniel E. In: *Saint Augustine: Essential Sermons*. Hyde Park, NY: New City Press, 2007.

sistemático, influenciado pela patrística tardia, pela consolidação da Igreja institucional e, mais tarde, pela ascensão da escolástica. A proclamação cristã nesse período foi marcada por esforços de integrar a fé com a razão, bem como pela organização litúrgica e homilética.

Apesar de desafios como a institucionalização eclesiástica e o surgimento de práticas devocionais nem sempre centradas na Escritura, muitos teólogos medievais, revelaram uma profunda preocupação com a centralidade de Cristo na pregação. Essa cristocentricidade se manifestava tanto na interpretação das Escrituras quanto na exposição doutrinária da encarnação, cruz e mediação de Cristo. Ao considerar essas figuras, buscaremos compreender como, mesmo em um cenário muitas vezes distante do ambiente apostólico, a proclamação de Cristo continuou a ecoar em tempos “sombrios”.

a. Bernardo de Claraval (c. 1090-1153 d.C.)

Bernardo de Claraval foi um dos mais notórios líderes da igreja medieval. Um homem pacificador, mas cercado por contradições, ele era adorado e odiado, como aponta Elizabeth Hoare²⁷, e que, ainda assim, de alguma forma, serviu como representante do Príncipe da Paz em tempos de aguerridos e conflituosos.

Enquanto proclamador, Bernardo ficou conhecido por sua série de sermões “Sobre o Cântico dos Cânticos”, que revelavam algumas premissas fundamentais do seu entendimento homilético e hermenêutico, um exemplo notável encontra-se no Sermão 8:

Conforme prometi ontem, e como bem vos lembrais, hoje me propus falar-vos do beijo mais íntimo: o da boca. Escutai, pois, com mais atenção aquilo que é mais doce e mais sublime, aquilo que raramente se saboreia e é mais difícil de compreender. Partamos do mais profundo: daquele beijo inefável ao qual, ao meu ver, se referia o Evangelista — um beijo jamais experimentado por qualquer criatura — quando diz: Somente o Pai conhece o Filho, e o Filho conhece o Pai, e aquele a quem o Filho o quiser revelar. Pois o Pai ama o Filho e o abraça com um afeto único, e o Filho, por sua vez, estreita-se intimamente com ele, com não menos afeição, chegando até mesmo a morrer por ele, como ele mesmo afirma: Para que o mundo saiba que amo o Pai, levantai-vos, vamos daqui. Indubitavelmente, com isso ele queria dizer que ia para a sua Paixão. Esse mútuo conhecimento e amor simultâneos entre o gerador e o gerado — que mais são senão um beijo suavíssimo, porém secretíssimo? [...] Contudo, aquilo que o olho jamais viu, o ouvido jamais ouviu, e que nunca veio ao coração humano, Deus o revelou a Paulo por seu Espírito — isto é, pelo beijo de sua boca. Portanto, esse estar o Pai com o Filho, e o Filho com o Pai, é o beijo da boca. E o beijo do beijo nós o encontramos nestas

²⁷ HOARE, Elizabeth. **Bernardo de Claraval: pregação para cultivar amor e devoção a Deus**. In: FORREST, Benjamin K. *A história da pregação: dos apóstolos aos revivalistas*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. v. 1, p. 209.

outras palavras: Não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi concedido. (*Tradução minha*).²⁸

Bernardo lança mão de uma linguagem profundamente mística e simbólica, buscando descrever a união íntima entre Deus Pai e Deus Filho por meio da imagem do “beijo da boca”, símbolo da comunhão perfeita entre as pessoas da Trindade. Essa união eterna e inexprimível é apresentada como o modelo e o destino último da alma cristã, que também é convidada a participar, de maneira análoga, desse “beijo mediante o Espírito Santo”.

A pregação, portanto, tem como finalidade conduzir a alma à comunhão com Deus. A cristocentricidade da proclamação, em Bernardo, manifesta-se justamente nessa teologia do amor: unir-se a Cristo é unir-se ao próprio Deus. Nesse sentido, o “beijo” é mais do que uma metáfora devocional; é uma imagem teológica da revelação divina que conduz à transformação espiritual.

Assim, os pilares do estilo homilético de Bernardo, por vezes místico, giram em torno da união com Deus, bem como o amor e a humildade. Para Bernardo, não basta meramente informar, mas formar e transformar espiritualmente, conduzindo o ouvinte a participar, de alguma forma, da intimidade trinitariana.

b. Jan Huss (c. 1369-1415 d.C.)

Jan Huss, teólogo e pregador boêmio, foi uma figura central na preparação da Reforma, ao defender a autoridade das Escrituras e a necessidade de reforma na Igreja. Sua ênfase na pregação como instrumento de transformação espiritual o tornou um precursor direto dos reformadores do século XVI.²⁹

Para Huss a pregação não era somente uma atividade pastoral, mas um meio central de adoração da igreja, e instrumento de amadurecimento e progresso na jornada da fé. Spinka, comentando sobre Huss escreve:

A ênfase nas Escrituras também implicava que a pregação era um dever central no serviço de adoração, em contraste com o cerimonialismo e os atos exteriores de devoção que compunham grande parte do culto da época. A pregação da Palavra não visava apenas instruir e confirmar o crente em sua fé, mas também aprofundar

²⁸ BERNARDO DE CLARAVAL. **Sermón VIII:** Sobre el Cantar de los Cantares. Tradução em espanhol. Disponível em: <https://sigillumilitumxpisti.blogspot.com/2012/05/sermon-viii-sobre-el-cantar-de-los.html>. Acesso em: 20 maio 2025.

²⁹ HOWELL, Mark A. **Jan Huss:** precursor da Reforma. In: FORREST, Benjamin K. A história da pregação: dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. v. 1, p. 293–308.

sua vida espiritual — na qual consistia a verdadeira religião. Todas essas características constituem o impacto total e significativo de Huss na posterior Reforma da Igreja. (*Tradução minha*).³⁰

Jan Huss compreendia a pregação como o elemento central do culto cristão, acima de ritos e formalismos. Para ele, a verdadeira religião consistia no aprofundamento da vida espiritual por meio da exposição das Escrituras. Essa convicção antecipou aspectos fundamentais da Reforma, tornando Huss um elo essencial entre a espiritualidade medieval e os princípios proclamados pelos reformadores do século XVI.

Huss, foi um exímio pregador, um pastor, preocupado com seus amigos e ovelhas, de maneira que não somente ficou conhecido por suas prédicas, mas por suas cartas. E, diferente de outros costumes anteriores, não apelou (tão claramente) para alegorias e tipologias, mas de maneira apaixonada apresentou Cristo na Escritura, até mesmo em textos não litúrgicos:

Pois Ele é Deus; nós somos Suas criaturas. Ele é Senhor; nós somos servos. Ele é Rei de todo o mundo; nós somos fracos miseráveis. Ele é sem pecado; nós somos pecadores. Ele nada necessita; nós somos necessitados. Se Ele sofreu, sendo quem é, por que não sofreríamos nós? Na verdade, nosso sofrimento, por Sua graça, é nossa purificação dos pecados e nossa libertação dos tormentos eternos. Certamente, não poderá acontecer a um servo fiel que ele pereça, se com Sua ajuda perseverar. Portanto, amados irmãos, orai com fervor para que Ele se digne conceder-me perseverança e conservar-me sem mácula. E, se minha morte contribuir de algum modo para Sua glória e para o vosso bem, que Lhe aprouver conceder-me enfrentá-la sem medo pecaminoso. Mas, se for para maior proveito vosso, que Ele se digne reconduzir-me a vós, guiando-me e guardando-me sem mancha, para que, unidos por mais algum tempo, possamos aprender juntos o Seu evangelho, rasgar algumas das redes do Anticristo e deixar um bom exemplo aos irmãos que virão. (*Tradução minha*).³¹

Em uma carta, escrita antes de partir para o Concílio de Constança, Huss expressa sua confiança em Deus, olhando para os sofrimentos de Cristo, e conforta seus amigos e irmãos, até mesmo diante da sua iminente morte, pelos sofrimentos do cordeiro de Deus. Sua teologia da cruz está ancorada na identificação com Cristo, assumindo a dor como meio de purificação e testemunho. Ao mesmo tempo, ele demonstra humildade pastoral, ao desejar não apenas glorificar a Deus com sua possível morte, mas também continuar servindo, se for para edificação do povo. Huss aparece aqui como um proclamador profundamente comprometido com o evangelho, disposto tanto ao martírio quanto à continuidade fiel do ministério.

³⁰ SPINKA, M. **John Huss at the Council of Constance**. New York: Columbia University Press, 1965, p. 63.

³¹ HUSS, John. **The Letters of John Huss**. Tradução e edição de Herbert B. Workman. Indianapolis: Liberty Fund, [s.d.]. Disponível em: <https://oll.libertyfund.org/titles/huss-the-letters-of-john-huss>. Acesso em: 20 maio 2025.

Em outra carta, de 1412, no período do advento, direcionada à Igreja de Belém, Huss convida os fieis a se alegrarem em Jesus Cristo, como reconciliador, salvador e purificador:

Ao recordardes essas coisas, queridos amigos, alegrai-vos, pois hoje Deus nasce como homem, para que haja glória a Deus nas alturas e, na terra, paz aos homens de boa vontade. Alegrai-vos, pois hoje o Infinitamente Poderoso nasce como uma criança, para que haja glória a Deus nas alturas, etc. Alegrai-vos, pois hoje nasce um Reconciliador para reconciliar o homem com Deus, para que haja glória a Deus nas alturas, etc. Alegrai-vos, pois hoje Ele nasce para purificar os pecadores de seus pecados, para libertá-los do poder do diabo, para salvá-los da perdição eterna e para conduzi-los à alegria eterna, para que haja glória a Deus nas alturas, etc. (*Tradução minha*).³²

Mesmo no exílio, Huss demonstra sua proclamação focada na Palavra e em Cristo, em um sermão-carta natalino, apresentando que a encarnação é o fundamento da reconciliação entre Deus e os homens; Cristo é a vitória sobre o pecado, é o cumprimento da promessa.

c. Girolamo Savonarola (c. 1452-1498 d.C.)

Girolamo Savonarola (1452–1498) foi um frade dominicano e pregador incisivo que atuou como prior do Mosteiro de San Marco, em Florença. Destacou-se por seus sermões veementes contra a opulência e a decadência moral no contexto do Renascimento humanista. Seu ministério provocou amplo arrependimento entre seus ouvintes e gerou forte impacto social na cidade. No entanto, sua pregação confrontou diretamente as estruturas políticas e eclesiásticas da Itália, levando-o à condenação e execução pública. Savonarola permanece como exemplo emblemático de coragem profética e do embate entre a proclamação cristã e a cultura dominante.³³

Sua pregação, embora marcada por contundência moral³⁴ e crítica social, também revelava uma profunda sensibilidade pastoral e cristocêntrica. Em um de seus sermões sobre a Paixão, Savonarola oferece uma meditação intensamente vívida sobre os sofrimentos de Cristo no Jardim do Getsêmani. Nessa passagem, observa-se não apenas seu esforço exegético e teológico, mas também sua capacidade de conduzir os ouvintes a uma contemplação piedosa e participativa do sofrimento do Salvador:

Cristo atravessou o ribeiro quando estava no jardim. Como a Paixão do Salvador era grande, Ele quis sofrer em sua parte natural, principalmente por caridade, pois tinha

³² Ibid, 1412, p.XXII.

³³ SHELTON, W. Brian. **Girolamo Savonarola**: Pregador apocalíptico e mártir à opulência. In: FORREST, Benjamin K. *A história da pregação. Volume 1: dos apóstolos aos revivalistas*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 309–328.

³⁴ Chamado por Brian Shelton de “Pregador Apocalíptico”.

grande amor pelo Pai Eterno, e ainda assim sofria por causa da maldade humana: que o Pai Eterno havia abandonado os homens por causa de seus pecados, e que almas iriam à perdição. [...] (*Tradução minha*).³⁵

Esse sermão exemplifica a integração entre doutrina, piedade e imaginação teológica que marca a pregação de Savonarola. Ele não apenas apresenta a Paixão de Cristo como um evento redentor, mas também como um drama intensamente humano, que envolve os afetos, os sentidos e a experiência interna do Redentor. A descrição sensorial e emocional dos sofrimentos de Cristo visa não ao sentimentalismo, mas à formação espiritual: os fiéis são convidados a contemplar, sofrer com Cristo e, sobretudo, perseverar com Ele.

Dando voz aos sofrimentos do Cristo encarnado, Savonarola reforça o papel pastoral da proclamação cristã, uma proclamação que não se limita a informar, mas que busca formar, consolar e exortar, moldando o coração do ouvinte à imagem de Jesus Cristo, mesmo na cruz.

1.2 A Proclamação Cristocêntrica entre os Reformadores e Puritanos

O advento da Reforma Protestante, no século XVI, trouxe uma profunda renovação à interpretação das Escrituras e à prática da pregação cristã. Em contraste com a tradição escolástica medieval, os Reformadores centraram sua hermenêutica na pessoa e obra de Jesus Cristo, reconhecendo-o como o cumprimento das promessas do Antigo Testamento e o coração pulsante de toda a revelação bíblica. A máxima *Solus Christus* expressa essa convicção: Cristo é o único mediador, o único redentor e o único centro legítimo da mensagem bíblica.

Essa ênfase encontrou continuidade e aprofundamento no movimento puritano dos séculos XVI e XVII. Firmemente enraizados na teologia reformada, os puritanos compreenderam a pregação como o principal meio pelo qual Cristo é oferecido aos pecadores e pode edificar os santos. Assim, ao longo desta seção, serão examinados alguns representantes (três da Reforma e três do Puritanismo) buscando perceber como a proclamação cristocêntrica foi expressa, defendida e aplicada em momentos tão decisivos para a história da Igreja.

³⁵ SAVONAROLA, Girolamo. **Selected Writings of Girolamo Savonarola: Religion and Politics, 1490–1498.** Tradução e edição por Anne Borelli e Maria Pastore Passaro. New Haven: Yale University Press, 2006. Sermon XLIV – Amos and Zacharias, em “Pastoral Ministry”. p. 166–167. Disponível em: <https://traditio-op.org/biblioteca/Savonarola/Selected-Writings-of-Girolamo-Savonarola-Religion-and-Politics-1490%E2%80%931498.pdf>. Acesso em: 20 de Maio de 2025.

1.2.1 Reformadores

A Reforma Protestante, iniciada no início do século XVI, marcou uma das maiores rupturas e renovações na história da cristandade ocidental. Esse movimento, encabeçado por figuras como Martinho Lutero, Ulrico Zuínglio e João Calvino, buscou restaurar a centralidade das Escrituras, da graça e da fé, em oposição aos desvios doutrinários e práticos acumulados pela Igreja medieval. Como observa Timothy George, a Reforma foi, acima de tudo, uma tentativa de “recentrar o cristianismo na obra redentora de Jesus Cristo”³⁶, o que se refletiu diretamente na teologia, na espiritualidade e na prática da pregação dos Reformadores.

A hermenêutica reformada, embora diversificada entre os diferentes centros do movimento, convergia em torno de uma interpretação cristológica da Escritura, particularmente no que se refere à unidade entre os testamentos e à suficiência de Cristo como mediador da revelação e da salvação. A Reforma recuperou o púlpito como lugar central no culto cristão, elevando a pregação à condição de meio ordinário da graça. A exposição bíblica tornou-se, portanto, o principal instrumento para comunicar Cristo ao povo. Como analisa Hughes Oliphant Old, a pregação reformada visava não apenas ensinar doutrina, mas “levar os ouvintes à comunhão com Cristo vivo”.³⁷

a. Martinho Lutero (c. 1483-1546 d.C.)

Martinho Lutero foi um dos mais influentes reformadores da história da Igreja, cuja atuação teológica transformou não apenas a doutrina, mas também a prática da pregação cristã. Antes mesmo de se tornar uma figura pública por meio da publicação das 95 Teses, Lutero já se destacava como pregador popular entre os monges e como professor universitário. Seu impacto se intensificou com o uso estratégico da imprensa, o que possibilitou ampla disseminação de suas ideias em toda a Europa.³⁸

A partir de sua “teologia da cruz”, bem apresentada por Robert Kolb, Lutero pregava distinguindo corretamente entre Lei e Evangelho, com o propósito de introduzir o ouvinte no

³⁶ GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. Tradução de Luiz Marcos da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 29.

³⁷ OLD, Hughes Oliphant. *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church: Volume 4 – The Age of the Reformation*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 20.

³⁸ KOLB, Robert. *Martinho Lutero: pregando uma teologia da cruz*. In: FORREST, Benjamin K. (Org.). *A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*. v. 1: Dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 329.

texto bíblico, permitindo que a Palavra de Deus se dirigisse diretamente à sua vida. Seus sermões não apenas eram dirigidos aos frequentadores comuns das igrejas, mas especialmente aos alunos da Universidade de Wittenberg, que posteriormente difundiram sua mensagem e método em diversas regiões. Além disso, sua influência na prática homilética perdurou graças à publicação de sermões-modelo e apostilas organizadas segundo o sistema pericópico tradicional. Assim, Lutero moldou decisivamente a proclamação cristocêntrica na Reforma Protestante, ao centrar sua pregação na revelação de Cristo nas Escrituras.

Conforme destacam Robert Kolb e Charles Arand, Lutero lia toda a Escritura, de Gênesis a Apocalipse, reconhecendo nela a voz de um Deus que fala. Para ele, esse Deus que se revela em e como Jesus Cristo é um Deus cuja fala não apenas comunica, mas cria, perdoa e recria, transformando pecadores em filhos de Deus.³⁹

Essa visão fundamenta sua teologia da cruz e confere à pregação um caráter eminentemente cristocêntrico, pois é no Cristo crucificado que Deus fala de forma mais clara e eficaz à humanidade. Nesse sentido, Kolb sintetiza de forma precisa os princípios homiléticos do reformador:

Portanto, todo ensinamento e toda pregação de Lutero eram orientados pela distinção entre a mensagem apresentada pelo plano de Deus para a vida humana e a mensagem daquilo que Deus dá gratuitamente ao enviar Jesus Cristo para morrer e ressuscitar, a fim de restaurar os pecadores como filhos de Deus.⁴⁰

Essa ênfase teológica transparece claramente em seus sermões e escritos, nos quais Cristo ocupa o centro não apenas como tema, mas como agente vivo da comunicação divina. Aliás, o próprio Lutero, em *The German Mass and Order of Divine Service*, de 1526, afirma: “Em todo o Serviço Divino a parte principal e principal é pregar e ensinar a Palavra de Deus”.⁴¹

Martinho Lutero, embora crítico declarado da alegoria como método de interpretação, por vezes ainda a utilizava em seus comentários bíblicos, refletindo certa influência do ambiente exegético de sua época. Contudo, como observa Heinrich Bornkamm, Lutero tendia a favorecer o uso de tipologias veterotestamentárias que apontassem diretamente para Cristo

³⁹ KOLB, Robert; ARAND, Charles P. *The genius of Luther's theology: a Wittenberg way of thinking for the contemporary church*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008, p. 200-220.

⁴⁰ Ibid, Martinho Lutero: pregando uma teologia da cruz. p. 336.

⁴¹ LUTHER, Martin. *The German Mass and Order of Divine Service*, January 1526. In: KIDD, B. J. (ed.). *Documents Illustrative of the Continental Reformation*. Oxford: Clarendon Press, 1911. p. 193–202. Disponível em: <https://history.hanover.edu/texts/luthserv.html>. Acesso em: 20 de Maio de 2025.

e para a igreja do Novo Testamento, reforçando assim a centralidade do Evangelho em suas leituras das Escrituras.⁴² Como afirmou, em seu sermão de 2 de outubro de 1530, no décimo sexto domingo após Trindade, em Lucas 7.11-17:

A Palavra de Deus, é claro, é pregada a nós, a bondade de Deus e tudo o que nos é dado por meio de Cristo; mas isso ainda não é suficiente, isso é apenas tocar o caixão. A voz de Cristo no coração também deve ser acrescentada, para que creiamos na Palavra, que ela é realmente como pregamos. O jovem não se levantou imediatamente após ser tocado, mas quando o Senhor falou: “Jovem, eu te digo, levanta-te!”. Essa voz comoveu o coração e fez o morto voltar à vida. Quando, de maneira semelhante, ouço a Palavra e permito que tradições humanas me comovam, os homens continuam a me carregar e eu continuo em angústia — isso pouco me ajuda. Eu devo, além do sermão externo, também ouvir essa voz no coração: “Jovem, eu te digo, levanta-te”; isto é, devo crer nesse sermão, apegar-me a ele com o coração, confiar nele e não permitir que pecado, morte, diabo ou inferno me afastem dele. (*tradução minha*)⁴³

Para Lutero, a proclamação cristocêntrica não apenas informa, mas confronta, vivifica e transforma. A pregação que não conduz o ouvinte ao Cristo que fala no coração não é fiel à vocação do púlpito.

b. William Tyndale (c. 1494-1536 d.C.)

William Tyndale foi um pregador, teólogo bíblico e linguista cuja contribuição à Reforma inglesa foi marcada por seu comprometimento com a centralidade das Escrituras e com o acesso do povo à Palavra de Deus em sua própria língua. Conforme destaca Scott A. Wenig, Tyndale influenciou decisivamente não apenas o avanço da Reforma na Inglaterra, mas também a história da pregação protestante ao traduzir boa parte da Bíblia para o inglês, tornando-a acessível ao público leigo. Seu trabalho foi a base para a futura Versão King James de 1611, impactando profundamente a tradição exegética e homilética da cristandade de língua inglesa.⁴⁴ Tyndale entendia que a tarefa de traduzir as Escrituras estava conectada à proclamação. Tradução, não era uma tarefa neutra ou técnica, mas um ato pastoral e profético.

⁴² BORNKAMM, Heinrich. **Luther and the Old Testament**. Philadelphia: Fortress Press, 1969. Disponível em: <https://archive.org/details/lutheroldtestame0000born>. Acesso em: 20 maio 2025.

⁴³ Ibid. **The Raising of the Widow's Son at Nain: Sixteenth Sunday after Trinity**. In: BUCHER, Richard (Ed.). *The Sermons of Martin Luther*, v. V:128-139. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1983. Disponível em: <https://www.lectionarycentral.com/trinity16/LutherGospel.html>. Acesso em: 20 maio 2025.

⁴⁴ WENIG, Scott A. “**William Tyndale**: Tradução para a tarefa da proclamação.” In *A História da Pregação: Volume 1 – Dos Apóstolos aos Revivalistas*, ed. Benjamin K. Forrest et al., Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 389.

Conforme William Tyndale expôs em sua resposta a Thomas More, a justificação pela fé ocorre por meio da exposição da Lei e da oferta graciosa do Evangelho. Deus, ao revelar a incapacidade humana de cumprir a Lei, conduz o pecador à dependência da obra de Cristo:

"Percebe, portanto, que o caminho para a justificação, ou o perdão dos pecados, é a Lei. Deus faz com que a Lei seja pregada a nós, grava-a em nossos corações, e nos faz, por boas razões, perceber que a Lei é boa e deve ser cumprida — e que aqueles que não a cumprem são dignos de condenação. Por outro lado, percebo que não há poder em mim para cumpri-la, e, assim, logo cairia em desespero, se não recebesse auxílio. Mas Deus, que começou a me curar e aplicou esse corrosivo às minhas feridas, continua com seu tratamento: apresenta-me seu Filho Jesus, com toda sua paixão e morte, e diz: 'Este é meu Filho amado. Ele orou por ti e sofreu tudo isso por tua causa. Por causa dele, perdoo-te tudo o que fizeste contra esta boa Lei, e curarei tua carne, e te ensinarei a guardá-la, se estiveres disposto a aprender. E terei paciência contigo, e aceitarei de bom grado tudo o que fizeres, até que possas fazer melhor; e, nesse meio tempo, apesar de tua fraqueza, ainda assim te amarei tanto quanto amo os anjos no céu, contanto que te esforces por aprender. Eu te ajudarei, guardarei, defenderei e serei teu escudo, e cuidarei de ti'. Então o coração começa a se amolecer e a sarar, crendo na misericórdia de Deus. E, ao crer, é salvo do temor da morte eterna e torna-se certo da vida eterna; e então, vencido por tanta bondade, começa a amar e a submeter-se novamente à Lei de Deus, desejando aprendê-la e andar nela." (*tradução minha*).⁴⁵

Tyndale compreendia a ação de Deus no processo de justificação: não apenas perdendo pecados em Cristo, mas também restaurando o pecador para que viva de maneira obediente. Sua proclamação era cristocêntrica, na Lei e no Evangelho, não apenas como verdade externa, mas como experiência interior que molda o coração do crente. Como em outra ocasião afirmou:

"Pois não há perigo para os que estão em Cristo, os quais não andam segundo a carne, mas lutam contra ela. E ele [Paulo] explica mais amplamente qual é a natureza da carne e do Espírito; e como o Espírito vem por Cristo, sendo este Espírito o que nos torna espirituais, doma, subjuga e mortifica a carne; e nos certifica de que ainda somos filhos de Deus e também amados, mesmo que o pecado continue a agir furiosamente em nós, contanto que sigamos o Espírito e lutemos contra o pecado, para matá-lo e mortificá-lo." (*tradução minha*).⁴⁶

Para William o cristão é simultaneamente justificado e ainda em luta contra o pecado, mas encontra segurança e identidade em Cristo. A proclamação do Evangelho, para ele, não apenas anuncia uma realidade objetiva, mas aplica ao coração do ouvinte: é Cristo quem concede o Espírito, que mortifica a carne e confirma a filiação divina mesmo em meio às batalhas espirituais. Tyndale, assim, contribuiu decisivamente para a formação de uma

⁴⁵William Tyndale, *Answer to Sir Thomas More's Dialogue*, The Fourth Book, XI, p. 195, Cambridge: The University Press, 1850.

⁴⁶Ibid. *Doctrinal Treatises*. p. 450.

hermenêutica e proclamação reformadas centradas em Cristo, onde Lei e Evangelho cooperam para gerar glória de Cristo.

c. João Calvino (c. 1509-1564 d.C.)

João Calvino foi, ao mesmo tempo, um dos maiores teólogos e exegetas da cristandade, cuja contribuição à Reforma Protestante transcendeu sua obra mais conhecida, as Institutas da Religião Cristã. Embora muitos o associem quase exclusivamente a esse tratado, Anthony N. S. Lane destaca que tal visão é equivocada, pois Calvino dedicou a maior parte de sua vida ministerial à exposição sistemática das Escrituras, tanto por meio de comentários quanto pela pregação regular.⁴⁷

Lane afirma que Calvino pregava consecutivamente, livros inteiros da Bíblia, porque entendia que era assim a prática dos primeiros cristãos⁴⁸. A pregação de Calvino está fortemente enraizada na doutrina da mediação de Cristo (e da justificação pela fé). Para ele, até mesmo os nossos atos de adoração, como as orações e louvores, carecem de purificação. Em um sermão sobre Gálatas, Calvino afirma:

“Não duvidamos de que todas as nossas obras agradam a Deus, quando são dedicadas a ele pelo sangue de nosso Senhor Jesus Cristo; pois ele é o verdadeiro sacerdote que oferece nossas oblações e as torna aceitáveis a Deus. E é necessário que ele intervenha, para tornar agradáveis a Deus, seu Pai, as nossas obras — especialmente considerando que até mesmo nossas orações e os próprios louvores que lhe oferecemos seriam mera imundícia, se não fossem purificados por nosso Senhor Jesus Cristo. Conforme também diz o Apóstolo (Hb 13.15), é por meio dele que oferecemos a Deus os bezerros dos nossos lábios, ou seja, os sacrifícios de louvor pelos quais ele é glorificado.” (*tradução minha*).⁴⁹

Para Calvino, não existe proclamação cristã sem Cristo como Mediador. De Cristo é o poder da proclamação, por meio dele toda a adoração se torna aceitável a Deus. A pregação fiel, segundo Calvino, será sempre uma exposição das Escrituras, diante do Pai, em submissão ao Espírito, para glória de Cristo.

1.2.2 Puritanos

O movimento puritano, surgido no final do século XVI e florescendo ao longo do século XVII na Inglaterra e na Nova Inglaterra, representou uma continuidade e ao mesmo tempo um aprofundamento do projeto teológico e espiritual da Reforma. Herdeiros diretos de

⁴⁷ LANE, Anthony N. S. **João Calvino**: pregando o Cristo glorioso, p. 407.

⁴⁸ Id. p.410.

⁴⁹ CALVIN, John. **Sermons on Galatians**. The Ages Digital Library – Sermons. [S.l.]: 1998. p.467

Calvino (entre outros), os puritanos buscaram aplicar de maneira ainda mais consistente os princípios da Reforma à vida pessoal, eclesiástica e social.

A pregação ocupava lugar central em sua espiritualidade, sendo vista não apenas como exposição doutrinária, mas como meio de graça pelo qual o próprio Cristo se comunica ao seu povo. Como destaca Marcos Cleber Santos Siqueira, “os puritanos eram tanto cristocêntricos como teocêntricos. Isso se devia a sua doutrina estruturalmente pactual”.⁵⁰ Nesse sentido, a proclamação cristocêntrica dos puritanos se manifestava não apenas na leitura tipológica e redentiva da Escritura, mas também na forma como a aplicação do texto bíblico visava conduzir o crente à comunhão viva e prática com Cristo.

a. William Perkins (c. 1558-1602 d.C.)

William Perkins é frequentemente lembrado como o “príncipe dos teólogos puritanos”.⁵¹ Sua vida e ministério refletiram um compromisso firme com a suficiência das Escrituras e com uma piedade prática profundamente moldada pela teologia calvinista. Dwayne Milioni lembra que longe de ser um opositor frontal da Igreja da Inglaterra, Perkins buscou reformar a igreja de dentro, adotando uma postura pastoral equilibrada e influente tanto entre os estudiosos de Cambridge quanto entre os fiéis da igreja Great St. Andrews. Seu foco ministerial estava centrado na instrução do povo de Deus com a Palavra de Deus, e seu estilo de pregação, claro, direto e profundamente aplicado, marcaram gerações.

Para William Perkins, a eleição divina possui um fundamento real e atual em Cristo, pois “somos escolhidos em Cristo”. Ele distingue que, enquanto Deus, Cristo participa da predestinação como as demais pessoas da Trindade, mas, enquanto Mediador, é nele que os eleitos são escolhidos. Como observaram Beeke e Jones:

Perkins escreveu sobre “o fundamento atual ou real da eleição de Deus, e esse é Cristo: e, portanto, somos ditos como escolhidos “em Cristo”. Ele deve ser considerado de duas maneiras: como ele é Deus, somos predestinados por ele, assim

⁵⁰ SIQUEIRA, M. C. S. **A pregação puritana: [recurso eletrônico] cristocêntrica, sim; cristomonística, não.** Monografia (Magister Divinitatis) — Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Orientação: Prof.^a Dr.^a Dario de Araujo Cardoso. Disponível em: <https://adelfa-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/1f821131-7e88-47d6-9118-9538abd93b13/content>

⁵¹ MILIONI, Dwayne. “**William Perkins: Príncipe da Pregação Puritana.**” In: Forrest, Benjamin K. (org.). *A História da Pregação: A vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*, volume 1. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 429–446.

como somos predestinados pelo Pai e pelo Espírito Santo. Como ele é nosso Mediador, somos predestinados nele.”(*tradução minha*).⁵²

Em seu livro mais conhecido no Brasil, “A Arte de Profetizar”, William Perkins demonstra claramente como entende que devem ser as pregações expositivas, e seu método pode ser sintetizado em poucas palavras:

“A pregação envolve: (1) Ler claramente o texto das Sagradas Escrituras canônicas. (2) Explicar o seu significado, uma vez lido, à luz das próprias Escrituras. (3) Extrair alguns pontos proveitosos de doutrina do sentido natural da passagem. (4) Se o pregador for devidamente capacitado, aplicar as doutrinas assim explicadas à vida e prática da congregação com uma linguagem direta e simples. O cerne da questão é este: Pregar um só Cristo, por meio de Cristo, para o louvor de Cristo. Soli Deo Gloria – A Deus somente seja a glória!”⁵³

Perkins consolidou uma teologia da pregação profundamente bíblica, prática e cristocêntrica. Sua metodologia exposta em *The Art of Prophesying* tornou-se referência, e seu lema, “Pregar um só Cristo, por meio de Cristo, para o louvor de Cristo” é o núcleo da proclamação reformada. Sua contribuição estabeleceu as bases para uma homilética que une fidelidade exegética, clareza doutrinária e aplicação pastoral, tudo centrado na pessoa e obra de Jesus Cristo.

b. John Owen (c. 1616-1683 d.C.)

John Owen foi um dos mais eminentes teólogos puritanos, destacando-se por sua erudição e piedade. Reconhecido tanto por aliados quanto por opositores como um pensador de raro rigor intelectual, Owen aliou profundidade acadêmica à experiência espiritual pessoal, refletindo o ideal puritano de unir doutrina e vida. Escritor prolífico e defensor apaixonado da ortodoxia reformada, Owen mostrou equilíbrio entre uma teologia robusta e uma espiritualidade vivida. Como observa Henry M. Knapp, em um contexto no qual a piedade prática, o domínio do mundo acadêmico e o compromisso com a verdade doutrinária eram altamente valorizados, Owen emergiu como um verdadeiro modelo entre seus contemporâneos.⁵⁴

⁵² BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. **A Puritan Theology: Doctrine for Life**. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2012. Cap. 7: William Perkins on Predestination, p. 179. ISBN 978-1-60178-166-6.

⁵³ PERKINS, William. **The Art of Prophesying**. 1. ed. em latim 1592; 1. ed. em inglês 1606. Disponível em: https://www.monergism.com/thethreshold/sdg/perkins_prophesying.html. Acesso em: 21 maio 2025.

⁵⁴ KNAPP, Henry M. “**John Owen**: pregando para a glória de Deus”. In: FORREST, Benjamin K. (Org.). *A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*. Vol. 1: Dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 465.

Knapp, comentando sobre os fundamentos teológicos da pregação de Owen deixa claro que “Owen pregava e escrevia com paixão sobre a pessoa e a obra de Cristo, encorajando a comunhão do fiel com a Trindade; sua obra sobre a natureza e operação do Espírito Santo é uma obra-prima, e poucas outras se comparam a ela”.⁵⁵

Para Owen, não bastava proclamar Cristo com os lábios em pregações, ou com palavras em escritos. Cristo deveria ser o referencial de ministério pastoral, pregação e qualificações para o ministro, como afirma:

“A obra do ministério, que consiste na oração e na pregação da Palavra, ou no labor na Palavra e na doutrina, à qual está anexada a administração dos selos do pacto, juntamente com todos os deveres relacionados à aplicação específica dessas coisas (já mencionadas) ao rebanho, é, ordinariamente, suficiente para ocupar todo o homem e o máximo de seus dons, aqueles que são chamados ao ofício pastoral na igreja. [...] ‘Quem é suficiente para essas coisas?’ (2Co 2.16). E o modo de seu desempenho aumenta ainda mais seu peso; sem mencionar a intensidade de mente, no exercício da fé, do amor, do zelo e da compaixão, que se exige deles no cumprimento de todo o seu ofício [...] Aqueles que pretendem exercer o ofício pastoral para viver, talvez, em riqueza e prazer, sem se importar com os sofrimentos e tentações de seu rebanho, ou dos pobres dentre eles, ou ainda vinculados a igrejas nas quais é impossível que sequer conheçam o estado da maior parte das pessoas, não estão de acordo com a instituição do seu ofício, nem com o propósito de Cristo ao estabelecê-lo.” (*tradução minha*).⁵⁶

A centralidade de Cristo e a obra do Espírito são o elo entre o Cristo proclamado e o Cristo experimentado no coração regenerado. Assim, a pregação deve estar em profunda consonância com a ação regeneradora e santificadora do Espírito. Nesse sentido, Owen expressa com clareza:

“É Deus que, pela Sua vontade, nos recria, nos vivifica e nos gera novamente. Mas quando a regeneração é-nos imputada, tais atividades se expressam passivamente. Somos criados em Cristo Jesus. Somos feitos novas criaturas. Somos nascidos de novo. Todas essas coisas seriam impossíveis de ocorrer se não fossem efetuadas por Deus [...] O Espírito Santo não modifica a essência de nossos desejos mas santifica-os e guia-os com Sua luz salvadora e com o Seu conhecimento. Assim Ele associa os desejos ao seu objeto apropriado que é Cristo.” (*tradução minha*).⁵⁷

Owen é, portanto, um referencial de uma pregação que não apenas anuncia Cristo, mas que exige um ministério moldado por Ele e para Ele. Sua teologia da pregação insiste que a eficácia do púlpito depende tanto da fidelidade doutrinária quanto da obra interior do

⁵⁵ Id. p. 469.

⁵⁶ OWEN, John. **The True Nature of a Gospel Church**. London: Printed for William Marshall, 1689. p.136-141.

⁵⁷ OWEN, John “A Regeneração”. *Revista Os Puritanos*, Ano XI, nº 03, jul./ago./set. 2003. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/regeneracao/regeneracao2_owen.htm. Acesso em: 20 de Maio de 2025.

Espírito. A proclamação cristocêntrica, em Owen, é o fruto de um ministério enraizado na glória de Deus, sob a cruz de Cristo e no poder do Espírito.

c. John Bunyan (c. 1628-1688 d.C.)

John Bunyan não foi um exímio teólogo acadêmico, mas um homem comum cuja vida se tornou um testemunho vivo da graça de Deus. Sua história se confunde com sua obra mais conhecida “O Peregrino”, porque ele mesmo caminhou por vales sombrios e montanhas de provação antes de encontrar liberdade em Cristo. Bunyan não foi marcado apenas por sua habilidade como pregador, mas a profundidade com que a Bíblia moldou sua alma. Ele não falava de verdades distantes, mas havia experimentado na pele.

Larry Steven McDonald lembra que, quando o governo o perseguiu, quando a prisão tentava calá-lo e quando a dor bateu à sua porta, sua resposta foi sempre a mesma: pregar, com convicção e coragem, a Palavra que o sustentava. Ele pregou com a vida.⁵⁸ John Bunyan era conhecido por suas pregações claras e diretas, com um estilo retórico acessível e uso criativo de alegorias e narrativas, características destacadas pelos puritanos de sua época (Larsen apud McDonald, 2020, p. 492).⁵⁹ Nas palavras de Bunyan:

Quando Deus revela a uma pessoa os pecados que cometeu, o inferno que merece e o céu que perdeu, e ainda assim lhe apresenta Cristo, a graça e o perdão como disponíveis, isso a tornará séria, derreterá seu coração e o quebrantará. Isso mostrará que há mais na religião do que apenas ar, barulho e palavras vazias. E essa é a pessoa cujo coração, vida e conduta estarão completamente envolvidos com as questões que dizem respeito à salvação eterna de sua alma preciosa e imortal. (tradução minha).⁶⁰

Esse tipo de pregação vívida, pastoral e profundamente teológica em sua simplicidade, brotava de uma alma moldada pelo sofrimento e pela graça. A Palavra que ele anunciava havia sido antes proclamada ao seu próprio coração. Como ele mesmo testemunha em sua autobiografia espiritual, sua pregação evoluiu conforme o evangelho o alcançava mais profundamente:

“Assim continuei por cerca de dois anos, clamando contra os pecados dos homens e o estado terrível em que se encontravam por causa deles. Depois disso, o Senhor

⁵⁸ MCDONALD, Larry Steven. “**John Bunyan**: pregando a Palavra de coração para coração”. In: FORREST, Benjamin K. (Org.). *A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*. Vol. 1: Dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 487.

⁵⁹ Larsen, The Company of Preachers, p. 275, apud Larry Steven McDonald, “John Bunyan: pregando a Palavra de coração para coração”, in: Benjamin K. Forrest (org.), *A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*, vol. 1, Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 492.

⁶⁰ BUNYAN, John, **The Acceptable Sacrifice**: The Excellency of a Broken Heart, p. 96.

veio à minha alma, trazendo certa paz e consolo por meio de Cristo; pois Ele me deu muitas doces revelações de Sua bendita graça. Por isso, minha pregação mudou (pois eu sempre pregava o que via e sentia); a partir de então, me esforcei muito para apresentar Jesus Cristo em todos os seus ofícios, relações e benefícios ao mundo; e também me empenhei em expor, condenar e remover os falsos apoios e sustentáculos nos quais o mundo confia — e por causa dos quais ele tropeça e perece. Sobre essas coisas, insisti tanto quanto nas anteriores.” (tradução minha).⁶¹

Em Bunyan, fé, sofrimento e proclamação de Cristo estão entrelaçados. Ele não separava a teologia da experiência, nem a doutrina da piedade. Sua vida e sua pregação revelam o coração quebrantado que ele tanto exaltava: um coração que, tendo sido alcançado pela graça, não podia deixar de anunciar com zelo a suficiência de Cristo para os pecadores.

1.3 A Proclamação Cristocêntrica entre os Revivalistas e Teólogos Modernos

Os séculos posteriores a Reforma e ao Puritanismo testemunharam o surgimento de movimentos de renovação espiritual profundamente marcantes na história da igreja protestante, especialmente nos contextos europeu e norte-americano. Conhecidos como avivamentos (*revivals*), tais movimentos foram caracterizados por uma intensa ênfase na conversão pessoal, no arrependimento e na experiência da salvação em Cristo.⁶² Apesar das muitas variações doutrinárias entre os pregadores envolvidos nesses despertares, uma nota comum os unia: a proclamação do Evangelho do Senhor Jesus Cristo.

Autores como Ian Murray destacam que os grandes avivamentos históricos foram, em sua essência, recuperações da pregação e da doutrina da justificação pela fé, numa época em que o racionalismo, o liberalismo e o formalismo ameaçavam a vitalidade da fé evangélica.⁶³ O Cristo crucificado e ressurreto deveria ser apresentado não apenas como exemplo moral ou mestre espiritual, mas como o Salvador poderoso que confronta o pecador e o atrai graciosamente à comunhão com Deus.

Com o advento da modernidade, a proclamação cristocêntrica enfrentou novas tensões.⁶⁴ Alguns teólogos procuraram responder a esses dilemas reafirmando a centralidade de Cristo na revelação e na vida da igreja, enquanto outros se afastaram de uma leitura cristológica das Escrituras em favor de abordagens existenciais, éticas ou simbólicas.

⁶¹ Ibid. **Grace Abounding to the Chief of Sinners: In a Faithful Account of the Life and Death of John Bunyan**, p. 105

⁶² Mark A. Noll, **The Rise of Evangelicalism: The Age of Edwards, Whitefield and the Wesleys** (Leicester: IVP Academic, 2004), p. 15–18.

⁶³ Iain H. Murray, **Pentecost – Today? The Biblical Basis for Understanding Revival**, Edinburgh: Banner of Truth, 1998. p.26-27

⁶⁴ Alister E. McGrath, **Christian Theology: An Introduction**, 6ª ed. (Oxford: Wiley-Blackwell, 2017), p. 70–85.

Portanto, examinaremos brevemente, alguns representantes dos movimentos revivalistas e da teologia moderna que buscaram, cada um à sua maneira, proclamar Cristo em seus respectivos contextos históricos e eclesiais.

1.3.1 Revivalistas

Agrupamos neste período os homens que vivenciaram o período das renovações que ficaram conhecidos como avivamentos ou despertamentos. Tais eventos ocorreram, sobretudo, em resposta a uma crescente frieza espiritual nas igrejas e ao avanço das ideias estranhas ao entendimento bíblico. Emergiu uma pregação intensamente voltada à experiência pessoal da salvação, no arrependimento sincero e na fé em Cristo como única esperança de redenção. A pregação, portanto, ganhou contornos evangelísticos marcantes, buscando não apenas instruir, mas confrontar e mover os ouvintes à resposta ao chamado de Deus. Esses movimentos deixaram um legado duradouro ao ressaltar a centralidade de Cristo não apenas como objeto da doutrina, mas como Salvador dos que creem e vivem pela fé.

a. *George Whitefield (c. 1714-1770 d.C.)*

Entre os grandes nomes do reavivamento protestante do século XVIII, George Whitefield ocupa um lugar de destaque por sua impressionante combinação de zelo evangelístico, fidelidade doutrinária e poder de comunicação. Herdeiro da tradição puritana e influenciado pela teologia reformada, Whitefield levou a pregação a amplas multidões nas Ilhas Britânicas e nas colônias americanas, tornando-se um dos principais protagonistas do Primeiro Grande Despertamento. Sua atuação não apenas marcou profundamente o cenário religioso de sua época, como também modelou o entendimento homilético do evangelicalismo anglo-americano nas gerações seguintes. Conforme analisam Bill Curtis e Timothy McKnight, Whitefield representa uma síntese notável entre preparação teológica, ortodoxia reformada e expressividade pública, constituindo um referencial homilético que continua a inspirar pregadores contemporâneos.⁶⁵ Tanto que, em seu sermão “Andar com Deus”, afirmou:

Quando somos justificados pela fé em Cristo, mas não antes disso, temos paz com Deus; conseqüentemente, até então, ninguém pode dizer que anda com Ele, porque andar com uma pessoa é um sinal e símbolo de que somos amigos daquela pessoa

⁶⁵ CURTIS, B; MCKNIGHT, T. **George Whitefield: evangelista calvinista**. In: FORREST, Benjamin K. (Org.). *A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*. Vol. 1: Dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 591.

ou, no mínimo, embora tenhamos discordado, agora estamos reconciliados e nos tornamos amigos novamente. Essa é a grande missão a que os ministros do evangelho são enviados. A nós é entregue o ministério da reconciliação; como embaixadores de Deus, devemos, em nome de Cristo, suplicar aos pecadores que se reconciliem com Deus e, quando eles aceitarem o gracioso convite e forem realmente levados por fé à condição de reconciliados com Deus, somente então se poderá dizer que eles começaram a andar com Deus.[...] Sou inclinado a acreditar que foi isso o que o apóstolo João desejou que entendêssemos quando falou de uma pessoa permanecer nele, em Cristo, e “também andar assim como ele andou”. E esse é o significado específico das palavras do nosso texto. “Andou Enoque com Deus”, isto é, ele manteve e preservou a comunhão e amizade santa, estabelecida, habitual, embora indubitavelmente não totalmente ininterrupta, com Deus, em e por meio de Cristo Jesus.⁶⁶

Whitefield enfatizava a reconciliação com Deus como condição para uma verdadeira vida de comunhão. Sua linguagem pastoral é profundamente teológica, refletindo a convicção de que caminhar com Deus é consequência da justificação pela fé. A centralidade de Cristo na reconciliação é inegável, demonstrando que sua homilética não se limitava à moralidade ou ao apelo emocional, mas nascia da doutrina da graça. Tal abordagem, enraizada nas Escrituras, antecipava o modo como Whitefield lia e pregava toda a Bíblia de forma cristocêntrica. Nesse sentido, se vê em outro sermão:

“Examinai as Escrituras”, diz nosso bendito Senhor, “porque são elas que testificam de mim.” Buscai, portanto, sempre por Cristo nas Escrituras. Ele é o tesouro escondido no campo, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. No Antigo, vocês o encontrarão sob profecias, tipos, sacrifícios e sombras; no Novo, manifestado em carne, tornando-se propiciação por nossos pecados como Sacerdote, e como Profeta, revelando toda a vontade de seu Pai celestial (*tradução minha*).⁶⁷

Com essa exortação à leitura cristocêntrica da Bíblia, Whitefield reafirma sua convicção de que todo o conteúdo das Escrituras converge para a pessoa e obra de Jesus Cristo. Ao convocar seus ouvintes a encontrarem Cristo tanto nas profecias e sombras do Antigo Testamento quanto em sua manifestação no Novo, Whitefield demonstra a coerência de sua pregação com a tradição reformada que via em Cristo o cumprimento e o centro da revelação bíblica. Essa fidelidade bíblica, aliada à sua paixão evangelística e profundidade espiritual, conferiu-lhe uma estatura singular na história da pregação. Sua voz, ainda que calada pelo tempo, continua ecoando nos púlpitos que se propõem a proclamar todo o conselho de Deus à luz da glória de Cristo.

⁶⁶ WHITEFIELD, G. **Andar Com Deus**. In: Grandes Pregadores Falam sobre Santidade. Tradução: Cláudio F. Chagas. 1.a edição ed. Curitiba, PR: Publicações Pão Diário, 2020. p. 144.

⁶⁷ Ibid. **Selected Sermons of George Whitefield**. Sermão: The Duty of Searching the Scriptures (John 5:39), p. 366.

b. *John Wesley (c. 1703-1791 d.C.)*

John Wesley é frequentemente lembrado por seu vigor evangelístico e impacto social, mas sua influência como pregador vai muito além de resultados numéricos ou pragmatismo ministerial. Durante mais de seis décadas de ministério itinerante, Wesley proferiu milhares de sermões, tornando a pregação o coração pulsante de sua vida teológica. Sua homilética não era uma mera técnica persuasiva, mas expressão viva de uma espiritualidade moldada por convicções profundas: a fé operando pelo amor, a santidade como fruto da graça, e a transformação pessoal como sinal da ação do Espírito. Como destaca Michael Pasquarello III, compreender Wesley como pregador exige atentar tanto para sua fidelidade doutrinária quanto para a sabedoria prática que o guiava, numa abordagem que pode ser chamada, com propriedade, de “teologia homilética”.⁶⁸ Como o próprio Wesley afirma:

“Cabe a nós, portanto, pregar a Cristo, pregando tudo quanto ele revelou. Podemos, sem culpa, sim, e com uma bênção peculiar de Deus, declarar o amor de nosso Senhor Jesus Cristo; podemos falar, de modo especial, do “Senhor, nossa justiça”. Podemos discorrer amplamente sobre a graça de Deus em Cristo, “reconciliando consigo o mundo”; podemos, em momentos apropriados, nos demorar em seu louvor, como aquele que “levou sobre si as nossas iniquidades, foi ferido pelas nossas transgressões e móido pelas nossas iniquidades, e pelas suas pisaduras fomos sarados”. No entanto, ainda assim, não estaríamos pregando a Cristo segundo a sua Palavra, se nos limitarmos apenas a isso. Nós mesmos não estaríamos isentos diante de Deus, a menos que o proclamássemos em todos os seus ofícios. Pregar a Cristo, como obreiro aprovado, é anunciá-lo não apenas como nosso grande Sumo Sacerdote [...] mas também como o Profeta do Senhor, “que por Deus foi feito para nós sabedoria” [...] e, ainda, como aquele que permanece Rei para sempre, legislando sobre todos os que comprou com seu sangue; restaurando à imagem de Deus aqueles a quem primeiro restituiu o favor divino; e reinando em todos os corações crentes até que tenha “sujeitado todas as coisas a si mesmo”, até que tenha expulsado completamente o pecado e instaurado a justiça eterna. (*tradução minha*)⁶⁹

Wesley apresenta categoricamente sua visão da pregação cristocêntrica: anunciar Cristo não se limita a exaltar sua obra expiatória, mas inclui proclamá-lo em todas as suas funções (Profeta, Sacerdote e Rei). Essa estrutura cristologia é, para Wesley, indispensável à integridade homilética. O pregador, portanto, deve conduzir o ouvinte não apenas à fé, mas à obediência, à sabedoria e à santificação. Essa compreensão da pregação conecta-se diretamente com o que ele desenvolve no sermão “A Salvação pela Fé”:

⁶⁸ PASQUARELLO III, Michael. **John Wesley**: teólogo homilético. In: FORREST, Benjamin K. (Org.). *A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*. Vol. 1: Dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 567.

⁶⁹ WESLEY, John. *The Law Established Through Faith*, 2 (Sermon 36). In: *The Works of John Wesley*, 1872 Edition, ed. Thomas Jackson.

Qual é, então, a fé mediante a qual somos salvos? Podemos responder, primeiro, de modo geral, é a fé em Cristo; Cristo e Deus. Através de Cristo, são os seus próprios objetos.[...] A fé cristã não é, então, um assentimento a todo o Evangelho de Cristo, mas antes uma plena confiança no sangue de Cristo, uma confiança nos méritos de sua vida, morte e ressurreição, um descansar nele como nossa propiciação e nossa vida, como dado por nós e vivendo em nós. É uma segura confiança que alguém tem em Deus e que, através dos méritos de Cristo, seus pecados estão perdoados, e ele está reconciliado ao favor de Deus e, como consequência, uma aproximação dele e um apego a ele, como nossa “sabedoria, justiça, santificação redenção” ou, numa palavra, nossa salvação.⁷⁰

Ao definir a fé salvadora como uma confiança viva e pessoal na obra de Cristo, Wesley revela o coração de sua teologia homilética. Para ele, a fé não é mero assentimento intelectual, mas a conversão do pecador em filho reconciliado. Assim, sua pregação visava não apenas à adesão momentânea, mas a um processo contínuo de renovação interior e conformidade com Cristo. John Wesley permanece, portanto, como uma voz que ainda ecoa, desafiando a anunciar Cristo com fidelidade, paixão e santidade.

c. Jonathan Edwards (c. 1703-1758 d.C.)

Jonathan Edwards figura entre os maiores teólogos e pregadores da tradição reformada na América do Norte. Atuando no contexto do Primeiro Grande Despertamento, seu ministério se destacou por unir sólida reflexão doutrinária, sensibilidade espiritual e uma profunda consciência da glória de Deus revelada em Cristo. Sua pregação não visava apenas convencer intelectualmente, mas mover os afetos em direção à beleza da santidade. Como observa Gerald R. McDermott, uma das contribuições mais singulares de Edwards foi sua capacidade de articular uma “estética teológica”, na qual a santidade não era meramente um atributo divino, mas o fulgor da glória que encanta, atrai e transforma o coração regenerado.⁷¹ Essa perspectiva moldou profundamente sua abordagem homilética, tornando Cristo não apenas o centro do conteúdo, mas o próprio esplendor que dá forma e finalidade à proclamação. Como demonstrou:

Visto que há uma reunião admirável de excelências tão diversas em Cristo, assim, nele há tudo para torná-lo digno de seu amor e escolha, para conquistá-lo e para fazer com que você se entregue a ele. Tudo o que há ou possa ser desejável em um amigo pode ser encontrado em Cristo e isso no mais elevado nível que possa ser desejado. Você escolheria ser amigo de uma pessoa de grande dignidade? [...] Em Cristo, grandeza e bondade infinitas reúnem-se e refletem o brilho e a glória uma da outra. Sua grandeza se torna amável por sua bondade. Aquela pessoa que é mais

⁷⁰ Ibid. Sermão: *A Salvação pela Fé*.

⁷¹ McDERMOTT, Gerald R. **Jonathan Edwards: pregando a beleza da santidade**. In: FORREST, Benjamin K. et al. (org.). *A história da pregação: volume 1 – Dos pais da igreja à era da mídia*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 543.

grandiosa, se estiver destituída de bondade, será semelhante ao pior malvado; mas quando a bondade infinita se une com a grandeza, então ela se torna grande, gloriosa e adorável. [...] E quão glorioso é contemplar aquele que é o grande Criador e supremo Senhor do céu e da terra, cheio de condescendência e de piedade e ternas misericórdia para com o vil e indigno!⁷²

Essa descrição revela o coração da espiritualidade em Edwards: uma visão de Cristo que transcende o mero assentimento intelectual e conduz à adoração reverente. A junção de atributos aparentemente paradoxais (grandeza e humildade, majestade e condescendência) formam, em Jonathan Edwards, um retrato profundamente encantador de Jesus. A proclamação cristocêntrica, portanto, não é apenas uma afirmação teológica, mas um convite afetivo, que busca atrair os ouvintes pela beleza de Cristo. É nesse contexto que Edwards desenvolve também sua visão escatológica, na qual a glória de Cristo brilha como luz perpétua da Jerusalém celestial:

No céu, todas as coisas também exibem notavelmente a beleza e excelência de Deus e Cristo, e possuem em si o brilho e doçura do amor divino. A própria luz que brilha no céu e preenche aquele mundo é a luz do amor, pois ela é o esplendor da glória do Cordeiro de Deus, aquela influência tão maravilhosa da meiga mansidão e amor que enchem de luz a Jerusalém celestial. “A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é sua lâmpada” (Ap 21.23). A glória que envolve aquele que reina no céu é tão radiante e suave, que se compara “a um arco-íris semelhante, no aspecto, a esmeralda” (Ap 4.3); o mesmo arco-íris tão comumente usado no Antigo Testamento como adequado emblema do amor e graça de Deus, manifestados em sua aliança. Lemos que a luz da Nova Jerusalém, que é a luz da glória de Deus, se assemelha à pedra de Jaspe, transparente como o cristal (Ap 21.11), significando assim a mais plena preciosidade e beleza; e, quanto à sua continuidade, lemos que ali não existe noite, mas tão-somente um infundável e glorioso dia.⁷³

A centralidade de Cristo na pregação de Jonathan Edwards está, portanto, inseparavelmente ligada à sua concepção da beleza divina e à transformação dos afetos humanos. Sua teologia da pregação não visava apenas formar cristãos ortodoxos, mas almas arrebatadas pela glória do Cordeiro. Assim, Edwards permanece como um dos mais ricos exemplos da proclamação cristocêntrica na tradição reformada, unindo verdade doutrinária, profundidade espiritual em torno de Cristo exaltado.

⁷² EDWARDS, J. **A Excelência de Cristo: Os Atributos Únicos do Filho de Deus**. Tradução: Camila Rebeca Teixeira. 1a Edição ed. Francisco Morato, SP: O Estandarte de Cristo, 2020. p. 64–66

⁷³ Ibid. **Caridade e Seus Frutos: Um Estudo sobre o Amor em 1Coríntios 13**. p. 385

1.3.2 Teólogos Modernos

Consideramos “Teólogos Modernos” aqueles que buscaram responder aos desafios impostos por um mundo em transformação nos séculos XIX e XX. Com o avanço da crítica bíblica, o surgimento das ciências modernas, o crescimento do secularismo e as profundas mudanças sociais colocaram em xeque antigos paradigmas teológicos e exigiram uma nova reflexão sobre a fé cristã. Em meio a esse cenário, surgiram vozes que reafirmaram a centralidade de Cristo não como resposta meramente intelectual às crises do tempo, mas como o fundamento existencial, teológico e homilético da revelação divina. Esses teólogos, homens do seu tempo, lutando contra problemas do seu tempo, mesmo em contextos distintos, partilham do esforço de proclamar o evangelho com profundidade bíblica, vigor doutrinário e sensibilidade pastoral.

a. *Charles H. Spurgeon (c. 1834-1892 d.C.)*

Charles Haddon Spurgeon destacou-se como uma das vozes mais poderosas e influentes da pregação cristã moderna, sendo conhecido até hoje como o “Príncipe dos Pregadores”. Atuando em pleno contexto da Inglaterra vitoriana, sua eloquência cativou audiências das mais diversas classes sociais, reunindo multidões semana após semana no *Metropolitan Tabernacle*, em Londres.

Sua oratória vigorosa, profundamente enraizada na Escritura, aliava clareza doutrinária, zelo pastoral e uma espiritualidade ardente, tornando-o uma referência na história da pregação. A amplitude de seu ministério, que alcançou não apenas o Reino Unido, mas também a Europa continental e as Américas, consolidou seu legado como um proclamador apaixonado pelo evangelho da graça. Como observa Thomas J. Nettles, compreender Spurgeon é reconhecer o entrelaçamento entre seu amor por Cristo, sua fidelidade às Escrituras e seu compromisso em proclamar a verdade com poder e compaixão.⁷⁴ O próprio Spurgeon, sobre a proclamação de Cristo afirma:

“Onde não há nada de Cristo, irmãos e irmãs, não há nada da unção, nada do verdadeiro sabor; e o homem está certo em não frequentar um ministério assim. Tire Cristo da pregação e você terá tirado o leite das crianças! Você terá tirado o alimento sólido dos homens. Mas se o seu objetivo como mestre ou pregador é glorificar a Cristo e levar os homens a amá-lo e confiar nele — ora, esse é

⁷⁴ NETTLES, J. T. “**Charles Haddon Spurgeon: O Príncipe dos Pregadores**”, In: FORREST, Benjamin K. et al. (org.). *A história da pregação: volume 2 – Do iluminismo aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 119.

exatamente o trabalho no qual o próprio coração de Deus está empenhado! O Senhor e você estarão atuando em conjunto — e o Espírito Santo pode selar com sua aprovação uma obra como essa! Não é algo maravilhoso que possamos ser cooperadores de Deus? Quando Ele fez os céus, não pudemos ajudá-lo. Quando Ele acendeu as estrelas, não pudemos ajudá-lo. Quando Ele governa as nações, não podemos ajudá-lo. Mas quando Ele vem glorificar seu Filho, então podemos ser cooperadores com Ele! É por meio de homens, pelo uso de instrumentos, que Cristo será glorificado!” (*tradução minha*)⁷⁵

A pregação centrada em Cristo era, para Spurgeon, mais do que um estilo ou ênfase: era a própria substância do ministério fiel. No sermão citado, ele ressalta que tirar Cristo da pregação é despojá-la de vida, nutrição e autoridade espiritual. Essa consciência moldava a homilética de Spurgeon, que não via contradição entre fidelidade doutrinária e fervor evangelístico. Sua convicção era que, ao proclamar Cristo em sua plenitude, inevitavelmente se proclamam as doutrinas centrais da fé reformada, como fica evidente no seguinte sermão inaugural do Metropolitan Tabernacle:

Se prego a Cristo, devo pregá-lo como cabeça do pacto de seu povo, e quão distante estou, então, da doutrina da eleição? Se prego a Cristo, devo pregar a eficácia de seu sangue, e quão longe estou, então, da grande doutrina da expiação eficaz? Se prego a Cristo, devo pregar o amor de seu coração, e como poderei negar a perseverança final dos santos? Se prego o Senhor Jesus como o grande Cabeça e Rei, quão distante estou da soberania divina? Não devo, se prego Cristo pessoalmente, pregar suas doutrinas? Creio que elas são nada mais do que o crescimento natural daquela grande raiz, ou substância fundamental: a pessoa do Senhor Jesus Cristo. Quem prega Cristo plenamente jamais será negligente na doutrina. E que melhor experiência há para se pregar do que pregar Cristo?” (*tradução minha*)⁷⁶

Spurgeon via na centralidade de Cristo a chave para uma pregação integral, que une experiência e doutrina, afeto e verdade, poder espiritual e coerência teológica. Ele rejeitava tanto uma ortodoxia fria quanto uma espiritualidade vazia de conteúdo. Para ele, Cristo não era apenas um tema entre outros, mas o centro vivo e radiante de toda a Escritura, e, portanto, de toda verdadeira pregação. Ao fazer de Jesus o foco constante do púlpito, Spurgeon demonstrava que proclamar Cristo é, simultaneamente, proclamar suas promessas, seus méritos, sua autoridade soberana e sua obra redentora — em suma, proclamar todo o conselho de Deus. Seu exemplo permanece como um lembrete vívido de que o ministério fiel não é menos doutrinário por ser evangélico, e não é menos espiritual por ser profundamente teológico.

⁷⁵ SPURGEON, H. C. *A Great Sermon by the Greatest Preacher*, sermão nº 2409, pregado em 17 de abril de 1887, publicado em *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 41.

⁷⁶ Ibid. *The First Sermon in the Tabernacle*, 25 de março de 1861, em *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 7.

b. *Karl Barth (c. 1886-1968 d.C.)*

Karl Barth permanece como uma das figuras teológicas mais influentes do século XX, especialmente por seu impacto duradouro sobre a pregação cristã. Em um tempo marcado pelo racionalismo teológico e pela diluição da mensagem cristã, Barth se destacou por manter os olhos fixos no centro da fé: o Deus trino que se revela soberanamente em Jesus Cristo, como lembra William H. Willimon.⁷⁷ Em seus sermões e reflexões, transparece a convicção de que a pregação só é verdadeiramente cristã quando conduz os ouvintes ao encontro com o Cristo vivo, como podemos perceber em um de seus sermões no *Deliverance to the Captives*:

“Eles o crucificaram com os criminosos. Você sabe o que isso implica? Não fique muito surpreso se eu lhe disser que essa foi a primeira comunhão cristã. [...] Os dois criminosos que, nessa hora, foram crucificados com ele, provavelmente nunca tinham ouvido falar dele antes, e certamente não eram convertidos crentes, nem santos. Muito pelo contrário! Mas, nesta hora, eles não podiam abandoná-lo, não podiam dormir. De bom grado ou não, foram forçados a vigiar com ele por muitas longas horas na cruz. Tampouco podiam escapar de sua perigosa companhia. Não podiam muito bem negá-lo, estando publicamente expostos como seus companheiros. É assim que, de fato, foram a primeira comunidade cristã! Ele e eles, eles e ele.”(tradução minha)⁷⁸

Neste poderoso sermão, Barth redefine a comunidade cristã não como uma associação, mas como aqueles que, mesmo na condição de pecadores, foram colocados irremediavelmente ao lado de Cristo, sob o impacto de sua presença e promessa. Ele entende que a pregação, portanto, não é um discurso moralizante nem uma autoajuda religiosa, mas o anúncio do Deus que, em Cristo, se fez presente entre os culpados (mesmo que suas posturas e entendimentos sejam questionáveis). Nesse sentido, a mensagem cristã é, antes de tudo, boas novas aos que não têm nada a apresentar senão a própria miséria, o que nos leva ao coração de sua proclamação da graça, como revelado em outro sermão:

“Provavelmente todos vocês conhecem a lenda do cavaleiro que atravessou o Lago de Constança congelado durante a noite sem saber. Quando chegou à margem oposta e lhe disseram de onde viera, ele desabou, horrorizado. Esta é a situação humana quando o céu se abre e a terra se ilumina, quando podemos ouvir: Pela graça sois salvos! Em tal momento, somos como aquele cavaleiro aterrorizado. Ao ouvirmos essa palavra, involuntariamente olhamos para trás, não é? Perguntando a nós mesmos: Onde estive? Sobre um abismo, em perigo mortal! O que eu fiz? A coisa mais insensata que já tentei! O que aconteceu? Eu estava perdido e milagrosamente fui salvo, e agora estou seguro! Você pergunta: Vivemos mesmo em tal perigo? Sim, vivemos à beira da morte. Mas fomos salvos. Olhe para o nosso Salvador e para a nossa salvação! Olhe para Jesus Cristo na cruz, acusado,

⁷⁷ WILLIMON, H. W. “**Karl Barth**: Pregando Cristo”, In: FORREST, Benjamin K. et al. (org.). A história da pregação: volume 2 – Do iluminismo aos dias atuais. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 351.

⁷⁸ BARTH, Karl. **Deliverance to the Captives**. Tradução de Marguerite Wieser. Nova York: Harper & Row, 1961. p. 77–78. (Sermão “Criminals With Him”).

sentenciado e punido em nosso lugar! Você sabe por causa de quem ele está pendurado ali? Por nossa causa, por causa do nosso pecado, partilhando do nosso cativeiro, carregando o nosso sofrimento! Ele prega a nossa vida na cruz. Foi assim que Deus teve de lidar conosco. Foi dessa escuridão que ele nos salvou. Quem não for despedaçado ao ouvir essa notícia talvez ainda não tenha compreendido a Palavra de Deus: Pela graça sois salvos!”(*tradução minha*)⁷⁹

Barth via a pregação como o anúncio da salvação. O ouvinte, muitas vezes, não tem consciência da profundidade do abismo que o cerca, até que a Palavra de Deus o desperta com o anúncio de que foi salvo por pura graça. O escândalo e a beleza da cruz não são apresentados como abstrações teológicas, mas como realidade viva que rasga a existência humana e a refaz em Cristo. Nesse sentido, a homilética de Barth nos lembra que pregar é anunciar um milagre: Deus veio até nós em Jesus Cristo, e isso muda tudo.

c. D. M. Lloyd-Jones (c. 1899-1981 d.C.)

David Martyn Lloyd-Jones tornou-se uma das vozes mais marcantes do resgate da pregação expositiva, especialmente no contexto britânico. Atuando em um tempo de crescente secularização e superficialidade teológica, Lloyd-Jones resgatou com vigor a centralidade da Palavra de Deus na vida da Igreja reunida, fazendo do púlpito um lugar de piedade e fidelidade. Sua visão de pregação ia além de uma exposição didática da Escritura; tratava-se de um encontro entre Deus e o homem por meio do poder do Espírito. Como destaca Carl Trueman, Lloyd-Jones não apenas demonstrou o que a pregação poderia ser, mas também ofereceu um exemplo inspirador para futuras gerações de pregadores.⁸⁰

Seu ministério influenciou profundamente a teologia e a prática da pregação evangélica contemporânea, deixando um legado de profundidade bíblica, clareza doutrinária e fervor espiritual. Essa abordagem distintiva pode ser ainda mais bem compreendida à luz de sua própria concepção do que significa proclamar, conforme *Pregação e Pregadores*:

Qualquer definição verdadeira a respeito da pregação tem a obrigação de dizer que o homem se acha ali a fim de entregar a mensagem de Deus, uma mensagem da parte de Deus, para aquela gente. Se preferirem a linguagem usada por Paulo, ele é “um embaixador de Cristo”. É isto que ele é. Ele foi enviado, é uma pessoa comissionada e está ali, de pé, como porta-voz de Deus e de Cristo, dirigindo a palavra àquela gente. Noutras palavras, ele não está ali para falar com eles, nem para entretê-los. Ele está ali — e quero ressaltar isso — para fazer algo em benefício daquelas pessoas; [...] Noutras palavras, a pregação é uma transação entre o pregador e o ouvinte. Realiza algo em favor da alma humana, em favor de toda a

⁷⁹ Ibid. p.38

⁸⁰ TRUEMAN, Carl. D. **Martyn Lloyd-Jones**: pregação da Palavra e pregador para a Palavra. In: FORREST, Benjamin K. et al. (org.). A história da pregação: volume 2 – Do Iluminismo aos dias atuais. Tradução de Paulo Sartor. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 387–405.

pessoa, do homem todo; lida com ele de um modo vital e radical.[...] Por que exortamos as pessoas a se arrependerem? Por que as convidamos a crer no evangelho? Não podemos abordar devidamente o assunto do arrependimento, se não abordamos a doutrina do homem, a doutrina da Queda, a doutrina do pecado e a doutrina da ira de Deus contra o pecado. Além disso, quando convidamos os homens a que venham a Cristo e se entreguem a Ele, como podemos fazer isso, se não sabemos quem Ele é e sem saber com que base os convidamos a virem a Ele, e assim por diante.⁸¹

A partir desse trecho, evidencia-se o quanto Lloyd-Jones via a pregação como algo essencialmente teocêntrico e doutrinário. Sua insistência em que a pregação lida com a pessoa humana de forma "vital e radical" reflete sua convicção de que o evangelho é poder de Deus para salvação, não mero discurso motivacional ou filosófico. Essa dimensão existencial e transformadora da pregação se articula profundamente com a mensagem cristológica que permeia seus sermões, como se vê em seu apelo à conformação com Cristo:

Cristo é o novo Homem de Deus, e todos quantos a Ele pertencem haverão de assemelhar-se a Ele. Trata-se de uma doutrina espantosa, admirável e que nos causa assombro. Mas, graças a Deus, sabemos que ela expressa uma realidade. Sabemos que Cristo morreu pelos nossos pecados, e que nossos pecados estão perdoados. [...] Sabemos que pertencemos a Cristo, porquanto realmente temos fome e sede de justiça. Temos consciência do fato que Ele está tratando conosco, que o Seu Santo Espírito está operando em nosso íntimo, revelando-nos as nossas imperfeições e os nossos defeitos, criando em nós anelos e aspirações[...] Acima de tudo, porém, em meio às convulsões próprias da vida, com todos os seus testes, problemas e provações, e, de fato, em meio às tremendas incertezas desta nossa "era atômica", e na certeza da morte e do julgamento final, podemos dizer, juntamente com o apóstolo Paulo: "... e, por isso, estou sofrendo estas cousas; todavia, não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia" (II Timóteo 1:12).⁸²

Esse excerto revela o centro da mensagem de Lloyd-Jones: O Senhor Jesus Cristo. A proclamação da Palavra não termina na exposição intelectual, mas visa a imitação e conformação com o próprio Redentor. Para o médico galês, a verdadeira pregação desperta convicção, arrependimento e nova vida. Essa é a grande esperança da pregação cristã: que, mesmo em um mundo marcado pela incerteza e pelo caos, o Cristo proclamado sustente o crente até o fim. Em Martyn Lloyd-Jones, vemos não apenas um pregador fiel, mas um teólogo do púlpito, cujo ministério nos lembra que pregar é, em essência, tornar Cristo conhecido e exaltado entre os homens.

⁸¹ LLOYD JONES, D. M. **Pregação e Pregadores**. Tradução: João Bentes Marques. 2. ed. ed. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2008. p. 54-66

⁸² Ibid. **Estudos no Sermão do Monte**. Tradução: João Bentes. Segunda Edição ed. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2017. p. 874-875

2. PERCEPÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA DA PROCLAMAÇÃO CRISTOCÊNTRICA

A proclamação cristocêntrica não é fruto de um modismo homilético ou de preferências teológicas isoladas, mas uma expressão coerente do testemunho das Escrituras, da tradição reformada e da reflexão teológica da Igreja. Se no capítulo anterior apresentamos um panorama histórico da centralidade de Cristo na hermenêutica e na proclamação, este capítulo se propõe a estabelecer os fundamentos bíblico-teológicos dessa abordagem.

1.1 Fundamentos Escriturísticos da Proclamação Cristocêntrica

A centralidade de Cristo não é uma construção tardia, mas um fio contínuo que percorre toda a Escritura. Desde as primeiras promessas de redenção no Antigo Testamento até o pleno cumprimento no Novo, a Bíblia testemunha que a proclamação da Palavra sempre teve Cristo como eixo. Entender essa progressividade e coerência é essencial para uma pregação que esteja enraizada na revelação divina.

1.1.1 No Antigo Testamento

Mesmo antes da encarnação de Cristo, a Escritura já apontava para Jesus. O drama redentivo é tecido por meio de tipos, promessas e profecias que encontram seu cumprimento no Messias. A pregação cristocêntrica reconhece esse fio unificador e proclama o Cristo que estava presente desde Gênesis até Malaquias. Veremos, não exaustivamente, alguns textos.

a. O Protoevangelho (Gênesis 3.15)

A unidade das Escrituras é anunciada desde seus primeiros capítulos, quando, em meio ao juízo pelo pecado, Deus proclama uma promessa surpreendente: da descendência da mulher viria aquele que esmagaria a cabeça da serpente (Gênesis 3.15). Este versículo, frequentemente chamado de protoevangelho, estabelece o eixo redentivo de toda a revelação bíblica. Nele se encontra a semente da esperança messiânica, que se desenvolverá progressivamente nas alianças e nas profecias, até atingir sua plena realização na pessoa e obra de Jesus Cristo.

Gênesis 3.15 afirma: “15 Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”⁸³. Esta declaração divina, direcionada à serpente, assume a forma de juízo, mas carrega em seu cerne a promessa da redenção. A estrutura do versículo apresenta dois personagens: a “descendência da mulher”, representando o povo de Deus e, em última instância, o Messias; e a “descendência da serpente”, representando a oposição diabólica à obra divina. A expressão “ele te ferirá a cabeça” aponta para uma vitória definitiva do descendente prometido sobre o mal, enquanto “tu lhe ferirás o calcanhar” indica sofrimento real, porém não fatal, no cumprimento dessa missão. Este versículo não apenas inaugura o conflito redentor, mas estabelece o fio condutor que percorre toda a Escritura: a promessa de um Redentor que vencerá o inimigo por meio dos seus sofrimentos.

A teologia reformada historicamente reconheceu Gênesis 3.15 como a primeira expressão explícita da promessa messiânica, servindo de prisma hermenêutico para a leitura cristocêntrica de toda a Escritura. O termo hebraico *zera'*, traduzido como “descendência” (e melhor traduzido como “semente”), carrega uma ambiguidade proposital, podendo referir-se tanto a um descendente específico quanto a um grupo coletivo. Como observam Waltke e Fredericks, essa elasticidade semântica é desenvolvida ao longo de toda a Escritura, de modo que a promessa envolve o povo de Deus e, de forma culminante, Cristo⁸⁴.

A promessa de Gênesis 3.15 é imediatamente ilustrada, em seu contexto anterior e posterior, por ações divinas que revelam a natureza da redenção. Após a queda, Adão e Eva procuram cobrir sua nudez com folhas de figueira (Gn 3.7), símbolo claro das tentativas humanas de lidar com o pecado por meios próprios. Contudo, esses esforços são insuficientes. Em contraste, o Senhor Deus faz vestes de peles e os veste (Gn 3.21), um ato que pressupõe o sacrifício, o primeiro derramamento de sangue. Essa substituição, embora ainda implícita, aponta para a necessidade de um mediador, de um inocente que cubra a culpa do culpado. Com isso, o próprio Deus se revela como o primeiro proclamador da promessa redentora e como o primeiro sacerdote, que oferece um tipo de expiação por meio de um sacrifício substitutivo⁸⁵.

⁸³ Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. Gn 3.15

⁸⁴ WALTKE, B. K.; FREDERICKS, C. J. *Gênesis*. Tradução: Valter Graciano Martins. 1a edição ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2010. p. 111

⁸⁵ CLOWNEY, Edmund. *Encontrando Cristo no Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Vida Nova, 2023. p. 42-43.

Como destaca Clowney, acerca do cumprimento de Gênesis 3.15: “Jesus não vem simplesmente para resgatar o homem das profundezas da sua perda. Ele vem realizar para nós o chamado de nossa humanidade. Seu é o domínio perfeito e derradeiro do homem e sobre o cosmo”⁸⁶. De maneira semelhante, Waltke registra: “A história do paraíso reconquistado só é verdadeira por meio de Cristo. A vinda do Adão celestial, que enfrenta a maldição da fadiga, suor, espinhos, conflito, morte no madeiro, e desce ao pó, reconquista o jardim, rasga ao meio o véu do templo”⁸⁷. Desde o Éden, a proclamação eficaz é aquela que aponta para o que Deus fará em Cristo, o sacrifício que cobre a vergonha, a semente que esmaga o mal e restaura a comunhão perdida.

b. O Saltério de Cristo (Salmo 22)

O Livro do Salmos é extraordinário, e ao longo da história incontáveis adjetivos são utilizados para descrevê-lo. Deus nos deu todo o livro dos Salmos para nos ensinar a orar, e cada um deles aponta para Cristo. Ele não está distante ou inacessível, o verdadeiro Deus-homem, cuja humanidade revela o que a humanidade redimida deve ser e, em sua humanidade, ora por nós diante do Pai, nos Salmos⁸⁸. Dentro desse livro canônico de orações, cânticos e lamentos, o Salmo 22 ocupa um lugar singular: suas palavras iniciais foram pronunciadas por Jesus na cruz (Mt 27.46), e sua estrutura narra, com assombroso detalhe, o sofrimento, a rejeição, a angústia e, por fim, a vitória do Servo.

O Salmo 22 é atribuído a Davi, mas suas palavras ultrapassam a experiência pessoal do rei-poeta. A composição se divide em duas partes distintas, mas interligadas: os versículos 1 a 21 expressam um lamento pungente diante do sofrimento e da sensação de abandono; os versículos 22 a 31 demonstram uma virada triunfante, marcada por louvor e esperança. A abertura do salmo, “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”, não é apenas o clamor de um aflito, mas uma antecipação direta do brado do Cristo crucificado. A descrição vívida da angústia física (“traspassaram minhas mãos e meus pés”, v. 16; “repartem entre si as minhas vestes”, v. 18) e da zombaria dos adversários encontra eco exato nos relatos da paixão de Jesus nos Evangelhos. Ainda assim, o salmo não termina no desespero: ele culmina com a convicção de que o Senhor respondeu ao aflito (v. 24) e com a esperança de que todas as

⁸⁶ Ibid. p.43.

⁸⁷ Id. p.125.

⁸⁸ ADAMS, J. E. **War Psalms of the Prince of Peace: Lessons from the Imprecatory Psalms**, Second Edition (p. 106). P&R Publishing. Edição do Kindle

nações se voltarão ao Deus que reina. O Salmo, articula com profundidade o mistério da cruz: abandono e dor, a fidelidade de Deus, redenção e glória.

Dentro da tradição reformada, o Salmo 22 é amplamente reconhecido como uma profecia messiânica de caráter nítido. João Calvino, em seus comentários, observa que “embora Davi, aqui, lamente suas angústias pessoais, este Salmo foi composto sob a influência do Espírito de profecia concernente ao Rei e Senhor de Davi”.⁸⁹ Allan Harman, comentando o Salmo 22, observa também que “Ele [Jesus Cristo] é aquele que se identificou conosco em nossos sofrimentos [...]. Ele é capaz de ser misericordioso e fiel sumo sacerdote em prol de seu povo, e inclusive para unir-se a eles na ação de cantar louvores pela salvação divina”.⁹⁰ Assim, os intérpretes reformados sempre viram nesse texto uma revelação profética da obra redentora de Cristo, que transforma a dor em louvor e o opróbrio em glória.

A centralidade do Salmo 22 no drama redentivo das Escrituras é reforçada por diversos textos bíblicos que ecoam sua mensagem. As expressões de abandono e dor presentes nos versículos iniciais encontram paralelo direto nas palavras de Cristo na cruz (Mt 27.46; Mc 15.34), enquanto o retrato do sofrimento físico (v.14-18) se assemelha de modo vívido aos relatos da crucificação nos Evangelhos (cf. Jo 19.23-24; Lc 23.35-36). O versículo 18, por exemplo, descreve soldados lançando sortes pelas vestes do sofredor, uma cena cumprida literalmente na paixão de Jesus. A virada do salmo a partir do verso 22, com a expectativa da proclamação da salvação entre os irmãos e entre as nações, refletem a ressurreição e a missão da igreja (cf. Hb 2.11-12; Mt 28.19-20). Essa transição do lamento para o louvor destaca o padrão da cruz e para a glória, que marca toda a narrativa do Evangelho. Como proclamador supremo da vontade de Deus, Jesus não apenas sofreu em nosso lugar, mas também transformou sua agonia em um cântico de esperança.

Em suma, o Salmo 22 não apenas possui precisão profética em relação ao sofrimento de Cristo, mas também nos convida a perceber a beleza do plano redentor de Deus revelado nas Escrituras. O lamento do justo sofredor não termina em desespero, mas conduz à adoração e à esperança escatológica. A cruz não foi o fim, mas o início de uma proclamação universal: “ao Senhor pertence o reino, ele governa as nações” (v. 28). Assim, bem como o

⁸⁹ CALVINO, J. **Salmos**. Tradução: Valter Graciano Martins. Primeira Edição ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009–2012. v. 1p. 427

⁹⁰ HARMAN, A. **Salmos**. Tradução: Valter Graciano Martins. 1a edição ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011. p. 133–134

Salmo 22, o Saltério, é melhor compreendido à luz de Cristo (cf. Hb 10.5-7). Como expressa com clareza James E. Adams: Aprendamos a orar as orações do Senhor por meio do único livro de orações que Deus nos deu, os Salmos do Maior Filho de Davi, Jesus Cristo! Que o Senhor, que inspirou e orou os Salmos, nos ensine a pregá-los, cantá-los e orá-los, para que Jesus Cristo seja proclamado e amado.⁹¹

c. O Quarto Cântico do Servo (Isaías 52.13-53.12)

Dentre os textos mais profundos e messiânicos do Antigo Testamento, destaca-se o Quarto Cântico do Servo, localizado em Isaías 52.13-53.12. Esse texto, parte de uma sequência de cânticos que delineiam o ministério do “Servo do Senhor”, descreve com detalhes impressionantes o sofrimento vicário, a humilhação voluntária e a exaltação gloriosa daquele que carrega sobre si os pecados do povo. Em uma linguagem poética e teológica, o cântico alcança o coração da mensagem redentora das Escrituras, antecipando com clareza extraordinária a obra de Cristo na cruz. Não à toa, este é um dos textos mais citados no Novo Testamento e foi central na proclamação apostólica do Evangelho.

O Quarto Cântico do Servo, apresenta uma das descrições mais vívidas e teológicas da obra redentora do Messias no Antigo Testamento. Composto por cinco estrofes poéticas, o cântico delineia, em ordem progressiva, a humilhação, o sofrimento vicário e a exaltação final do Servo Sofredor, que é Cristo. A primeira estrofe (52.13-15), antecipa que, embora desprezado, o Servo será exaltado sobremaneira, surpreendendo reis e nações. A segunda estrofe (53.1-3), retrata sua aparência desfigurada e sua rejeição. A terceira estrofe (53.4-6), constitui o ápice teológico do cântico, revelando que seu sofrimento foi vicário: “o castigo que nos traz a paz estava sobre ele”. A quarta estrofe (53.7-9), narra sua submissão silenciosa à morte injusta do inocente. Por fim, a quinta estrofe (53.10-12), descreve a recompensa do Servo, que, após ter oferecido sua alma em expiação, verá sua descendência e será grandemente exaltado. Todo o cântico converge para a revelação de que, por meio de sua morte substitutiva, o Servo justificará a muitos, cumprindo perfeitamente a vontade de Deus e intercedendo pelos transgressores, uma imagem clara da cruz e da ressurreição de Jesus.

A interpretação reformada reconhece no Quarto Cântico do Servo uma das mais impressionantes antecipações da obra redentora de Cristo. A tradição vê neste trecho não

⁹¹ Adams, James E.. **War Psalms of the Prince of Peace**: Lessons from the Imprecatory Psalms, Second Edition (p. 108). P&R Publishing. Edição do Kindle.

apenas uma prefiguração simbólica, mas uma profecia direta da morte vicária do Messias. John Oswalt observa que a frutificação da vida do Servo, descrita por imagens de longevidade, descendência e êxito, não advém de sua humildade ou exemplo moral, mas exclusivamente de seu papel como oferenda expiatória. Somente quando o Servo é aceito como sacrifício substitutivo é que ele cumpre plenamente o propósito de Deus, tornando-se o mais frutífero dos homens e pai de muitos dentre todas as nações.⁹² De modo semelhante, Darrell Bock ressalta que Isaías 52.13-53.12 representa a mais clara exposição do plano divino de redenção, revelando tanto a eficácia da morte quanto o triunfo da ressurreição do Servo. Em ambas as leituras, o centro do cântico não está apenas no sofrimento do Servo, mas na certeza do êxito redentor prometido por Deus desde o início: o Servo morreria, mas também ressuscitaria e reinaria eternamente.⁹³

A centralidade de Isaías 53 para a proclamação cristocêntrica é evidenciada já nos primeiros atos missionários da igreja. Em Atos 8.26-40, Filipe encontra um eunuco etíope lendo justamente este cântico, e, a partir dele, “anunciou-lhe Jesus” (v. 35), demonstrando que a identidade e missão do Servo se cumpriram plenamente em Cristo. Tal entendimento é evidente também nas cartas de Pedro e Paulo. Em 1Pedro 2.22-25, o apóstolo cita diretamente trechos de Isaías 53, associando o sofrimento de Cristo ao ministério do Servo que “levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro”. O apóstolo Paulo, por sua vez, embora não cite o cântico tão diretamente, constrói sua teologia da justificação com noções claras do texto e de seus conceitos, especialmente em Romanos 4-5, ao apresentar aquele que morreu pelos ímpios e “ressuscitou para nossa justificação”. O autor de Hebreus também emprega a linguagem do sacrifício vicário e da intercessão em prol dos transgressores (Hb 9.28; 10.10-14), reconhecendo no Servo exaltado aquele que, por meio de seu sofrimento, inaugurou o novo e vivo caminho para Deus (Hb 10.19-22). Assim, Isaías 53 permanece como pilar da cristologia bíblica, sendo não apenas lido, mas vivido e proclamado.

Como bem observa Darrell Bock, Isaías 53 ensina que a vida eterna depende de como se responde à esperança oferecida pelo Servo: ele não morreu por si mesmo, mas em favor dos que reconhecem sua necessidade de perdão, restauração e nova vida. O Servo Sofredor veio não para ser servido, mas para servir, dando sua vida em resgate por muitos.⁹⁴ Por isso, o

⁹² OSWALT, J. **Isaías**. Tradução: Valter Graciano Martins. 1a edição ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011. v. 2p. 489

⁹³ BOCK, D. L. **O Servo sofredor** (Portuguese Edition) (p. 116). Editora Cultura Cristã. Edição do Kindle.

⁹⁴ Ibid. p.323.

Cristo que deve ser anunciado não é apenas modelo de humildade, mas o Cordeiro que tira o pecado do mundo. Toda exposição fiel da Escritura culmina em uma só verdade: “ele foi traspassado pelas nossas transgressões”, e por meio dele “justificará a muitos”, o evangelho.

1.1.2 No Novo Testamento

O Novo Testamento revela a plena manifestação de Cristo: nos Evangelhos como Redentor encarnado, em Atos como Senhor ressuscitado, nas Cartas como Cabeça da Igreja, e no Apocalipse como Juiz e Rei. Toda a proclamação apostólica converge em Jesus, sendo a base definitiva para toda pregação cristã.

a. No caminho de Emaús (Lucas 24)

Entre os muitos encontros transformadores registrados após a ressurreição de Jesus, um dos mais notórios acontece no caminho para Emaús, narrado em Lucas 24.13-35. Essa passagem oferece mais do que um relato histórico: ela se torna um divisor de águas na interpretação da Escritura e também para a pregação cristã. Dois discípulos desiludidos caminhavam rumo a uma aldeia, dominados pela tristeza e pelo desânimo, até que o próprio Cristo ressurreto se aproxima e os instrui. Ao longo do caminho, Jesus não apenas consola seus corações, mas interpreta para eles “o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.27). Neste encontro, o Cristo ressurreto revela que todo o Antigo Testamento (a Lei, os Profetas e os Escritos) encontra sua unidade e cumprimento nele. É um momento paradigmático: eles entendem, o coração arde, e o Cristo redivivo é reconhecido à mesa.

No primeiro momento do texto, os discípulos lamentam os eventos da crucificação, revelando brechas na sua compreensão das Escrituras e da missão do Messias. No segundo, Jesus, ainda incógnito para eles, repreende a lentidão de seus corações e, em um dos momentos mais significativos do Novo Testamento, “explica-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras” (v. 27), apresentando-se como o centro da revelação bíblica. Por fim, no momento em que parte o pão, seus olhos se abrem e o reconhecem, e ele desaparece. Com os corações ardendo, os discípulos retornam a Jerusalém para testemunhar o que ouviram e viram. O próprio Cristo demonstra sua autoconsciência como prisma hermenêutico e eixo unificador da Escritura.

A tradição reformada sempre valorizou o episódio em questão como um marco hermenêutico que ilumina toda a leitura bíblica. G. R. Osborne observa que o termo “todos”

aparece três vezes nesse trecho, indicando um retrato messiânico abrangente que percorre todo o Antigo Testamento⁹⁵. William Hendriksen também ressalta que esse ensino provavelmente incluiu não apenas passagens específicas como Gênesis 3.15 e Isaías 53, mas também fios históricos, tipológicos, psicológicos e proféticos que correm desde o Gênesis até os Profetas Menores, todos apontando para Cristo⁹⁶. Martinho Lutero, ao comentar essa cena, denuncia o perigo de negligenciar essa chave cristológica de leitura: ele afirma que Cristo está “envolto em panos” no Antigo Testamento, e que os Evangelhos e Cartas são como lanternas que nos guiam de volta a Moisés e aos Profetas, onde o próprio Cristo se revela como centro e cumprimento da promessa⁹⁷. A estrada de Emaús, portanto, não é apenas uma “simples” narrativa pós-resurreição, mas um manifesto interpretativo do próprio Cristo.

O que Jesus fez no caminho (abrir as Escrituras e mostrar nelas a si mesmo) é exatamente o que os apóstolos passaram a fazer em seus ministérios. Em Atos 8.30-35, por exemplo, Filipe encontra o eunuco etíope lendo Isaías 53 e, a partir daquele ponto, “anunciou-lhe a Jesus” (v. 35), confirmando que o Antigo Testamento deve ser compreendido sob o prisma de Cristo. Em Atos 17.2-3, Paulo, em Tessalônica, argumenta a partir das Escrituras que “era necessário que o Cristo padecesse e ressuscitasse dentre os mortos”, mostrando que seu método segue a mesma lógica inaugurada por Jesus em Emaús. Em 1 Pedro 1.10-12, o apóstolo afirma que os profetas “profetizaram da graça que vos foi dada”, e que o Espírito de Cristo neles “predizia os sofrimentos que a Cristo haviam de vir e as glórias que se seguiriam”. A própria epístola aos Hebreus está fundamentada nesse princípio, mostrando como o Antigo Testamento é sombra de realidades que se concretizam em Jesus (Hb 1.1-3; 10.1-10).

O próprio Cristo ensinou que a Bíblia não é apenas um compilado de leis, histórias e promessas, mas uma grande tapeçaria que aponta para ele, o Verbo encarnado.⁹⁸ Essa passagem é, portanto, um modelo para toda pregação cristã: Cristo deve ser exposto a partir de todas as Escrituras, de Gênesis a Malaquias, de Mateus a Apocalipse, pois ele é o centro, o prisma hermenêutico, a esperança encarnada. O Cristo que arde nas Escrituras é o mesmo que se deixa conhecer no partir do pão.

⁹⁵ OSBORNE, G. R. **Evangelho de Lucas**. Tradução: Renato Cunha. Bellingham, WA; São Paulo: Lexham Press; Editora Carisma, 2023, p. 583–584.

⁹⁶ HENDRIKSEN, William. **Lucas**. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, v. 2, p. 653.

⁹⁷ LUTERO, Martinho. In: KREITZER, Beth (Org.). **Comentário Bíblico da Reforma: Lucas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 506.

⁹⁸ Ibid.

b. Pregação na Era Apostólica (Atos 7)

Muitos são os sermões registrados no Novo Testamento, dentre eles destaca-se o sermão de Estêvão em Atos 7.1-53. Proferido diante do Sinédrio, esse extenso pronunciamento não é meramente uma recapitulação histórica, mas uma profunda exposição teológica da história da salvação, interpretada à luz do Evangelho de Cristo. Estêvão, diácono e primeiro mártir da Igreja, demonstra que a rejeição de Jesus pelos líderes judaicos não foi um evento isolado, mas a culminação de um padrão recorrente de resistência à vontade de Deus, evidenciado ao longo de toda a história de Israel. Seu sermão ensina que os patriarcas, Moisés, o templo e a lei apontavam para algo maior, e que o verdadeiro cumprimento dessas promessas se dá em Jesus Cristo.

A ênfase recai sobre a constante rejeição dos líderes divinamente enviados, os patriarcas invejaram José, os israelitas repeliram Moisés, e agora os judeus rejeitam o “Justo” (τὸν Δίκαιον, v. 52), um título messiânico usado para se referir a Jesus. A acusação final de Estêvão é direta e profética: seus ouvintes são σκληροτράχηλοι (de dura cerviz) e ἀπερίτμητοι καρδίαις (incircuncisos de coração), perpetuando a desobediência de seus antepassados. Assim, o sermão observa toda a história de Israel como um caminho para Cristo, o clímax da revelação divina, e denuncia a incredulidade como ruptura com essa linhagem profética. Com ousadia, Estêvão proclama que rejeitar Jesus é rejeitar o próprio Deus da aliança, aquele que conduziu seu povo desde o início⁹⁹.

Como observa Anglada, trata-se de uma apologia cristã em forma narrativa, cujo objetivo não era simplesmente a defesa pessoal, mas a proclamação da supremacia de Cristo no plano redentivo de Deus¹⁰⁰. Derek Thomas, comentando esse episódio, ressalta que a audiência de Estêvão conhecia a história, mas era cega para seu verdadeiro significado: não viam que todos os eventos convergiam para a vinda de Cristo¹⁰¹. Isso ecoa a crítica reformada à leitura superficial das Escrituras, desprovida da chave cristológica. Estêvão, portanto, não apenas relembra os atos de Deus, mas interpreta-os por meio da lente da promessa cumprida, um modelo profundamente alinhado à hermenêutica reformada da centralidade de Cristo. Sua leitura da história revela que o plano redentor de Deus nunca esteve restrito a lugares ou

⁹⁹ ANGLADA, P. R. B. *Atos*, Volume 1: O Testemunho Apostólico em Jerusalém. Ananindeua: Knox Publicações, 2015. p. 291.

¹⁰⁰ Ibid. p.292

¹⁰¹ THOMAS, Derek, *Acts*, Reformed Expository Commentary Series. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2011, p. 177.

rituais, mas sempre apontou para uma pessoa: Jesus, o Filho de Deus, rejeitado pelos homens, mas exaltado pelo Pai.

O autor de Hebreus concorda com Estêvão e reforça a progressão histórica ao afirmar que Deus falou de muitas formas no passado, mas agora falou “pelo Filho” (Hb 1.1-2), revelando o clímax da revelação divina. Além disso, o apóstolo Pedro já havia mencionado essa rejeição no Pentecostes: “Este Jesus, que foi entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos” (At 2.23). Paulo também retomará esse tema em suas jornadas missionárias, como em Atos 13.26-41, mostrando que os que habitavam em Jerusalém “não conhecendo a Jesus nem as palavras dos profetas que se leem todos os sábados, condenaram-no, cumprindo-as”. Dessa forma, Estêvão não faz um mero protesto, mas um diagnóstico teológico profundo: o Cristo crucificado não é um acidente na história, mas o ponto central dela.

Em sua morte, Estêvão não apenas imita o Cristo que proclamou, orando por seus inimigos e entregando o espírito (At 7.59-60), mas sela com sangue uma proclamação em que o centro da história, da salvação e da esperança futura é Jesus. Como pregadores hoje, somos desafiados a fazer o mesmo: ler, interpretar e proclamar toda a Escritura como testemunho de Cristo (Jo 5.39), o verdadeiro Templo, o Justo rejeitado, o Redentor glorificado.

c. Cristo e a Promessa (Gálatas 3.15-29)

Na carta aos Gálatas, o apóstolo Paulo se dedica a esclarecer a relação entre a promessa feita a Abraão, a Lei mosaica e a justificação pela fé em Cristo. Em Gálatas 3.15-29, encontramos uma das sínteses mais densas e profundas da teologia paulina, onde ele demonstra que a promessa não foi anulada pela Lei, mas cumprida plenamente em Cristo. Para Paulo, a Escritura toda converge para a figura do descendente prometido, Jesus. Este trecho revela que a história redentiva, desde Gênesis, apontava para Jesus, e que, em Cristo, todas as barreiras foram removidas: a justificação, a herança e a identidade do povo de Deus estão todas centralizadas na união com Cristo. Assim, Paulo transforma uma aparente discussão legal em uma proclamação poderosa do evangelho.

Em Gálatas 3.15-29, Paulo desenvolve uma argumentação que une teologia redentiva e exegese bíblica para mostrar que a promessa feita a Abraão encontra sua plenitude em Cristo. No v. 16, ele enfatiza que a Escritura “não diz: e aos descendentes, como falando de

muitos, porém como de um só: e ao teu descendente, que é Cristo”, aqui, a palavra grega σπέρματι (spermati, "descendente") aparece no singular, e Paulo interpreta deliberadamente como referência messiânica direta. A Lei, dada 430 anos depois, não revoga essa promessa, nem a substitui (v. 17). Ao contrário, sua função, como exposto nos v. 19–24, é “servir de aio” (παιδαγωγός, paidagōgós), termo usado para indicar um tutor que conduzia o menor à maturidade, apontando para Cristo como o fim desse processo pedagógico. Nos versos finais (v. 26–29), Paulo declara com força que todos os que estão em Cristo são filhos de Deus pela fé, unidos em uma nova identidade que transcende categorias étnicas, sociais e de gênero, pois “todos vós sois um em Cristo Jesus”, e sendo de Cristo, são também descendência de Abraão¹⁰².

A interpretação reformada de Gálatas 3.15-29 reconhece nesse trecho uma síntese magistral da história da redenção, articulada em torno da promessa feita a Abraão e cumprida em Cristo. Como observa G. R. Osborne, Paulo emprega uma hermenêutica comum do judaísmo do Segundo Templo ao enfatizar que a “semente” referida em Gênesis é Cristo e, por meio dele, todas as promessas abraâmicas alcançam cumprimento e universalidade, inclusive aos gentios crentes¹⁰³. William Hendriksen reforça essa leitura, lembrando que a promessa é anterior e superior à Lei mosaica, e que esta preparava o caminho para Cristo. A promessa, por outro lado, foi dada diretamente por Deus, e não pode ser revogada, pois repousa em sua fidelidade soberana e amor imutável¹⁰⁴. Assim, em Cristo, os crentes — independentemente de origem étnica, posição social ou gênero — são feitos filhos de Deus, herdeiros da aliança, e verdadeiramente “descendência de Abraão”. Para os reformadores, esse texto confirma que a salvação nunca foi pelas obras da Lei, mas sempre pela fé na promessa divina, cuja substância é Cristo.

Gálatas 3.15-29 não é um caso isolado, na verdade, é refletido em outras passagens do Novo Testamento revelando como a promessa abraâmica culmina na cruz de Cristo. Em 1Coríntios 1.18-25, Paulo declara que “a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, é poder de Deus”. Essa “loucura” da cruz é, na verdade, a sabedoria divina, por meio da qual as promessas feitas a Abraão são realizadas, não por

¹⁰² STOTT, J.; LARSEN, D.; LARSEN, S. **Lendo Gálatas com John Stott**. Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes. Primeira edição ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2018. p. 58

¹⁰³ OSBORNE, G. R. **Gálatas**. Tradução: Renato Cunha. Bellingham, WA; São Paulo: Lexham Press, 2023, p. 103–104.

¹⁰⁴ HENDRIKSEN, W. **Gálatas**. Tradução: Valter Graciano Martins. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 185.

mérito humano, mas pela fé em Cristo crucificado. Em Romanos 4, o apóstolo reafirma que Abraão é pai de todos os que creem, sendo justificado pela fé e não por obras, o que ressoa com a conclusão de Gálatas: “se sois de Cristo, também sois descendência de Abraão” (Gl 3.29). Ainda em Efésios 2.11-22, Paulo enfatiza que Cristo “é nossa paz” e que, por meio dele, gentios e judeus foram unidos, cumprindo a bênção prometida ao patriarca.

A Lei, ainda que santa e útil, nunca teve o poder de conceder vida, ela foi uma tutora que nos conduziu àquele que é a vida: Jesus, a semente prometida. A unidade, em Cristo, não é apenas sociológica, mas escatológica e redentiva. A proclamação cristocêntrica, portanto, não deve ser uma ênfase opcional, mas a própria essência da pregação bíblica: ela aponta para aquele que encarna e cumpre todas as bênçãos da aliança. Pregar a Cristo é proclamar a fidelidade de Deus às suas promessas.

1.2 Enraizamento Confessional da Proclamação Cristocêntrica

A tradição reformada reconheceu a centralidade de Cristo como núcleo doutrinário e pastoral, expressando essa convicção nos símbolos confessionais históricos. Os documentos de Westminster e as Três Formas de Unidade não apenas definem a ortodoxia reformada, mas também moldam sua prática homilética, centrando a proclamação no Cristo redentor.

1.2.1 Os Símbolos de Fé de Westminster

As confissões e catecismos de Westminster são mais que sistematizações doutrinárias; são também modelos de proclamação fiel. Com profundidade bíblica e clareza teológica, oferecem um arcabouço que une forma e conteúdo, conduzindo o pregador à centralidade de Cristo na exposição da Palavra.

a. Cristo como Mediador no Plano Eterno de Deus

A teologia reformada sempre enfatizou que a centralidade de Cristo não é apenas uma resposta histórica ao pecado, mas parte do eterno propósito de Deus. A Confissão de Fé de Westminster, ao tratar da mediação de Cristo, inicia destacando que ele foi designado desde a eternidade como o único Mediador entre Deus e os homens¹⁰⁵. Essa doutrina não é periférica, mas estrutural: desde antes da fundação do mundo, o Filho foi escolhido para ser o Redentor,

¹⁰⁵ ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **Símbolos de Fé:** Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve Catecismo. 2a edição ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014. p. 43

revelando a profundidade do plano divino de salvação. A pergunta 21 do Breve Catecismo resume esse ponto com simplicidade e profundidade: “O único Redentor dos escolhidos de Deus é o Senhor Jesus Cristo”¹⁰⁶. Esse ensino serve como alicerce confessional para uma proclamação cristocêntrica que enxerga Cristo como o centro da revelação e da redenção, desde o decreto eterno até sua consumação.

Como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Cristo é o único capaz de realizar a reconciliação entre o Criador e a criatura, exercendo suas funções de profeta, sacerdote e rei (CFW VIII.1–3). A mediação de Cristo não é um recurso emergencial diante do pecado, mas o meio eterno e soberanamente estabelecido por Deus para glorificar seu nome na salvação do seu povo. A teologia confessional aponta, assim, para uma cristologia não apenas reativa, mas intrínseca ao plano eterno da Trindade.

A teologia confessional reformada compreende que a proclamação cristocêntrica não é um adorno opcional do púlpito, mas uma exigência do próprio plano eterno de Deus. Como observa o teólogo J. A. Pipa, o evangelho exige que o ouvinte conheça quem é Deus, quem é o homem e, sobretudo, quem é Cristo e o que Ele fez¹⁰⁷. Nesse sentido, a Confissão de Fé de Westminster declara que foi o próprio Pai quem escolheu e preparou o Filho para ser Mediador, antes da fundação do mundo (CFW VIII.1), e que a eficácia dessa obra está vinculada à aplicação soberana do Espírito, que atrai pecadores ao Filho e os une a Ele pela fé¹⁰⁸. Essa união com Cristo é o meio pelo qual os benefícios da salvação são recebidos, e é por isso que, conforme o Catecismo Maior (perg. 155), a pregação da Palavra é instrumento eficaz para atrair os pecadores “a Cristo” e edificá-los “na graça”. A própria estrutura do pacto da graça, conforme a pergunta 35 do Catecismo Maior, mostra que, com a manifestação de Cristo, o pacto continua sendo administrado “na pregação da Palavra”, tornando-o o meio ordinário pelo qual a graça redentora é comunicada¹⁰⁹. Em outras palavras, Cristo é o conteúdo, o propósito e o alvo da pregação fiel.

A centralidade de Cristo como Mediador eterno é evidenciada em toda a Escritura, sendo especialmente reafirmada em textos como João 14.6, onde Jesus afirma ser o único caminho ao Pai. Em 1Timóteo 2.5, Paulo declara: “Há um só Deus e um só mediador entre

¹⁰⁶ Ibid. p. 231

¹⁰⁷ PIPA, J. A. Jr. **Confissão de Fé de Westminster**: Um Guia de Estudos para Igrejas, Escolas Cristãs e Educação Domiciliar. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2021, p. 236–237.

¹⁰⁸ Id. p. 207-208.

¹⁰⁹ Ibid. p. 125, 196.

Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”, ecoando a teologia pactual de Westminster. Hebreus 9.15 complementa, mostrando que Cristo é o Mediador da nova aliança, cuja morte redentora garante a promessa eterna. Esses textos mostram que a proclamação da Palavra, para ser fiel, deve ter Cristo como seu ponto de partida, meio e fim.

O ofício mediador de Cristo não é apenas uma doutrina para se crer, mas a verdade que estrutura toda proclamação genuinamente cristã. Pregar sem Cristo como centro é esvaziar o próprio Evangelho de sua substância e poder. O plano eterno de Deus, revelado nas Escrituras e sistematizado nos Símbolos de Fé, tem seu fulcro em Jesus, o Mediador designado antes da fundação do mundo. A pregação reformada, portanto, não se propõe a meramente transmitir informações, mas a conduzir os ouvintes ao único Mediador que salva. Toda exposição bíblica que ignora ou desloca Cristo de seu centro falha em comunicar a mensagem redentora que Deus determinou desde a eternidade.

b. A Centralidade da Redenção em Cristo na Soteriologia Reformada

No coração da soteriologia reformada está a obra redentora de Cristo, que se manifesta de modo inseparável na justificação, adoção e santificação dos eleitos. A Confissão de Fé de Westminster, ao tratar dessas doutrinas (caps. XI–XIII), apresenta a redenção como uma obra unitária, realizada por Cristo e aplicada pelo Espírito, unindo o pecador a Cristo pela fé. Longe de serem benefícios independentes, esses aspectos da salvação estão organicamente ligados à união com Cristo e refletem a plenitude da graça do pacto. O Breve e o Maior Catecismo também testemunham essa conexão, ressaltando que cada um desses atos flui da mesma fonte: a mediação eficaz de Jesus. Compreender essa estrutura é essencial para proclamar um Evangelho fiel, centrado não na experiência humana, mas na suficiência da obra de Cristo.

A teologia reformada, conforme expressa na Confissão de Fé de Westminster, vê a justificação, a adoção e a santificação como graças inseparáveis concedidas aos que estão unidos a Cristo pela fé. A justificação é o ato gratuito de Deus, pelo qual ele perdoa os pecados e aceita o pecador como justo, não por obras, mas por causa da justiça de Cristo imputada e recebida pela fé¹¹⁰. A adoção, que segue essa justificação, é o privilégio mediante o qual os justificados são recebidos na família de Deus e passam a desfrutar de seus direitos e

¹¹⁰ Id. p. 51 (CFW - XI.I)

deveres¹¹¹. A santificação, por sua vez, é uma obra contínua do Espírito, pela qual os crentes são renovados à imagem de Deus e capacitados a viver em verdadeira piedade¹¹². Esses benefícios não operam isoladamente: o Catecismo Maior os apresenta como partes da aplicação eficaz da redenção, obra do Espírito que une o crente a Cristo e o faz participante de todos os seus méritos¹¹³. A fé, dom de Deus, é o instrumento dessa união, e pela qual o cristão recebe todas as bênçãos da salvação, não como recompensas separadas, mas como facetas da única obra do Redentor¹¹⁴.

A unidade entre justificação, adoção e santificação na Confissão de Fé de Westminster não é apenas sistemática, mas profundamente pastoral e cristocêntrica. Como afirma G. I. Williamson, a obra de Cristo garante benefícios eternos a um povo específico: os eleitos de Deus, por quem Ele sofreu e obteve redenção plena¹¹⁵. Jesus é o Mediador entre Deus e os homens, conforme 1Tm 2.5, e sua obra consiste não apenas em reconciliar as partes em conflito, mas também em cumprir perfeitamente a justiça exigida pela Lei divina — algo impossível a qualquer ser humano¹¹⁶. Essa obediência ativa e passiva, que satisfaz a ira de Deus (Rm 3.25-26), garantiu ao crente a justiça que lhe é imputada pela fé (Rm 10.4; 2Co 5.21), conforme ensinam os catecismos¹¹⁷. Como explica J. A. Pipa, Cristo obedeceu perfeitamente e se ofereceu como substituto penal, garantindo que sua expiação substitutiva beneficie de forma eficaz todos aqueles que o Pai lhe confiou¹¹⁸. Assim, a doutrina reformada da salvação não repousa sobre méritos humanos ou adesão a rituais, mas sobre a aplicação infalível da obra de Cristo, o segundo Adão, em favor dos seus, por meio da união com Ele, pela fé, operada pelo Espírito¹¹⁹.

A centralidade da redenção em Cristo encontra ampla sustentação nas Escrituras. Em Romanos 5.18-19, Paulo estabelece o contraste entre a desobediência de Adão e a obediência de Cristo, evidenciando a justificação como fruto direto da obediência de um só. Esse ensino

¹¹¹ Id. p. 54 (CFW - XII.I)

¹¹² Id. p. 55 (CFW - XIII.I)

¹¹³ Id. p. 142 (CMW - Perg. 74)

¹¹⁴ Id. p. 234 (BCW - Perg. 30)

¹¹⁵ Williamson, G. I. **A Confissão de Fé de Westminster para Classes de Estudo**. Recife: Editora Clire, 2023. p. 104–105.

¹¹⁶ Pipa, J. A. Jr. **Confissão de Fé de Westminster: Um Guia de Estudos**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2021. p. 197–198.

¹¹⁷ Assembleia de Westminster. **Símbolos de Fé**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014. Ver BCW 29; CFW XI–XIII.

¹¹⁸ Id. p. 208-209

¹¹⁹ Ver Catecismo Maior de Westminster, perguntas 69–74, e Confissão de Fé de Westminster, cap. VIII.

é reiterado em Gálatas 4.4-5, ao afirmar que Cristo nasceu sob a Lei, a fim de redimir os que estavam sob a Lei e conceder-lhes a adoção. A santificação, por sua vez, é fruto da união com Cristo, como explicitado em Romanos 6.1-14: unidos com Ele na morte e ressurreição, os crentes são libertos do domínio do pecado. Efésios 1.3-14 também reforça essa estrutura soteriológica, ao mostrar que todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais nos foram concedidas “em Cristo”, que é o centro da eleição, redenção, regeneração e herança final. Esses textos confirmam que justificação, adoção e santificação não são meras etapas soltas da salvação, mas aspectos inseparáveis da aplicação da obra redentora de Cristo aos seus eleitos, pela ação eficaz do Espírito Santo.

A soteriologia reformada, como expressa nos Símbolos de Fé de Westminster, não apenas confessa que a redenção é exclusivamente obra de Cristo, mas denota que toda proclamação fiel da Palavra deve refletir essa convicção. A pregação, portanto, deve conduzir os ouvintes a Cristo, não como mero exemplo ou mestre, mas como o Substituto Perfeito, cuja obediência ativa e passiva é a base segura da reconciliação com Deus. Essa proclamação não é moralista nem terapêutica, mas profundamente evangélica: exalta o Cristo crucificado e ressurreto como o mediador da nova aliança, o qual redime, adota e santifica pela graça.

c. A Pregação como Meio de Graça Cristocêntrico

Entre os diversos meios instituídos por Deus para comunicar a sua graça, a pregação ocupa um lugar central na tradição reformada. Os Símbolos de Fé de Westminster reconhecem que, por meio da Palavra proclamada, Deus mesmo fala ao seu povo, edificando a fé, aplicando a salvação e glorificando o Filho. Tal entendimento exige da pregação um caráter profundamente cristocêntrico, pois ela não apenas transmite informações bíblicas, mas apresenta a pessoa e a obra de Cristo como o fundamento, o conteúdo e o propósito da verdadeira fé. A partir desse princípio, a pregação deixa de ser apenas uma prática litúrgica e assume seu papel como instrumento no plano redentor de Deus.

A teologia reformada expressa nos símbolos de fé de Westminster afirma que a pregação da Palavra é o meio ordinário pelo qual Cristo comunica eficazmente sua graça aos eleitos. A Confissão de Fé ensina que a fé salvadora é “operada no coração do homem pelo

ministério da Palavra”¹²⁰, e que a pregação é parte essencial do culto prescrito por Deus¹²¹. O Catecismo Maior declara que “o Espírito de Deus torna a leitura, e especialmente a pregação da Palavra, um meio eficaz para iluminar, convencer e humilhar os pecadores [...] e os atrair a Cristo”¹²². Essa perspectiva é aprofundada nas perguntas 156 a 160, que tratam da devida atenção e reverência à Palavra pregada. A pregação, portanto, não é mero discurso humano, mas um instrumento divinamente ordenado para conduzir pecadores a Cristo, edificando-os na fé e conformando-os à sua imagem.

A doutrina reformada, conforme exposta nos símbolos de Westminster, sustenta que a eficácia da pregação repousa inteiramente sobre a mediação de Cristo, cuja pessoa une em si, sem confusão ou divisão, as naturezas divina e humana¹²³. George I. Williamson observa que o conteúdo da pregação cristã deve manter a integridade dessa união, pois somente um Cristo plenamente Deus e plenamente homem pode ser proclamado como Mediador eficaz¹²⁴. Ele refuta os erros cristológicos que diluem ou confundem as naturezas do Redentor, lembrando que a pregação não pode oferecer um “meio-termo”, mas deve apresentar o Cristo das Escrituras: uma só pessoa com duas naturezas completas e distintas¹²⁵. É a partir dessa verdade cristológica, defendida tanto pelo Breve Catecismo quanto pelas confissões ecumênicas, que a Palavra pregada se torna o canal ordinário da graça¹²⁶. Proclamar a Cristo é, portanto, apresentar o Deus encarnado como centro da mensagem, aquele que, sendo o Verbo eterno, assumiu carne para reconciliar pecadores com Deus. A integridade doutrinária da cristologia reformada fundamenta, assim, a integridade da pregação como meio de graça¹²⁷.

A centralidade de Cristo na pregação como meio de graça encontra respaldo abundante nas Escrituras. O apóstolo Paulo afirma que “aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação” (1Co 1.21), destacando o caráter divinamente instituído da proclamação da cruz. A pregação eficaz, segundo Romanos 10.17, vem pela audição da

¹²⁰ ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **Símbolos de Fé**: Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve Catecismo. 2a edição ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014. p. 56

¹²¹ Ibid. p.77 (CFW-XXI.V)

¹²² Ibid. p.196 (CMW-Perg.155)

¹²³ Cf. **Símbolos de Fé de Westminster**, Catecismo Maior, Pergunta 36; Confissão de Fé de Westminster, Cap. VIII.2.

¹²⁴ George I. Williamson, **O Breve Catecismo de Westminster para Classes de Estudo**, (Recife: Clire, 2022), p. 101–102.

¹²⁵ Ibid. p.102.

¹²⁶ Cf. Símbolos de Fé de Westminster, Catecismo Maior, Pergunta 155; Breve Catecismo, Pergunta 21.

¹²⁷ Cf. João 1.14; Hebreus 1.1-3; 1Coríntios 1.23-24.

Palavra de Cristo, isto é, da mensagem centrada em sua pessoa e obra. Essa centralidade é corroborada pelo testemunho de Atos, onde a pregação apostólica consistentemente aponta para a morte e ressurreição de Jesus como cumprimento das promessas veterotestamentárias (cf. At 2.22-36; 13.26-39). Assim, não se pode conceber pregação fiel sem a exposição do Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado.

Como expressa o Catecismo Maior, a Palavra se torna eficaz “para os atrair a Cristo”, conformar à sua imagem e fortalecer os fiéis mediante a fé (Perg. 155), evidenciando que a graça comunicada na proclamação é inseparável do Cristo proclamado. A pregação cristã, para ser verdadeiramente meio de graça, precisa estar enraizada em Cristo, o único mediador entre Deus e os homens. Quando Cristo é o centro da proclamação, a pregação não é mero discurso religioso, mas instrumento eficaz de Deus para realizar sua obra redentora no mundo.

1.2.2 As Três Formas de Unidade

As Três Formas de Unidade (Confissão Belga, Catecismo de Heidelberg e Cânones de Dort) exaltam a supremacia de Cristo na fé reformada. Suas declarações doutrinárias apontam constantemente para Ele como fundamento da salvação e centro da pregação, nutrindo a piedade e a fidelidade bíblica.

a. O Catecismo de Heidelberg e a Centralidade de Cristo

O Catecismo de Heidelberg (1563) possui uma carga pastoral e devocional. Produzido no contexto do eleitorado do Palatinado, na Alemanha, e fortemente influenciado por teólogos reformados como Zacharias Ursinus e Caspar Olevianus, esse catecismo visava instruir o povo de forma doutrinária e ao mesmo tempo pastoral, combinando solidez teológica com profunda espiritualidade. Sua primeira pergunta: “Qual é o teu único conforto na vida e na morte?”, não apenas inaugura o texto, mas antecipa todo o seu conteúdo cristocêntrico. Ao colocar o consolo como ponto de partida e fim da vida cristã, o catecismo aponta para Cristo como a fonte última de esperança, identidade e segurança do crente. Assim, este documento confessional não apenas ensina doutrina: ele a proclama em forma de consolo, ancorado na pessoa e obra do Redentor.

A célebre resposta à pergunta inaugural é uma confissão profundamente cristocêntrica: “Que não pertenço a mim mesmo, mas pertenço de corpo e alma, tanto na vida

como na morte, ao meu fiel Salvador Jesus Cristo.¹²⁸ Essa declaração não é meramente emocional, mas teologicamente robusta. Ela expressa a doutrina da união com Cristo, onde o crente, pela fé, é incorporado ao Redentor e participa de tudo o que Ele conquistou. O conforto mencionado não é subjetivo ou circunstancial, mas decorre de uma certeza objetiva: Cristo me redimiou completamente, preserva-me diariamente e me assegura a vida eterna. A tríade redentora de Cristo, sua obra passada (redenção), presente (preservação) e futura (glorificação), aparece entrelaçada na resposta, oferecendo uma visão soteriológica completa e pastoralmente reconfortante. Além disso, a ênfase no pertencimento (“não pertenço a mim mesmo”) ecoa a ética reformada de submissão ao senhorio de Cristo, que não é uma mera doutrina a ser crida, mas uma realidade a ser vivida.

O consolo da pergunta 1 do Catecismo de Heidelberg é sustentado por uma rica estrutura doutrinária que desenvolve, progressivamente, o papel de Cristo como o único Mediador e Salvador. A pergunta 12 introduz o problema humano com aguda clareza: diante da justiça divina, somos devedores, incapazes de satisfazer plenamente as exigências do juízo divino. Contudo, a resposta aponta para a única solução possível: ou nós mesmos pagamos, o que é impossível, ou “um outro por nós”. Essa tensão prepara o caminho para a pergunta 18, na qual o Catecismo identifica esse “outro” como o verdadeiro Deus e verdadeiro homem, o Senhor Jesus Cristo, que se tornou, da parte de Deus, “sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1Co 1.30). Cristo é, portanto, suficiente em sua pessoa e obra, atendendo plenamente às exigências da justiça divina e oferecendo aos eleitos tudo de que necessitam para sua reconciliação com Deus. A pergunta 29 reforça essa exclusividade salvífica: só Jesus salva, e não há outro nome ou meio onde se encontre perdão. Assim, o conforto inicial se sustenta sobre as bases sólidas da doutrina da mediação de Cristo, uma mediação não genérica, mas específica, eficaz, suficiente e absolutamente necessária. O Catecismo, ao articular essas verdades em perguntas pastorais, guia o coração do crente da miséria à libertação, e da libertação ao consolo de pertencer a Cristo¹²⁹.

Em Romanos 14.7-9, o apóstolo Paulo declara que “nenhum de nós vive para si mesmo, nem morre para si mesmo”, pois “quer vivamos ou morramos, somos do Senhor”,

¹²⁸ VASCONCELOS, M. (TRAD.). **As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas** — A Confissão Belga, O Catecismo de Heidelberg e Os Cânones de Dort. Recife, PE: Editora CLIRE, 2009. p. 57

¹²⁹ Cf. CATECISMO DE HEIDELBERG, Dia do Senhor 5, P. 12; Dia do Senhor 6, P. 18; Dia do Senhor 11, P. 29. In: VASCONCELOS, M. (trad.). **As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas: A Confissão Belga**, o Catecismo de Heidelberg e os Cânones de Dort. 2. ed. Recife: Editora CLIRE, 2009, p. 61, 63, 67–68.

reiterando a ideia de pertença plena que fundamenta o conforto cristão. Do mesmo modo, em João 10.27-29, Jesus assegura que suas ovelhas jamais perecerão, pois estão seguras em suas mãos e nas mãos do Pai, uma base sólida para o consolo da vida e da morte. Além disso, ao afirmar que Cristo, “com seu precioso sangue, pagou completamente por todos os meus pecados”, o catecismo ressoa com 1 Pedro 1.18-19, que proclama que não fomos resgatados por coisas corruptíveis, mas “pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula”. A certeza de que o Espírito Santo me assegura a vida eterna também tem fundamento em passagens como Efésios 1.13-14, onde o Espírito é o selo da promessa e penhor da herança.

A mensagem do Catecismo de Heidelberg, não apenas consola o coração do crente individual, mas estabelece um princípio inegociável para toda a prática pastoral: Cristo deve ser proclamado em cada sermão, estudo, visita, aconselhamento e ensino. A lógica é simples e bíblica: se Cristo é o único consolo na vida e na morte, então privar alguém da exposição fiel e vívida de Cristo é abandoná-lo ao desamparo. A proclamação cristocêntrica não é uma opção estilística ou preferencial, mas uma consequência necessária da realidade da redenção. O ministério pastoral que compreende isso deixa de ser apenas uma transmissão de conteúdos religiosos e torna-se veículo do consolo eterno que sustenta, transforma e conduz o povo de Deus.

b. A Confissão Belga e a Clareza Cristológica na Doutrina

A Confissão Belga representa a herança teológica das igrejas reformadas. Redigida por Guido de Brès em 1561, em meio à perseguição contra os protestantes nos Países Baixos, essa confissão surge não apenas como uma defesa da fé reformada, mas também como um testemunho pastoral da esperança cristã centrada na obra redentora de Cristo. Seus artigos não foram concebidos como abstrações sistemáticas, mas como exposições claras e fieis das doutrinas essenciais da fé, das quais os artigos 20 a 26 se destacam pelo teor cristológico: Cristo é apresentado como o centro da reconciliação, da encarnação e da mediação. Sendo, portanto, fundamento indispensável para a proclamação reformada.

Os artigos 20 a 26 da Confissão Belga articulam com clareza e densidade teológica a centralidade da obra de Cristo na fé cristã, desde a encarnação até sua mediação contínua¹³⁰.

¹³⁰ VASCONCELOS, M. (TRAD.). **As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas** — A Confissão Belga, O Catecismo de Heidelberg e Os Cânones de Dort. Recife, PE: Editora CLIRE, 2009. p. 31–39

O artigo 20 apresenta a encarnação como expressão simultânea da justiça e da misericórdia divinas: Deus enviou seu Filho para assumir nossa natureza caída, sofrer em nosso lugar e garantir, pela ressurreição, nossa justificação e vida eterna. O artigo 21 enfatiza a suficiência do sacrifício vicário de Cristo, realizado uma única vez na cruz, sendo Ele o Cordeiro de Deus predito pelos profetas. Sua mediação é exclusiva e plena, de modo que os reformados, como o apóstolo Paulo, nada querem saber “senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1Co 2.2). O artigo 22 destaca que a justificação é recebida unicamente pela fé, que se apropria de Cristo e de seus méritos, sem a necessidade de qualquer complemento humano. Cristo é justiça plena para o crente. O artigo 23 aprofunda esse ponto ao afirmar que nossa bem-aventurança está no perdão dos pecados mediante a obediência de Cristo, e não em qualquer mérito próprio. O artigo 24 trata da santificação como fruto inevitável da verdadeira fé, uma fé que jamais é inoperante, mas se manifesta em boas obras. Essas obras, no entanto, não justificam o crente, pois decorrem da graça e são aceitas somente por meio dela. Os artigos 25 e 26 concluem apontando para o cumprimento da Lei em Cristo e sua intercessão contínua. Como único Mediador, Ele é suficiente para conduzir-nos com confiança ao trono da graça.

A clareza cristológica da Confissão Belga não pode ser corretamente compreendida sem o horizonte prometido pelo Artigo 17, que expressa a promessa do Redentor como resposta imediata à queda¹³¹. A estrutura lógica da confissão inicia com a ruína do homem e, em seguida, apresenta o movimento gracioso de Deus em direção ao pecador. Esse movimento culmina na encarnação (art. 18), paixão (art. 21), mediação (art. 26) e aplicação salvífica de Cristo. O ponto de partida é o socorro divino prometido: “Deus o consolou com a promessa de que lhe daria o Seu Filho, nascido de mulher (Gl 4.4), para esmagar a cabeça da serpente (Gn 3.15)”.

Essa articulação entre promessa e cumprimento ressoa com o testemunho de toda a Escritura. A tipologia veterotestamentária, por exemplo, projeta Cristo como centro da aliança, como o sacrifício superior (Hebreus 9.23-28) e como o verdadeiro mediador (1Timóteo 2.5). A encarnação do Verbo não foi um improviso divino, mas o cumprimento da aliança eterna (Hebreus 13.20). Os pais reformados entenderam que a clareza sobre Cristo não é apenas uma questão cristológica, mas hermenêutica: Cristo é o centro das Escrituras.

¹³¹ Ibid. p. 29.

Portanto, a clareza doutrinária presente na Confissão Belga é fruto de uma teologia bíblica que reconhece a centralidade de Cristo desde Gênesis até o Apocalipse. Dessa forma, toda proclamação deve ser centrada na pessoa, obra, ensino e caráter de Cristo.

c. Os Cânones de Dort e a Efetividade da Obra Redentora de Cristo

Os Cânones de Dort, formulados entre 1618 e 1619 em resposta aos ensinamentos dos remonstrantes, constituem um dos marcos confessionais mais profundos da tradição reformada, ao sistematizar com precisão pastoral e teológica os fundamentos da graça soberana de Deus¹³². No centro de sua exposição, o “Segundo Capítulo da Doutrina” afirma a suficiência, necessidade e eficácia da obra redentora de Cristo, não como um potencial genérico, mas como uma realidade poderosa e eficaz aplicada infalivelmente àqueles a quem o Pai escolheu desde a eternidade. Esse ponto, ao contrário das caricaturas sobre a doutrina da expiação limitada, não diminui o valor universal do sacrifício de Cristo, mas insiste que sua eficácia é soberanamente determinada e plenamente realizada. Assim, Cristo não apenas torna possível a salvação, mas de fato a garante, aplicando-a eficazmente por meio do Espírito àqueles por quem morreu¹³³.

O Segundo Capítulo da Doutrina dos Cânones de Dort destaca a profundidade e o alcance da obra de Cristo em sua morte redentora. O Artigo 3 afirma que a morte de Jesus Cristo, o Filho de Deus, possui valor e mérito infinitos, sendo em si mesma suficiente para expiar os pecados do mundo inteiro¹³⁴. Essa afirmação evita qualquer limitação quanto ao valor da expiação, declarando sua perfeição e amplitude intrínsecas. Contudo, os Artigos 5 a 7 esclarecem que essa suficiência não implica em aplicação universal automática. A promessa do evangelho, de que todo aquele que crer será salvo, deve ser proclamada a todos os povos sem discriminação. No entanto, a rejeição da fé não decorre de falha na obra de Cristo, mas da culpa pessoal de cada incrédulo. Por outro lado, os que de fato creem e são salvos por Cristo o são unicamente pela graça soberana de Deus, que desde a eternidade os escolheu para tal salvação.

A afirmação de que a morte de Cristo tem valor infinito (Art. 3) ecoa o ensino de Hebreus 9.14, que declara que o sangue de Cristo, oferecido "sem mácula a Deus" purifica a

¹³² Ibid.p. 113.

¹³³ Ibid.p. 129-130.

¹³⁴ Ibid.

consciência do crente das obras mortas para o servir com integridade. Sua suficiência universal é compatível com João 3.16, em que Deus oferece Cristo ao mundo com a promessa de que “todo aquele que nele crê” não perecerá, mas isso é inseparável da doutrina da eleição soberana. O ensino de que a fé é dom de Deus e não mérito humano está em total conformidade com João 6.37 e 44, onde Jesus afirma que “todo aquele que o Pai me dá virá a mim” e que ninguém pode vir a Ele se o Pai não o atrair. Essa atração não falha, pois aqueles que o Pai atrai são de fato salvos. Efésios 1.4-5 e 2.8-9 reforçam que a salvação é fruto de uma eleição eterna e de uma graça que dá a fé como dom, para que ninguém se glorie.

A seção da Rejeição de Erros nos Cânones de Dort é teologicamente densa e pastoralmente protetiva, ao corrigir distorções sérias sobre a obra redentora de Cristo. O terceiro erro refutado nega que Cristo tenha merecido para alguém a salvação ou mesmo a fé salvífica, reduzindo sua obra à aquisição de uma “possibilidade” e atribuindo ao homem o preenchimento das condições por seu livre-arbítrio. Aqui os Cânones são incisivos: trata-se de uma retomada do pelagianismo¹³⁵. Ao contrário, afirmam que Cristo garantiu, de fato, tudo o que é necessário à salvação de seu povo, inclusive a fé, como dom gracioso de Deus. Rejeitar isso não é apenas erro doutrinário, mas desprezo direto à cruz e à graça soberana.

Assim, Os Cânones de Dort buscam proteger a doutrina da cruz de Cristo e conduzir os crentes ao consolo certo da salvação. Ao afirmar a suficiência e eficácia da obra redentora, esse documento não apenas esclarece a verdade, mas também exorta à pregação do evangelho com ousadia e clareza, proclamando um Redentor que salvou efetivamente, e não hipoteticamente. Portanto, a teologia da redenção particular nos impulsiona a anunciar a Cristo como a única esperança dos homens.

1.3 Desenvolvimento Teológico da Proclamação Cristocêntrica

A teologia reformada, tanto sistemática quanto bíblica e prática, desenvolveu ao longo dos séculos uma compreensão profunda do lugar de Cristo na pregação. Mais do que uma ênfase doutrinária, trata-se de um compromisso com a proclamação que seja encontro com o Redentor. Explorar esse desenvolvimento é essencial para renovar a prática da pregação em nossos dias.

¹³⁵ Ibid. p. 132-133.

1.3.1 Contribuições da Teologia Sistemática e Bíblica

a. Cristologia e proclamação

A Cristologia reformada não se limita a um capítulo do tratado dogmático: ela permeia toda a reflexão teológica, sendo um eixo em torno do qual se articulam as demais doutrinas, seja a revelação, a soteriologia, e eclesiologia ou a escatologia. Essa centralidade não é um adorno devocional, mas um princípio teológico fundamental: a união hipostática, que confessa Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem em uma só pessoa, e o ofício tríplice de Cristo (Profeta, Sacerdote e Rei) oferecem as lentes pelas quais a teologia pode interpretar tanto a história da salvação quanto sua proclamação contemporânea.

A união hipostática, a união das naturezas divina e humana na única pessoa do Filho, ocupa lugar singular na teologia reformada, não apenas como ponto de ortodoxia doutrinária, mas como estrutura teológica essencial para a compreensão de toda a economia da salvação. Conforme expõe Francis Turretini, a união entre as duas naturezas em Cristo não se dá por confusão ou composição, mas por apropriação pessoal, de tal forma que a pessoa do Verbo permanece plenamente divina enquanto assume verdadeiramente a natureza humana¹³⁶. Essa doutrina é solidamente ancorada na Escritura, como em João 1.14, onde “o Verbo se fez carne”, expressão que, segundo Turretini, demonstra claramente a ligação entre os dois extremos (divindade e humanidade) numa única subsistência¹³⁷. Do mesmo modo, Filipenses 2.6-8 afirma que Cristo, “subsistindo em forma de Deus”, assumiu a forma de servo e foi reconhecido em figura humana¹³⁸. Esses textos não apenas sustentam a doutrina da encarnação, mas formam a base da confiança cristã: em Cristo temos um Redentor que é ao mesmo tempo Deus suficiente para salvar e homem capaz de representar o homem. Como Turretini bem destaca, sem a união hipostática não haveria mediação verdadeira, nem redenção eficaz¹³⁹. É justamente por ser ao mesmo tempo Deus e homem que Cristo pode ser o centro da proclamação cristã.

A compreensão reformada da cristologia é também enriquecida pela doutrina do *munus triplex*, os três ofícios de Cristo: Profeta, Sacerdote e Rei. Esta formulação, consolidada por Calvino e desenvolvida por diversos teólogos pós-reformadores, aponta para

¹³⁶ TURRETINI, F. **Compêndio de Teologia Apologética**, v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 378.

¹³⁷ Ibid. p. 380.

¹³⁸ Ibid. p. 381.

¹³⁹ Ibid. p. 383.

a plenitude da obra de Cristo em benefício do povo de Deus. Herman Bavinck afirma que a unidade dos três ofícios revela que Cristo é aquele que nos revela o Pai como Profeta, nos reconcilia com o Pai como Sacerdote, e reina sobre nós e nos protege como Rei¹⁴⁰. Assim, a cristologia não é uma seção isolada da teologia, mas um prisma de leitura para todo o restante.

A base da centralidade cristológica não é meramente lógica ou dogmática, mas profundamente enraizada na revelação bíblica. O Novo Testamento apresenta Cristo como o cumprimento pleno das funções profética (cf. At 3.22-23), sacerdotal (cf. Hb 7.23–27) e real (cf. Ap 19.16), unidas na mesma pessoa. Muitos são os textos que apontam para a pessoa e a obra de Cristo como o coração da Escritura, o que justifica sua centralidade na teologia sistemática e, por consequência, na proclamação.

A cristologia não meramente explica Cristo de modo técnico, mas insiste que Ele seja proclamado com clareza e fidelidade. A doutrina da união hipostática garante que a Palavra se fez carne para ser mediador eficaz. O ofício tríplice demonstra que Cristo é tudo quanto o pecador precisa: o Verbo que instrui, o Cordeiro que redime e o Rei que conduz. Assim, longe de ser um tema entre outros, Cristo é centro da fé reformada, por isso, da pregação reformada.

b. Aliança e proclamação

A história da salvação, conforme revelada na Escritura, é uma história pactual. Deus se relaciona com a humanidade por meio de alianças que Ele mesmo estabelece, sempre com o propósito de revelar sua glória, manifestar sua justiça e dispensar sua graça. Desde o Éden até a Nova Jerusalém, o Senhor compromete-se com o homem caído em termos que, embora distintos em suas administrações, mantêm uma unidade fundamental: todas as alianças apontam para Cristo. A teologia reformada compreende essa unidade por meio da distinção entre a aliança de obras e a aliança de graça, e sustenta que a proclamação fiel da Palavra deve reconhecer que o Redentor é o Mediador de uma aliança eterna, cuja eficácia e abrangência percorrem toda a Escritura. Anunciar o evangelho, portanto, é declarar as promessas do pacto de Deus em Cristo, seladas por seu sangue (Lc 22.20; Hb 13.20).

¹⁴⁰ BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2020, v. 3, p. 293–296.

A teologia do pacto apresenta a redenção não como uma reação de Deus à queda, mas como um desdobramento da Sua vontade eterna de salvar por meio de Cristo. A aliança de obras, firmada com Adão, foi transgredida, lançando toda a humanidade em ruína. Contudo, como lembra R.C. Sproul, essa aliança não foi anulada, mas cumprida perfeitamente por Cristo, o Segundo Adão¹⁴¹. Ele viveu em obediência absoluta, submetendo-se aos termos da aliança original, e morreu como substituto, recebendo a maldição do pacto quebrado. Desse modo, a aliança de graça não ignora a justiça divina, mas a satisfaz plenamente. A Nova Aliança, então, é a consumação de todas as promessas pactuais (cf. Jr 31.31-34; Hb 8.6-13). Ao anunciar Cristo, anunciamos aquele que guardou o pacto em nosso lugar e oferece gratuitamente seus benefícios aos que creem. A cruz, como explica Sproul, é o ponto de convergência entre justiça e graça, pois nela Deus honra sua própria aliança em amor e fidelidade¹⁴².

A teologia do pacto ajuda a compreender a Escritura em sua totalidade. Como destaca Packer, mesmo a aliança mosaica, com suas exigências e maldições, é uma administração da graça, pois Deus entregou sua lei a um povo que já havia sido redimido (Êx 20.2)¹⁴³. Cada aliança bíblica manifesta tanto a justiça como a misericórdia divinas, conduzindo a promessa de Gn 3.15 até seu cumprimento em Cristo. Além disso, como nota Rushdoony, todos os seres humanos estão relacionados a Deus de forma pactual, seja em Adão, sob condenação, seja em Cristo, sob redenção¹⁴⁴. A Bíblia, portanto, é essencialmente um documento pactual, e pregar fielmente sua mensagem exige apresentar Cristo como o verdadeiro Mediador do pacto (Hb 9.15). Esse reconhecimento impede leituras fragmentárias ou moralistas, e sustenta a integridade do plano divino de salvação como um todo coeso.

O tema do pacto atravessa a Bíblia como um fio dourado que costura a revelação do Deus redentor. Em Gênesis 15, Deus caminha sozinho entre os animais partidos, selando unilateralmente sua promessa a Abraão. Em Êxodo 6.7, declara: “Serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo”, fórmula repetida ao longo da história de Israel e reinterpretada escatologicamente em Apocalipse 21.3. A Escritura apresenta a redenção como o cumprimento pactuado do compromisso divino: Deus comprometeu-se consigo mesmo a salvar pecadores, e o fez por meio de Cristo.

¹⁴¹ SPROUL, R. C. **Somos Todos Teólogos**. Fiel, 2017, p. 185–187.

¹⁴² Ibid. p. 186.

¹⁴³ PACKER, J. I. **Teologia Concisa**. Cultura Cristã, 2014, p. 81–82.

¹⁴⁴ RUSHDOONY, R. J.; SANDLIN, P. A. **Infalibilidade e Interpretação**. Monergismo, 2018, p. 78–79.

Proclamar Cristo é anunciar que o Deus da aliança cumpriu sua palavra, que o Cordeiro selou com sangue eterno o pacto que garante a justificação, a adoção e a vida eterna (Hb 9.12-15). A pregação reformada, firmada na estrutura pactual da Escritura, convida o pecador a entrar nesse relacionamento pactuado com Deus, por meio da fé em Cristo. A teologia do pacto nos lembra que não há neutralidade: todos estão ou em Adão ou em Cristo (Rm 5.12-21). E é justamente por isso que a proclamação precisa ser urgente, clara e centrada naquele que é, ao mesmo tempo, o Mediador, a Promessa e o Cumprimento.

1.3.2 Contribuições da Teologia da Pregação Contemporânea

Autores como Chapell, Beeke, Clowney, Keller, e outros, trouxeram novo fôlego à homilética contemporânea com forte ênfase cristocêntrica. Mais que técnicas, oferecem uma visão teológica da pregação como meio de encontro com Cristo. Essa abordagem reformula o ministério da Palavra com profundidade, propósito e poder.

a. Exposição Redentora

A proclamação cristã não é simplesmente uma exposição de regras morais ou um apelo ao comportamento ético. A Escritura não foi dada para produzir meramente bons cidadãos, mas para apontar a necessidade desesperada do homem pela graça e revelar o plano de Deus para redimi-lo em Cristo. Nesse sentido, a Exposição Redentora, conforme sistematizada por Bryan Chapell, propõe uma abordagem teológica e homilética que reconhece a condição decaída do ser humano e oferece como resposta única e suficiente a obra redentora de Cristo. Esta proposta de pregação é mais que uma nova técnica, é uma forma consciente de alinhar a prática homilética com o coração do evangelho, Jesus Cristo. O objetivo não é forçar Cristo em cada texto, mas reconhecer que todo o drama das Escrituras converge no plano de Deus de salvar pecadores por meio do Filho.

Segundo Chapell, o primeiro passo para uma pregação verdadeiramente cristocêntrica é reconhecer que todo ser humano encontra-se em estado de queda e impotência espiritual diante de Deus¹⁴⁵. A clareza sobre essa condição impede que os sermões se tornem moralistas, legalistas ou simplesmente motivacionais. O pregador redentor identifica o “Foco da Condição Decaída” no texto bíblico – isto é, o vazio espiritual que só pode ser preenchido pela intervenção divina. Ao fazer isso, ele se obriga a seguir um caminho teológico que

¹⁴⁵ CHAPPELL, B. **Pregação Cristocêntrica**. Cultura Cristã, 2016, p. 313, 315.

culmina na cruz. O centro da exposição, portanto, não é a força de vontade humana, mas a graça eficaz de Cristo, que salva, santifica e sustenta. Essa abordagem não ignora os imperativos morais das Escrituras, mas os interpreta como frutos da ação redentora de Deus, e não como meios para obtê-la¹⁴⁶.

A Exposição Redentora não é uma licença para desprezar os mandamentos da Escritura nem para inserir Jesus forçosamente em cada detalhe do texto. Chapell alerta para dois erros a serem evitados: negar a validade dos ensinios morais da Bíblia e forçar alusões a Cristo onde o texto não as suporta¹⁴⁷. Em vez disso, o pregador deve discernir onde o texto se situa dentro da revelação progressiva do plano redentor de Deus. Toda passagem faz parte de uma história maior que aponta para Cristo, mesmo que de forma tipológica, implícita ou por contraste. A exposição redentora, portanto, não se contenta em “explicar o texto”, mas busca compreender como o texto participa da narrativa redentora das Escrituras. A exegese, assim, torna-se um instrumento de proclamação da esperança cristã, não um fim em si mesma.

Chapell propõe que mensagens realmente cristocêntricas apresentam temas recorrentes da graça em quatro categorias principais: (1) Graça a despeito do pecado, revelando a fidelidade de Deus mesmo diante da nossa fragilidade e rebelião. (2) Graça que remove a culpa, conduzindo à justificação e ao perdão. (3) Graça que vence o poder do pecado, fortalecendo o crente na caminhada de santificação. (4) Graça que compele à santidade, movendo o coração não por medo, mas por gratidão e reverência¹⁴⁸. Esses eixos ajudam o pregador a discernir o propósito pastoral da passagem e a aplicar o evangelho de maneira transformadora. A ênfase é clara: a graça de Cristo não é apenas o ponto de partida da vida cristã, mas sua fonte contínua de poder, conforto e obediência (cf. Tt 2.11-12).

A Exposição Redentora oferece uma contribuição teológica valiosa para a prática proclamação reformada: ela reafirma que a Bíblia é, acima de tudo, a revelação da graça de Deus em Cristo, e que a proclamação fiel deve refletir essa verdade. Como enfatiza Chapell, “somos salvos, santificados e sustentados somente pela graça”, e por isso a pregação fiel jamais deve substituir essa verdade por ameaças legalistas ou imperativos isolados¹⁴⁹. Ao

¹⁴⁶ Ibid. p. 316.

¹⁴⁷ Ibid. p. 316-317.

¹⁴⁸ Ibid. p. 326-327.

¹⁴⁹ Ibid. p. 333.

expor fielmente o texto à luz da cruz, o pregador redentor convida os ouvintes não apenas a conhecer as Escrituras, mas a conhecer Cristo nas Escrituras (Jo 5.39).

b. Pregação Reformada Experiencial

A pregação reformada experiencial, tal como sistematizada por Joel Beeke, é outra importante expressão da teologia homilética reformada contemporânea. Seu foco é unir a ortodoxia doutrinária à experiência pessoal dos ouvintes, de modo que Cristo seja não apenas conhecido conceitualmente, mas recebido de forma viva, pessoal e transformadora. Essa vertente da pregação, profundamente enraizada na tradição puritana e na herança da Assembleia de Westminster, sustenta que toda pregação deve proclamar Cristo ao coração, pelo Espírito, com vistas à salvação e santificação do povo de Deus¹⁵⁰.

Na perspectiva de Beeke, a pregação reformada experiencial é, antes de tudo, uma pregação centrada em Cristo. Isso significa não apenas falar sobre Jesus, mas expô-lo como a substância viva de toda a Escritura (Jo 5.39; Lc 24.44), proclamando-o como Profeta, Sacerdote e Rei¹⁵¹. Tal pregação parte de uma exegese cuidadosa e reverente do texto bíblico, mas não se limita a uma exposição fria ou meramente acadêmica: ela busca alcançar a consciência, iluminar o coração e transformar a vida¹⁵². A pregação reformada experiencial também é espiritual e aplicada. Ela considera não só o conteúdo teológico, mas também o impacto subjetivo que essa verdade deve produzir na alma. Cristo é apresentado não de maneira abstrata, mas como o Salvador suficiente e acessível, cuja justiça é livremente oferecida aos pecadores. Por isso, essa pregação chama à fé, convoca ao arrependimento e instrui os crentes a viverem em comunhão com Deus¹⁵³. Segundo Beeke, “o âmago da pregação experiencial é a oferta sincera de Cristo aos pecadores”¹⁵⁴, uma oferta feita não como apêndice, mas como essência do sermão.

Beeke resgata esse legado ao argumentar que uma pregação fiel deve falar tanto objetivamente de Cristo por nós, quanto subjetivamente de Cristo em nós. Ele denuncia os perigos de um subjetivismo místico e emocionalista que desconecta a experiência cristã da verdade objetiva da Escritura, assim como alerta para o risco de um intelectualismo frio que

¹⁵⁰ BEEKE, Joel R. **Pregação Reformada**: proclamando a Palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus. São Paulo: Editora Fiel, 2019, p. 87.

¹⁵¹ Ibid. p. 88-90.

¹⁵² Ibid. p. 90.

¹⁵³ Ibid. p. 91-93.

¹⁵⁴ Ibid. p. 91.

proclama Cristo sem envolvimento do coração¹⁵⁵. A pregação reformada experiencial é robustamente fundamentada nas Escrituras. A centralidade de Cristo em toda a Bíblia (Lc 24.27, 44; 1Co 2.2) justifica a insistência em proclamar a Cristo crucificado como o centro da mensagem¹⁵⁶.

O chamado à fé e ao arrependimento, tema recorrente nas cartas de Paulo e no ensino de Jesus, é uma dimensão essencial dessa pregação (At 20.21; Jo 1.12-13). Além disso, o reconhecimento da eficácia da Palavra pregada pelo Espírito encontra apoio direto no ensino confessional (Breve Catecismo, P. 90; Catecismo Maior, P. 160)¹⁵⁷. Doutrinariamente, a ênfase de Beeke no oferecimento sincero de Cristo não é uma concessão ao arminianismo, mas uma aplicação prática do sola fide e do sola gratia. A fé, como dom de Deus, deve ser chamada à existência pela proclamação vívida da Pessoa e obra do Redentor¹⁵⁸. Por isso, a verdadeira pregação deve unir o conteúdo doutrinário, o apelo à consciência e a experiência do coração¹⁵⁹.

A pregação reformada experiencial oferece uma resposta equilibrada aos desafios contemporâneos, nos quais há tanto uma tendência à superficialidade emotiva quanto à estéril intelectualização da fé. Ela nos chama a pregar com convicção, fidelidade e paixão, aplicando a Palavra de Deus do coração do pregador ao coração do povo¹⁶⁰. Para Beeke, o pregador reformado deve ser alguém que sabe quem é Cristo, o ama profundamente, e o apresenta com clareza, fervor e reverência. Mais do que apenas instruir, ele é chamado a conduzir seus ouvintes à presença do Salvador, despertando neles fé viva, temor santo e amor ardente¹⁶¹.

3. PERCEPÇÃO PASTORAL E PRÁTICA DA PROCLAMAÇÃO CRISTOCÊNTRICA

Após uma exploração histórica e teológica sobre a centralidade de Cristo na proclamação e pregação, torna-se necessário considerar os desdobramentos práticos dessa

¹⁵⁵ Ibid. p. 517-518.

¹⁵⁶ Ibid. p. 589-590.

¹⁵⁷ Ibid. p. 299-300.

¹⁵⁸ Ibid. p. 598-599.

¹⁵⁹ Ibid. p. 611-613.

¹⁶⁰ Ibid. p. 611.

¹⁶¹ Ibid. p. 93.

convicção no contexto pastoral contemporâneo. A proclamação cristocêntrica não é apenas uma doutrina a ser defendida ou uma tradição a ser mantida, mas uma verdade viva, que deve ser praticada; que responde com fidelidade bíblica, aos desafios da cultura, da igreja e do ministério pastoral em nossos dias.

Neste capítulo propomos uma análise aplicada da proclamação cristocêntrica em três esferas fundamentais: a realidade cultural da pós-modernidade, a vida da igreja local e o exercício do ministério pastoral. Em cada uma delas, parte-se de um diagnóstico crítico das crises observáveis, seguido de respostas práticas que têm Cristo como fundamento. A partir dessa abordagem, busca-se demonstrar que a proclamação deve ser centrada em Cristo, e que ela não é apenas uma exigência exegética e teológica, mas uma resposta pastoral mais adequada aos dilemas contemporâneos enfrentados pela igreja.

3.1 A Proclamação Cristocêntrica para a Pós-Modernidade

Ao longo das últimas décadas, o mundo tem assistido a uma profunda reconfiguração cultural, marcada pelo aparente colapso dos grandes sistemas de pensamento e pela ascensão do que ficou conhecido como pós-modernidade. Jean-François Lyotard, um dos pensadores centrais dessa virada cultural, definiu o espírito pós-moderno como a “incredulidade com relação às metanarrativas”¹⁶², ou seja, uma rejeição às grandes histórias universais, como o cristianismo, que buscam explicar o mundo e a existência.

Tal mudança provocou uma sensação generalizada de “estranheza” no ministério pastoral contemporâneo. Como afirma Albert Mohler, “o ministério pastoral está mais estranho do que costumava ser”, não necessariamente mais difícil, mas certamente mais desconectado de seus fundamentos históricos, em razão do impacto da filosofia pós-modernista na cultura popular e no imaginário coletivo¹⁶³. A nova mentalidade cultural não apenas questiona a existência da verdade absoluta, mas também relativiza toda forma de autoridade, moralidade e textualidade¹⁶⁴. Diante dessa conjuntura, a proclamação cristocêntrica se torna não apenas necessária, mas urgente. Proclamar a Cristo nesse cenário

¹⁶² LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. São Paulo: José Olympio, 2021.

¹⁶³ MOHLER, R. Albert. **O ministério pastoral está mais estranho do que costumava ser: o desafio do pós-modernismo**. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-ministerio-pastoral-esta-mais-estranho-do-que-costumava-ser-o-desafio-do-pos-modernismo/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹⁶⁴ Idem.

não significa apenas falar sobre Ele, mas apresentar uma resposta que resista ao colapso do significado, à diluição do texto e à fragmentação da moral.

3.1.1 Diagnóstico Cultural: Sociedades em Crise

A proclamação do evangelho na pós-modernidade não pode ignorar o ambiente cultural em que está inserida. A sociedade atual vive uma crise de fundamentos, marcada por um pluralismo que nivela todas as crenças, um relativismo que dilui as categorias do bem e da verdade, e um secularismo que marginaliza o sagrado, ao mesmo tempo em que se entrega a um misticismo difuso e egocêntrico. Estas forças moldam a mentalidade coletiva e desafiam a integridade da fé cristã. Assim, antes de apresentar respostas práticas, é necessário mapear com clareza o cenário em que a mensagem cristocêntrica precisa ser anunciada e defendida.

a. Pluralismo Religioso e Epistemológico

Entre os traços mais evidentes da cultura pós-moderna está o pluralismo, não apenas religioso, mas epistemológico. Vivemos em uma sociedade onde a multiplicidade de crenças, cosmovisões e narrativas é não apenas tolerada, mas celebrada como uma virtude máxima. Em nome da diversidade, qualquer reivindicação de exclusividade religiosa ou epistemológica é imediatamente taxada de intolerância. É nesse ambiente que a proclamação do evangelho de Cristo como “o único caminho” (Jo 14.6) se torna um escândalo cultural.

O pluralismo religioso, em sua versão contemporânea, vai além do convívio pacífico entre crenças distintas. Ele se configura como um projeto ideológico que nega a existência de uma única verdade salvífica e exige que todas as religiões sejam vistas como igualmente válidas. Nas palavras de John Hick, um dos proponentes mais conhecidos do pluralismo teológico, “todas as religiões são respostas igualmente válidas ao Real último”¹⁶⁵. Em termos epistemológicos, esse pluralismo se traduz na rejeição de qualquer critério transcendente de verdade, substituindo-o por construções socioculturais e subjetivas de conhecimento. Assim, o que importa não é mais o que é verdade, mas o que é “verdade para mim”. Esse pensamento tem moldado inclusive a forma como o cristianismo é percebido. O cristianismo, com a verdade que liberta (Jo 8.32), agora é tratado como uma das muitas “narrativas de fé”, úteis apenas para quem a escolhe subjetivamente, mas inaceitável como verdade pública.

¹⁶⁵ HICK, John. *God Has Many Names*. London: The Macmillan Press LTD. 1980.

A proclamação cristocêntrica, nesse contexto, não se rende ao pluralismo. A Escritura sempre afirmou a singularidade e exclusividade de Cristo como único mediador entre Deus e os homens (1Tm 2.5). João Calvino, ao comentar esse ponto, escreveu: “Qualquer que introduza mediadores fictícios sem qualquer autoridade bíblica, está impregnado de desconfiança e temeridade perversa”¹⁶⁶. A centralidade de Cristo na proclamação é, portanto, não apenas um compromisso teológico, mas uma resposta pastoral ao pluralismo do nosso tempo. Nesse sentido, o pregador precisa resgatar a coragem dos apóstolos diante do Sinédrio, ao declarar: “Não há salvação em nenhum outro, porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4.12).

Diversos pensadores cristãos têm contribuído para esse discernimento. Lesslie Newbigin, missionário e teólogo anglicano, argumenta que o evangelho é, por definição, uma afirmação pública de verdade, e não apenas uma experiência privada de fé¹⁶⁷. Para ele, ceder ao relativismo epistemológico é entregar a missão cristã ao fracasso. David Wells, em sua obra *God in the Wasteland*, alerta que o relativismo do nosso tempo é especialmente perigoso porque “não apenas nega que exista uma verdade universal, mas transforma cada indivíduo em sua própria autoridade final”¹⁶⁸. Ele observa que “a verdade foi psicologizada, a autoridade foi dissolvida e a teologia se tornou terapêutica”. Assim, o pluralismo contemporâneo não apenas rejeita o evangelho como única verdade, ele redesenha o próprio conceito de verdade e autoridade, esvaziando a proclamação cristã de seu conteúdo objetivo.

O pluralismo religioso não é neutro: ele funciona como uma metanarrativa alternativa que exige submissão a um critério externo ao evangelho, a saber, a ideia de que nenhuma verdade pode ser absoluta. Nesse ponto, o próprio pluralismo se contradiz: ele se apresenta como uma verdade universal (de que não há verdades universais), o que revela sua incoerência interna. A pregação cristocêntrica confronta o pluralismo não com arrogância, mas com fidelidade e amor.

¹⁶⁶ CALVINO, J. **Pastorais**. Tradução: Valter Graciano Martins. Primeira Edição ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009. p. 62

¹⁶⁷ NEWBIGIN, Lesslie. **O Evangelho Em Uma Sociedade Pluralista**. Viçosa: Editora Ultimato, 2023.

¹⁶⁸ WELLS, David F. **God in the Wasteland: The Reality of Truth in a World of Fading Dreams**. Haddington, East Lothian: Handsel Press, 1994, p. 76–77.

b. Relativismo Moral e Doutrinário

Quando os “referenciais normativos” são abandonados perde-se a moralidade e a doutrina cristã. No passado, mesmo entre os não-cristãos, existia certo reconhecimento de padrões morais objetivos herdados da tradição judaico-cristã. Contudo, aparentemente há uma mudança estrutural: os valores são cada vez mais subjetivos, a moralidade é definida pelo indivíduo, e a doutrina cristã é relativizada em nome da inclusão, ou do "respeito à diversidade". O relativismo, que antes era uma postura acadêmica periférica, agora é o *ethos* dominante. O pecado se torna "expressão pessoal", e a heresia "opinião sincera".

O relativismo moral, bem definido por Naugle acontece quando “o homem autônomo, partindo de si mesmo como ponto de referência e de seus próprios recursos intelectuais, tentava criar um sistema de conhecimento, significado e valores que forneceria uma interpretação coerente da vida”¹⁶⁹. Não há valores morais absolutos, bem e mal são construções sociais e subjetivas. A consequência lógica dessa postura é a rejeição de qualquer padrão de julgamento universal, incluindo os mandamentos divinos. Essa rejeição atinge o cerne da proclamação cristã, pois o evangelho supõe a existência de pecado real, juízo divino verdadeiro e uma redenção objetiva em Cristo. No campo doutrinário, o relativismo assume formas como o universalismo (salvação para todos, independentemente de Cristo), o inclusivismo teológico (todas as religiões têm valor igual), e até mesmo a negação da necessidade de arrependimento ou conversão.

A Reforma Protestante se fundamentou em absolutos, no fato de que a verdade de Deus, revelada nas Escrituras, é objetiva, suficiente e normativa. Lutero afirmou que a sua consciência estava cativa à Palavra de Deus¹⁷⁰. Essa consciência cativa é o oposto da liberdade pós-moderna, que se recusa a ser guiada por qualquer autoridade externa. A teologia reformada, ao proclamar a centralidade de Cristo, afirma também a centralidade da verdade revelada em Cristo, que não pode ser relativizada sem que o próprio evangelho seja

¹⁶⁹ NAUGLE, D. K. **Cosmovisão: A História de um Conceito**. Tradução: Marcelo Herberts. 1a edição ed. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017. p. 59

¹⁷⁰ “A menos que eu seja convencido pelo testemunho das Escrituras ou pela clara razão (porque não confio nem no papa e nem só nos concílios, desde que é bem sabido que eles frequentemente erram e se contradizem), eu me rendo às Escrituras que citei e minha consciência está cativa à Palavra de Deus. Eu não posso e não negarei nada, uma vez que não é seguro e nem certo ir contra a consciência”. Em: TRUEMAN, C. **Lutero e a Vida Cristã: Teologia e Vida Alicerçadas na Cruz de Cristo**. Tradução: João Pedro Cavani Ferraz De Almeida. 1a edição ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017. p. 48

demolido. Proclamar Cristo exige anunciar, também, verdade e ética objetivas, enraizadas na Palavra de Deus.

Se tudo é interpretação, então nada é definitivo, até a doutrina se torna irrelevante, e a igreja perde sua capacidade de formar discípulos. O relativismo doutrinário destrói o discipulado cristão, porque já não há mais um conteúdo objetivo a ser criado e ensinado. A consequência disso é um cristianismo esfacelado, como a própria sociedade diagnosticada por Zygmunt Bauman¹⁷¹. A fé se molda ao gosto do consumidor e a igreja se torna apenas um espaço terapêutico. A moral cristã é considerada ultrapassada, patriarcal e opressora. O preço disso é alto: espiritualidade sem arrependimento, sem cruz, sem conversão.

Se tudo é relativo, a proclamação cristocêntrica precisa reafirmar o absoluto: o senhorio de Cristo, a verdade da Palavra, a santidade exigida pelo evangelho e a fidelidade à doutrina apostólica. O apóstolo Paulo não hesita ao dizer que existe um “modelo de sã doutrina” a ser seguido (2Tm 1.13), e Judas exorta a igreja a “batalhar pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 1.3). O relativismo moral e doutrinário não pode ser conciliado com a cruz de Cristo. Em tempos líquidos, a proclamação precisa ser sólida, corajosa e cheia de graça e verdade (Jo 1.14).

c. Secularismo e Misticismo

Entre os traços mais marcantes da pós-modernidade está a combinação paradoxal de um secularismo crescente com um misticismo difuso. À primeira vista, essas posturas parecem contraditórias: o secularismo exclui o transcendente do domínio público, enquanto o misticismo apela à experiência espiritual direta e subjetiva. No entanto, o que se observa nas duas direções é a rejeição do Deus revelado na Escritura, substituindo-o por uma religiosidade amorfa ou por espiritualidade sem “amarras” de religião. Trata-se de um cenário em que Deus é excluído do “século” (*saeculum*), como dizem Walsh e Middleton¹⁷², e ao mesmo tempo substituído por formas subjetivas de espiritualidade que não exigem verdade, cruz ou arrependimento.

O secularismo moderno não é, essencialmente, ateu, mas funcionalmente indiferente a Deus. Como observa Bernard Zylstra (apud Walsh e Middleton), ele consiste

¹⁷¹ BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. São Paulo: Zahar, 2004.

¹⁷² WALSH, Brian J.; MIDDLETON, J. Richard. **A Visão Transformadora: Moldando uma Cosmovisão Cristã**. Tradução: Valdeci Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 100.

menos em negar a existência de Deus e mais em negar sua relevância para o mundo real¹⁷³. A modernidade criou um mundo onde Deus “não tem nada a dizer de essencial” sobre como o mundo é ou como devemos viver. Com isso, o *saeculum*, a realidade histórica e social, tornou-se autônomo, e o homem passou a se compreender como o centro do sentido e da ação. Como destaca Naugle, “o homem se liberta tanto da intuição do Ser como da sua localização no esquema divino tal como especificada na revelação cristã”¹⁷⁴. Ao mesmo tempo, a crise existencial do secularismo gera uma fome espiritual difusa, que se traduz em um misticismo sincrético, desprovido de doutrina e marcado por estados alterados de consciência. James Sire observa que, para escapar do niilismo advindo do naturalismo ocidental, muitos se voltam para práticas orientais, especialmente versões adaptadas de meditação e espiritualidade esotérica¹⁷⁵. Nessa lógica, o “eu” e o “cosmo” são percebidos como uno, dissolvendo a distinção entre Criador e criatura, um pilar na cosmovisão bíblica.

A tradição cristã histórica, especialmente em sua expressão reformada, insiste em que Deus é Senhor de toda a realidade, tempo, história e consciência. O secularismo, ao banir Deus do espaço público, destrói a possibilidade de moralidade objetiva, de propósito eterno e de esperança escatológica. Por outro lado, o misticismo difuso, ao buscar transcendência sem revelação, dissolve o evangelho em experiências subjetivas. A proclamação cristocêntrica, portanto, responde a esse cenário anunciando que Cristo é o Senhor da história (Colossenses 1.17-20) e o único Mediador entre Deus e os homens.

Francis Schaeffer, já no século XX, apontava que a graça fora devorada pela natureza e que o secularismo havia se infiltrado em todas as áreas da vida, gerando uma existência monótona, sem transcendência verdadeira¹⁷⁶. A tentativa de compensar isso por meio de experiências místicas não é nova. William James já observava, no início do século XX, o surgimento daquilo que chamou de “consciência cósmica”, uma forma de percepção espiritualista que promove união com o cosmo¹⁷⁷. Contudo, como alerta James Sire, essa busca por transcendência sem verdade conduz à dissolução do “eu” e ao abandono da racionalidade. O resultado é uma espiritualidade que exige “morrer para o Ocidente para nascer no Oriente”, mas que oferece apenas ilusões metafísicas em lugar da esperança

¹⁷³ Idem, p. 100.

¹⁷⁴ Ibid. p. 190-191

¹⁷⁵ SIRE, James W. **O Universo ao Lado: Um Catálogo Básico sobre Cosmovisão**. Tradução: Marcelo Herberts. 5. ed. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018. p. 181.

¹⁷⁶ NAUGLE, David K. *Cosmovisão*, op. cit., p. 59.

¹⁷⁷ SIRE, James W. **O Universo ao Lado**, op. cit., p. 208.

bíblica¹⁷⁸. Alan Sokal e Jean Bricmont, em crítica ao pós-modernismo, mostram como ele tende ao irracionalismo místico quando abandona qualquer critério objetivo de verdade¹⁷⁹.

Diante da exclusão de Deus pela secularidade e da distorção de Deus pela espiritualidade mística, a proclamação cristocêntrica se apresenta como o testemunho da verdade revelada, da autoridade de Cristo e da suficiência da cruz. Jesus não é apenas um símbolo de espiritualidade ou um mestre moral: Ele é o Verbo eterno encarnado, o Sumo Sacerdote que fala, redime e governa. A igreja não pode aceitar uma espiritualidade sem cruz, nem uma cultura sem Deus. A proclamação cristocêntrica diz, com firmeza e ternura: “O Verbo se fez carne”, e essa é a boa notícia para a nossa sociedade.

3.1.2 Respostas Práticas: Cristo como Centro e Critério

Diante dos dilemas impostos pela cultura pós-moderna, marcada por um pluralismo que relativiza todos os caminhos, por um relativismo que desfigura a verdade e por um secularismo que retira Deus da vida real, e ao mesmo tempo flerta com um misticismo inócuo, torna-se urgente proclamar a suficiência e a centralidade de Jesus Cristo como resposta. A crise do caminho encontra seu antídoto em Cristo como o único e necessário Caminho para o Pai. A crise da verdade é confrontada pela revelação objetiva de Cristo como a Verdade encarnada. E a crise da vida, diluída entre o niilismo materialista e o misticismo subjetivo, encontra seu sentido em Cristo como a Vida plena e eterna. Em meio à confusão do nosso tempo, reafirmar a exclusividade de Cristo como caminho, verdade e vida (Jo 14.6).

a. Um só Caminho

Jesus Cristo não se apresenta como uma opção entre muitas, mas como a revelação exclusiva do Deus verdadeiro. Em uma era marcada pelo pluralismo religioso e pela relativização das crenças, a afirmação de Jesus: “ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6), parece não apenas ofensiva, mas inaceitável aos ouvidos pós-modernos. Ainda assim, é inegociável que essa seja proclamação cristã: há um só caminho para Deus, e esse caminho é uma Pessoa. A igreja precisa, portanto, reafirmar sua confiança na singularidade de Cristo, não como um ato de intolerância cultural, mas como expressão de fidelidade à revelação.

¹⁷⁸ Idem, p. 181.

¹⁷⁹ Idem, op. cit., p. 260-261. Citação de: SOKAL, Alan; BRICMONT, Jean. *Imposturas Intelectuais*.

A Escritura é clara ao declarar que a salvação está unicamente em Cristo: “Em nenhum outro há salvação” (At 4.12). A exclusividade de Jesus é o coração do evangelho, ele é o único mediador entre Deus e os homens, e todos os que foram salvos em qualquer tempo, o foram por meio dele. Como enfatiza John Piper, ao refletir sobre João 1.1-18, o Verbo encarnado é aquele por meio de quem tudo foi criado, aquele que possui vida em si mesmo e que, ao vir ao mundo, trouxe luz aos homens. Por isso, deve ser recebido não como mais uma figura religiosa, mas como Salvador, Rei, Deus, Tesouro e Guia¹⁸⁰. Negar essa singularidade é esvaziar a própria mensagem cristã.

A exclusividade de Cristo não deve ser confundida com arrogância religiosa, mas entendida como a consequência lógica de uma revelação histórica e pessoal de Deus. Como destacam Walsh e Middleton, toda cosmovisão deve ser constantemente informada pela realidade e, se for cristã, pela Palavra de Deus. Uma cosmovisão que se fecha à possibilidade de correção transforma-se em ideologia¹⁸¹. Por isso, embora a fé cristã afirme um só caminho, ela não se recusa ao diálogo, apenas se recusa a relativizar a verdade revelada. A proposta cristã permanece clara: o Verbo se fez carne, e isso distingue de maneira decisiva o cristianismo de todas as demais visões de mundo¹⁸².

O pluralismo religioso contemporâneo tornou difícil sustentar qualquer reivindicação exclusiva. Como aponta James Sire, vivemos em um cenário em que a única unidade restante é a crença de que qualquer afirmação de verdade é tão válida quanto outra, e a verdade passou a ser definida subjetivamente¹⁸³. No entanto, a própria ideia de cosmovisão exige um compromisso com uma leitura da realidade. Sire conclui que, por mais que o pluralismo pareça democrático, ele é insustentável como fundamento para o conhecimento e a vida. O cristianismo, por sua vez, proclama que a realidade tem um fundamento pessoal: “O Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, é o Elefante”¹⁸⁴.

Assim a proclamação cristocêntrica não consiste em batalhar por uma superioridade entre tradições religiosas, mas em anunciar aquele que é o único caminho para a vida eterna. Em tempos de relativização espiritual, a proclamação cristã é um ato de amor: apontar, com

¹⁸⁰ AQUINO, J. P. T. de. **Pregue para a Glória de Deus**. Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2019, p. 92–93.

¹⁸¹ WALSH, B. J.; MIDDLETON, J. R. **A Visão Transformadora**: Moldando uma Cosmovisão Cristã. Trad. Valdeci Santos. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010, p. 35.

¹⁸² Idem, p. 21.

¹⁸³ SIRE, J. W. **Dando Nome ao Elefante**: Cosmovisão Como um Conceito. Trad. Paulo Zacharias; Marcelo Herberts. 2. ed. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019, p. 170–171.

¹⁸⁴ Idem, p. 238.

humildade e ousadia, que existe um único acesso ao Pai, Jesus Cristo. O caminho é estreito, sim, mas ele está aberto a todos os que creem. E essa é a boa nova: o Caminho está vivo, e convida todos a entrar por Ele.

b. Uma só Verdade

Se a verdade “está” fragmentada em perspectivas individuais, em que a moralidade é submetida ao gosto cultural ou experiência pessoal, a proclamação cristocêntrica ousa afirmar que há uma só verdade, e ela é Jesus. O relativismo moderno, em suas variadas expressões, desafia frontalmente qualquer pretensão de universalidade moral ou doutrinária. Contudo, a própria estrutura do pensamento cristão exige uma verdade absoluta, pois seu conteúdo não é construído a partir da subjetividade humana, mas revelado objetivamente por Deus. Se o pecado nos alienou da verdade, Cristo nos reconciliou. Na sua encarnação, ele não apenas afirmou conhecer a verdade, mas ser a Verdade encarnada.

O relativismo moral e doutrinário parte do pressuposto de que todas as afirmações de verdade são condicionadas por fatores culturais, subjetivos ou linguísticos. Wittgenstein, por exemplo, rejeitou a possibilidade de se conhecer realidades objetivas fora da linguagem, reduzindo o conhecimento a uma questão pragmática de uso linguístico e não de correspondência com a realidade¹⁸⁵. Nessa abordagem, “verdade” deixa de ser um referencial firme e passa a ser uma construção dependente de jogos de linguagem. Tal visão resulta, inevitavelmente, em uma crise epistemológica: se não há uma verdade fora de nós, não há fundamento comum sobre o qual se possa edificar qualquer ética duradoura ou doutrina coerente. A fé cristã, no entanto, se estrutura sobre o pressuposto contrário: há uma verdade objetiva, revelada por Deus, e que se torna conhecida de forma suficiente e salvadora por meio de Jesus Cristo.

Autores como David Naugle têm insistido que a cosmovisão cristã exige uma ontologia anterior à epistemologia: a verdade não é construída a partir do sujeito, mas revelada a partir do ser de Deus¹⁸⁶. A própria possibilidade de conhecimento verdadeiro se enraíza no fato de que Deus nos criou à sua imagem e nos dotou de capacidade racional para conhecer, ainda que de maneira limitada, o que Ele revelou¹⁸⁷. Essa estrutura impede que o

¹⁸⁵ Idem, p. 46.

¹⁸⁶ SIRE, J. W., op. cit., p. 66–68.

¹⁸⁷ Ibid., p. 173–176.

cristão se renda ao subjetivismo ou caia na armadilha pós-moderna da autoconstrução da realidade. James Sire ressalta que a cosmovisão cristã sustenta uma objetividade criacional, uma verdade que não depende da aprovação de culturas ou da conveniência de seus adeptos. Trata-se de uma verdade que “é”, e que por isso confronta e liberta¹⁸⁸. Rejeitar essa verdade, portanto, não é apenas um erro lógico ou moral, mas uma forma de idolatria: substituir o Deus verdadeiro por caricaturas de nossa própria invenção.

A proclamação cristocêntrica não se limita a experiências subjetivas ou proposições abstratas; ela é pública, encarnacional e redimida. Por isso, ela se contrapõe não apenas ao relativismo teórico, mas também à sua forma prática, que se manifesta em doutrinas frágeis, éticas acomodadas e pregações diluídas. Como destaca Sire, o Deus que é a Verdade não é um conceito filosófico, mas um Deus que intervém, que fala e age na história¹⁸⁹. Ele não apenas exige crença, mas oferece certeza. Alvin Plantinga argumenta que a fé em Deus pode ser epistemicamente justificada como “propriamente básica”, isto é, uma crença racionalmente sustentada sem necessidade de argumentos externos, porque nasce do *sensus divinitatis* inscrito em cada ser humano¹⁹⁰. É essa verdade, comunicada pelas Escrituras e personificada em Cristo, que oferece ao mundo não apenas uma alternativa viável, mas a única esperança duradoura de conhecimento, sentido e redenção.

Cristo é a única verdade que não apenas denuncia a mentira do relativismo, mas oferece um fundamento seguro para a vida e a doutrina. Ele é a revelação final de Deus, a Palavra que nos interpreta antes mesmo de sermos capazes de interpretá-la. Enquanto o relativismo grita que “toda verdade é construída”, o cristão proclama que “toda verdade é recebida”. Cristo, a Verdade viva, não é relativizável. Ele é o Verbo feito carne, aquele em quem todas as verdades convergem e por meio de quem toda mentira é desmascarada. A pregação cristocêntrica, portanto, não deve apenas apontar para Cristo como a Verdade, mas também confrontar o espírito de nossa época com sua absoluta autoridade e beleza redentora.

c. *Uma só Vida*

A pós-modernidade abriga duas forças aparentemente antagônicas, mas que compartilham a rejeição da centralidade de Cristo: o secularismo racionalista e o misticismo

¹⁸⁸ Ibid., p. 74-76.

¹⁸⁹ Ibid., p. 176.

¹⁹⁰ Ibid., *op cit.*, p. 175.

subjetivista. Ambas negam, à sua maneira, a suficiência da revelação cristã. O secularismo busca autonomia à margem do transcendente, enquanto o misticismo procura transcendência sem revelação objetiva. A proclamação cristocêntrica, porém, testemunha que há uma só vida verdadeira e eterna, Jesus Cristo, e essa vida é a resposta para um mundo em crise de sentido.

O apóstolo Paulo, tanto no areópago ateniense quanto na epístola aos colossenses¹⁹¹, estabelece o princípio de que Cristo é a fonte e o destino da vida verdadeira. Essa vida é a realidade de viver sob o senhorio de Cristo, reconciliado com Deus. A crise da modernidade tardia levou o homem a idolatrar a autonomia (como já explicado por Wolters), reduzindo a liberdade à rejeição da lei de Deus e confundindo espiritualidade com sentimento. A pregação cristocêntrica responde a isso afirmando que a no Senhor está a verdadeira liberdade.¹⁹²

Joel Beeke alerta para o risco desse misticismo desvinculado das Escrituras, no qual experiências subjetivas substituem a fé bíblica.¹⁹³ A pregação cristocêntrica não rejeita o envolvimento afetivo, mas o ancora na Palavra, na cruz e no Cristo ressurreto. Por isso, Beeke defende que a verdadeira experiência espiritual “nasce da comunhão íntima e contínua com o Senhor”, não da busca de estímulos emocionais.¹⁹⁴ Goldsworthy enfatiza que o cristianismo não é uma construção cultural do Ocidente, mas a realização da promessa redentora de Deus na história. O secularismo e o sincretismo só prosperam quando a Bíblia é impedida de falar com autoridade.¹⁹⁵ Herman Bavinck também contribui ao lembrar que a fé cristã não se baseia em sentimentos ou experiências efêmeras, mas em fatos redentores, enraizados na história e na revelação objetiva.¹⁹⁶ A proclamação de Cristo é, portanto, remédio contra o vazio das ideologias e a ilusão da religiosidade subjetiva.

Como afirma Bryan Chapell, é tarefa do pregador guiar o ouvinte pelo “labirinto” das dúvidas e ilusões modernas, conduzindo-o até a Palavra viva que revela o Deus que salva.¹⁹⁷ Por fim, a análise de Timothy Keller (apresentada por Heber Campos Jr.) nos lembra que até

¹⁹¹ Atos 17.28 e Colossenses 3.4

¹⁹² WOLTERS, Albert M. **A Criação Restaurada: A Base Bíblica da Cosmovisão Reformada**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 56.

¹⁹³ BEEKE, Joel R. **Pregação Reformada: Proclamando a Palavra de Deus do Coração do Pregador para o Coração do Povo de Deus**. São Paulo: FIEL, 2019, p. 67.

¹⁹⁴ Ibid., p. 540-541.

¹⁹⁵ GOLDSWORTHY, Graeme. **Pregando Toda a Bíblia Como Escritura Cristã**. São José dos Campos: FIEL, 2015, p. 49-50.

¹⁹⁶ BAVINCK, Herman. **Cosmovisão Cristã**. Brasília: Monergismo, 2024, p. 109-111.

¹⁹⁷ CHAPPELL, Bryan. **Pregação Cristocêntrica**. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 107.

o secularismo está fundamentado em fé, e que o anseio por sentido, liberdade e justiça está presente mesmo em discursos que pretendem rejeitar o religioso.¹⁹⁸

Então, ao declarar que Cristo é “a nossa vida”, “vida eterna”, resgata-se a dignidade humana ao revelar que fomos criados, redimidos e vocacionados por Jesus. Contra o vazio do secularismo e o engano do misticismo, a proclamação cristocêntrica aponta a verdadeira fé, que nasce da Palavra, vive em obediência e amadurece em comunhão com o Deus triúno. Numa sociedade fragmentada entre autonomia rebelde e experiências ilusórias, proclamar Cristo como o único caminho de vida é o maior ato de amor.

3.2 A Proclamação Cristocêntrica para a Igreja Local

A proclamação cristocêntrica não se limita à esfera do discurso público ou ao enfrentamento das crises culturais da pós-modernidade. Ela também precisa ser aplicada com urgência à igreja local, como corpo visível de Cristo no mundo, a Igreja, é constantemente tentada a se afastar de sua centralidade nele, seja por pressões culturais externas, seja por deformações internas. Assim, propomos observar o cenário atual de muitas comunidades cristãs, diagnosticando suas crises e propondo respostas concretas a partir de uma proclamação em que Cristo é o centro da vida da Igreja.

3.2.1 Diagnóstico Eclesiológico: Comunidades em Crise

Ao observarmos a realidade de muitas igrejas locais, torna-se evidente que há crises profundas que comprometem sua identidade e missão. A ausência de uma proclamação verdadeiramente cristocêntrica tem contribuído para o surgimento de comunidades marcadas pelo individualismo e partidarismo, pelo ritualismo vazio e formalismo estéril, além de um imediatismo pragmático que sufoca a fidelidade à Palavra. Estes sintomas não surgem isoladamente, mas revelam uma eclesiologia adoecida que necessita urgentemente ser confrontada pela centralidade de Cristo.

a. Individualismo e Partidarismo

A crise da igreja local não é apenas teológica ou estrutural; é profundamente espiritual e relacional. Entre os males que corroem silenciosamente a vida da comunidade cristã,

¹⁹⁸ CAMPOS, Heber Jr. **Amando a Deus no Mundo**: Por uma Cosmovisão Reformada. São José dos Campos: FIEL, 2019, p. 195–196.

destacam-se o individualismo e o partidarismo. Estas não são tendências novas, mas ganham nova força em um contexto pós-moderno que valoriza a autonomia em detrimento da interdependência comunitária. A igreja contemporânea, muitas vezes, sem perceber, adota a lógica do consumo, onde o indivíduo se aproxima da fé cristã como quem escolhe produtos, em vez de submeter-se humildemente ao Corpo de Cristo.

A Escritura confronta claramente essas distorções. O apóstolo Paulo repreende a igreja de Corinto por seu espírito de divisão e lealdade partidária: "Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu de Apolo; porventura não sois carnis?"¹⁹⁹. A preocupação do Apóstolo não era apenas com os efeitos sociais do partidarismo, mas com sua raiz espiritual: a imaturidade e a carnalidade. Da mesma forma, Hebreus 10.25 adverte contra o abandono da vida em congregação, evidenciando que a fé cristã não pode ser vivida de forma autônoma, mas requer o encontro constante com a assembleia dos santos. A unidade não é apenas uma prática eclesial; é um reflexo da própria comunhão trinitária.

Joel Beeke mostra como, mesmo em tempos de ortodoxia reformada, o risco do misticismo individualista rondava a piedade pessoal. Van Lodenstein, por exemplo, mergulhou em uma espiritualidade profundamente devocional, alimentada por obras como o Cântico dos Cânticos e pelos escritos de Bernardo de Claraval, o que o levou a uma experiência intensa com Cristo como Noivo. No entanto, mesmo ele manteve a pregação reformada e a piedade eclesial como centrais²⁰⁰. Já Mark Dever alerta para os efeitos devastadores do “hiper-individualismo camuflado” em nossas igrejas, promovendo um cristianismo onde o crente “vive à sua própria maneira” e considera a membresia uma formalidade dispensável²⁰¹. Essa espiritualidade centrada no eu, nutrida pela cultura contemporânea, destrói a comunhão bíblica, discipulado, serviço e testemunho²⁰².

A pandemia de COVID-19 serviu, segundo Chris Wright, como um choque para o cristianismo cultural, revelando o quanto havíamos substituído a comunhão pela

¹⁹⁹ Cf. 1Coríntios 3.4

²⁰⁰ BEEKE, Joel R. **Pregação reformada**: proclamando a Palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. 1. ed. São Paulo: Editora Fiel, 2019. p. 404–406.

²⁰¹ DEVER, Mark. **9 marcas de uma igreja saudável**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. 1. ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2007. p. 32.

²⁰² WRIGHT, Christopher et al. **A igreja do futuro e o futuro da igreja**. Tradução de Pedro Caetano Silva Grego. 1. ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2021. p. 22–23.

conveniência e o vínculo fraterno pelo isolamento²⁰³. O contato humano, o toque e o olho no olho são insubstituíveis na experiência eclesial. As redes sociais e plataformas digitais intensificaram esse quadro, criando um cristianismo “de quarto”, em que se “frequenta” a igreja conforme gostos e humores, e não conforme aliança e compromisso. Esse fenômeno reforça o partidarismo e o individualismo, pois acentua preferências pessoais em detrimento da unidade doutrinária e espiritual²⁰⁴. John Piper, ao pregar sobre João 10.16, mostrou como a voz de Cristo deveria conduzir seus discípulos a uma humildade que supera divisões étnicas, políticas ou eclesiásticas²⁰⁵. Contudo, o que se vê são grupos que, após ouvirem a voz de Cristo, passam a confundi-la com suas identidades culturais e políticas, tornando a fé um campo de disputa de hegemonias.

A proclamação cristocêntrica precisa enfrentar com coragem tanto o individualismo quanto o partidarismo. Cristo não nos salvou para vivermos isolados, mas para sermos corpo. A cruz não apenas nos reconcilia com Deus, mas também com o próximo. A igreja saudável é aquela que nega a si mesma para servir ao outro; que rejeita o partidarismo para cultivar a unidade no Espírito; que não apenas crê, mas também ama. E esse amor não se expressa em sentimentalismo abstrato, mas na prática da comunhão, da mutualidade e da sujeição mútua em Cristo.

b. Ritualismo e Formalismo

O ritualismo e o formalismo são enfermidades silenciosas que minam a vitalidade espiritual das igrejas. Manifestam-se quando os elementos exteriores do culto, gestos, liturgias, linguagem religiosa, passam a ser fins em si mesmos, desconectados da essência viva do evangelho. Tal realidade resulta em comunidades que preservam aparências religiosas, mas carecem de vida espiritual, devocional e compromisso com Cristo.

A Escritura denuncia com veemência o formalismo. Em Jeremias 7.22-23, o Senhor declara que não pediu apenas sacrifícios, mas obediência: “Pois nunca falei a vossos pais... acerca de holocaustos e sacrifícios. Mas isto lhes ordenei: Dai ouvidos à minha voz.” Da mesma forma, Oséias 6.6 afirma: “Pois misericórdia quero, e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos.” Jesus retoma esse princípio ao condenar a

²⁰³ Id., p. 20-21.

²⁰⁴ DULCI, Pedro Lucas et al. **Igreja sinfônica**: um chamado radical pela unidade dos cristãos. São Paulo: Mundo Cristão, 2021. p. 143.

²⁰⁵ AQUINO, J. P. T. **Pregue para a glória de Deus**. 1. ed. Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2019. p. 185–186.

hipocrisia farisaica, acusando-os de manterem a forma do culto, mas negarem sua substância (Mt 23.23). O apóstolo Paulo alerta contra os que “têm aparência de piedade, mas negam o seu poder” (2Tm 3.5), indicando que a mera conformidade externa não substitui a verdadeira espiritualidade.

Joel Beeke observa que o formalismo tomou conta de comunidades inteiras, onde até mesmo “cristãos não se envergonhavam de ridicularizar a experiência cristã”, demonstrando que a espiritualidade havia sido substituída por justiça própria e cerimonialismo estéril²⁰⁶. Mark Dever destaca o risco de uma religiosidade em que a preparação litúrgica é confundida com hipocrisia, embora a organização não precise ser sinônimo de falsidade²⁰⁷. Em muitas comunidades, o culto tornou-se apenas um protocolo: a forma do culto substituiu o coração do culto. A análise de Dulci e outros é incisiva ao indicar que igrejas históricas frequentemente se tornam vulneráveis ao “reducionismo litúrgico”, caindo na ortodoxia morta ou na ausência de ortopatia²⁰⁸. O formalismo é descrito como uma degeneração cíclica nas tradições religiosas, que se afasta da essência do evangelho e confia nas formas ao invés da fé²⁰⁹.

O caso das igrejas coloniais retratado por Abraham Messler mostra que o formalismo pode se tornar norma institucional, resistindo inclusive à verdadeira conversão²¹⁰. Peter Wagner classifica nominalismo e formalismo como uma das principais enfermidades espirituais da igreja²¹¹. O formalismo, segundo Jellema, reduz a religião à aparência e ignora os valores que deram origem aos ritos, é “a aparência de piedade sem o poder”²¹².

O formalismo e o ritualismo revelam um cristianismo esvaziado de Cristo. São sintomas de uma fé desconectada da graça e do evangelho, mais preocupada com tradição do que com transformação. O desafio das igrejas cristãs contemporâneas é cultivar uma adoração que une forma e essência, reverência e vivacidade, liturgia e vida.

²⁰⁶ BEEKE, Joel R. **Pregação Reformada**: Proclamando a Palavra de Deus do Coração do Pregador para o Coração do Povo de Deus. Tradução Francisco Wellington Ferreira. São Paulo: Editora Fiel, 2019, p. 415–416.

²⁰⁷ DEVER, Mark. **Nove marcas de uma igreja saudável**. Tradução Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Editora Fiel, 2007, p. 268.

²⁰⁸ DULCI, Pedro Lucas et al. **Igreja Sinfônica**: Um chamado radical pela unidade dos cristãos. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2021, p. 70–71.

²⁰⁹ JELLEMA, D. W. “**Formalismo**”. In: Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.

²¹⁰ BEEKE, Joel R. **Pregação Reformada**, p. 415.

²¹¹ WAGNER, C. Peter. **A Igreja Saudável**: evitando e curando as nove enfermidades que podem afligir uma igreja. São Paulo: Quadrangular, 1999.

²¹² JELLEMA, D. W. “**Formalismo**”.

c. *Imediatismo e Pragmatismo*

Uma das marcas mais evidentes de crise nas igrejas contemporâneas é a adoção de uma mentalidade imediatista e pragmática, que molda tanto a espiritualidade pessoal quanto a estrutura eclesial. Em vez de esperar confiantemente pelas promessas de Deus, muitas igrejas sucumbem à pressão por resultados visíveis, rápidos e mensuráveis. O tempo de Deus é substituído pela urgência do “agora”; e o padrão bíblico, pela eficácia momentânea. O culto, os métodos e até a mensagem são frequentemente adaptados para “funcionar”, mesmo que isso comprometa o conteúdo teológico e a profundidade espiritual.

Jesus adverte contra a superficialidade das escolhas humanas em Mateus 7.13-27, o apelo pelo caminho largo, pelos falsos mestres e pelos fundamentos frágeis revela a tentação de optar pelo que parece mais eficaz ou atraente à primeira vista, ainda que desprovido de consistência com o Reino de Deus. O pragmatismo e o imediatismo, nesse sentido, tornam-se alternativas enganosas que ameaçam a fidelidade cristã ao evangelho e à doutrina.

Jonathan Leeman observa que “sempre que uma verdade, um dogma e as linhas divisórias forem deixadas de lado nas igrejas, o que vem em seguida quase sempre é o pragmatismo”²¹³. Esse fenômeno, segundo ele, gera igrejas orientadas não pela doutrina, mas pelos resultados visíveis e pelas métricas quantitativas. Augustus Nicodemus também alerta que o pragmatismo “abre caminho para outros erros” ao promover decisões baseadas em eficiência em vez de princípios bíblicos²¹⁴. Hernandez Lopes, por sua vez, relaciona o imediatismo ao relativismo e ao hedonismo, denunciando que tais elementos “corroem os absolutos da Palavra”²¹⁵. Nesse sentido, David Dayton contrasta a dependência de Finney na agência humana com a teologia dos avivamentos do século XVIII, demonstrando como o senso de urgência e eficácia minou a doutrina da soberania divina²¹⁶.

A cultura eclesial imediatista e pragmática não afeta apenas os métodos ou a estética dos cultos, mas compromete a compreensão da própria natureza da igreja. Leeman

²¹³ LEEMAN, Jonathan. **A igreja e a surpreendente ofensa do amor de Deus**: reintroduzindo as doutrinas sobre a membresia e a disciplina da igreja. Tradução de Waleria Coicev. 1. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2013. p. 36-37.

²¹⁴ LOPES, Augustus Nicodemus. **O que você precisa saber sobre batalha espiritual**. 7. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. p. 48-49.

²¹⁵ LOPES, Hernandez Dias. **Tiago**: transformando provas em triunfo. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2006. p. 41.

²¹⁶ DAYTON, Donald W. **Raízes teológicas do pentecostalismo**. Tradução de Paulo Ayres Mattos. 2. ed. Natal, RN: Carisma, 2021. p. 125.

afirma que, nesse ambiente, a doutrina é marginalizada e substituída por fórmulas funcionais, muitas vezes inspiradas mais no mercado do que nas Escrituras²¹⁷. A instrumentalização da fé, reduzida a resultados visíveis, compromete a edificação da igreja como corpo santo e distinto do mundo (Ef 4.11-16). A pressa por “crescimento” gera impaciência com o processo de maturidade cristã, alimentando estruturas frágeis, eventos vazios e decisões superficiais.

Quando o “funcionar” substitui o “ser fiel”, a comunidade cristã perde o seu distintivo e se torna apenas mais uma instituição tentando sobreviver no mercado religioso. O diagnóstico é claro: muitas igrejas estão doentes porque trocaram a obediência perseverante por estratégias utilitárias. Contra essa tentação, a proclamação de Cristo, sua cruz, sua glória e seu senhorio, precisam ser proclamados como o centro de toda vida e prática da igreja.

3.2.2 Respostas Práticas: Comunidades Cristocêntricas

Diante do cenário crítico identificado, marcado pelo individualismo e partidarismo, pelo ritualismo e formalismo e pelo imediatismo e pragmatismo, a resposta não reside em estratégias humanas ou métodos eclesiásticos inovadores, mas na recuperação da centralidade de Cristo na vida da igreja. A verdadeira saúde eclesiológica floresce quando a comunhão é enraizada em Cristo, a adoração é centrada em Cristo e a maturidade espiritual é alicerçada em Cristo. Esses três eixos formam o núcleo de uma comunidade cristã saudável, capaz de resistir às distorções contemporâneas e manifestar a suficiência e a beleza de Cristo.

a. Comunhão enraizada em Cristo

Um dos desafios mais profundos enfrentados pela igreja contemporânea é o rompimento da comunhão cristã como expressão encarnada da fé. Isso se manifesta tanto no individualismo espiritual, que prioriza a devoção privada e marginaliza a vida comunitária, quanto no partidarismo eclesiástico, que fragmenta a unidade do corpo de Cristo. Ambas as distorções minam o propósito da igreja como espaço visível de encarnação do evangelho, em que a identidade do crente é formada em comunhão com os demais membros da comunidade redimida.

A Escritura responde a essas tendências centrando a identidade do povo de Deus na união vital com Cristo. Jesus orou pela unidade de seus discípulos “para que todos sejam um,

²¹⁷ Ibid., p.73-75

como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti” (Jo 17.21). A união com Cristo é a base da união entre os crentes. Na analogia paulina do corpo (1Co 12), cada membro é interdependente, funcionando somente quando está ligado ao Cabeça, que é Cristo. A comunhão dos santos não é apenas uma consequência prática, mas uma expressão teológica da nova realidade inaugurada pela cruz: “reconciliar com Deus ambos em um só corpo, por meio da cruz, destruindo por ela a inimizade” (Ef 2.16).

Van Lodenstein, ainda que pessoalmente tentado a recolher-se em um individualismo devocional, encontrou em Cântico dos Cânticos uma linguagem para expressar uma espiritualidade profundamente cristocêntrica. Sua contemplação mística do Noivo o levou à autonegação e à exaltação da suficiência de Cristo, não como fuga do mundo, mas como expressão de rendição total ao Rei que governa sua igreja²¹⁸. Já no contexto contemporâneo, Wright alerta que o individualismo moderno invadiu a igreja, transformando o culto público em questão opcional e a fé em experiência privada. Essa privatização da fé, ao contrário do modelo apostólico, compromete a visibilidade da comunhão cristã como sinal do Reino²¹⁹. De maneira similar, Dever adverte que a compreensão bíblica da membresia na igreja tem sido negligenciada em prol de um narcisismo espiritual, no qual o amor ao próximo é condicional e o envolvimento eclesial é seletivo²²⁰.

Throup, citado por Wright, observa que a pós-modernidade redefine a religião como “gosto do indivíduo”, desconectando-a de qualquer pretensão de verdade pública²²¹. Nesse cenário, a comunhão deixa de ser uma expressão do corpo de Cristo para tornar-se uma associação voluntária entre indivíduos com afinidades circunstanciais. Em contraste, John Piper aponta para João 10.16 e a promessa de Cristo de um único rebanho sob um único pastor como resposta ao etnocentrismo e ao partidarismo: a comunhão verdadeira nasce da voz de Cristo, que chama e une povos distintos numa só fé²²². A igreja de Cristo não é a soma de espiritualidades particulares, mas uma nova humanidade reconciliada com Deus e entre si, conforme a oração sacerdotal do Senhor (Jo 17.23).

²¹⁸ BEEKE, Joel R. **Pregação Reformada: Proclamando a Palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São Paulo: Editora Fiel, 2019, p. 404–406.

²¹⁹ WRIGHT, C. J. H. et al. **A igreja do futuro e o futuro da igreja**. Tradução de Pedro Caetano Silva Grego. Viçosa, MG: Ultimato, 2021, p. 20–21.

²²⁰ DEVER, Mark. **9 marcas de uma igreja saudável**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2007, p. 168–169.

²²¹ Ibid., p. 22–23.

²²² AQUINO, J. P. T. de. **Pregue para a glória de Deus**. Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2019, p. 185–186.

A resposta cristã ao individualismo e ao partidarismo é uma comunhão centrada e enraizada em Cristo. Essa comunhão não é artificial, tampouco sentimental: ela nasce da união real com o Cristo ressurreto e se manifesta em alianças concretas de mutualidade, serviço, perdão e amor sacrificial. As comunidades cristocêntricas tornam-se, assim, antídotos vivos contra o egocentrismo e a fragmentação do mundo.

b. Adoração Centrada em Cristo

A resposta ao formalismo e ao ritualismo é a centralidade de Cristo, proclamado no culto. Comunidades verdadeiramente cristãs são formadas não apenas por uma estrutura litúrgica coerente, mas por uma espiritualidade orientada para o Redentor. Uma adoração cristocêntrica não apenas menciona Cristo, mas proclama: sua pessoa, obra e presença entre o seu povo. O objetivo do culto cristão é exaltar Cristo de forma vívida, bíblica, comunitária e transformadora.

O próprio Jesus declarou que as Escrituras testificam dele (Jo 5.39), e que onde dois ou três estivessem reunidos em seu nome, ali Ele estaria (Mt 18.20). Em Hebreus 2.12, Cristo é apresentado como aquele que “canta louvores no meio da congregação”. A adoração neotestamentária, portanto, é trinitária, mas especialmente cristológica: é Cristo quem revela o Pai (Jo 14.9), quem nos dá acesso à presença divina (Hb 10.19-22) e quem, como Sumo Sacerdote, conduz o povo em culto. Pedro Dulci identifica que o problema do culto em muitas comunidades não está apenas no conteúdo, mas no fundamento. A ênfase excessiva na experiência pessoal, sem conexão clara com a proclamação de Cristo e sua obra redentora, é fruto de uma espiritualidade fragmentada, que absorve o individualismo moderno em detrimento da dimensão comunitária e cristológica da fé²²³.

A centralidade de Cristo devolve sentido ao culto como encontro com o Redentor, e não com o próprio ego. Mark Dever argumenta que o preparo litúrgico pode ser confundido com artificialidade, mas quando a preparação visa proclamar Cristo de modo claro, ela se torna instrumento de graça²²⁴. Quando Cristo não está no centro do culto, resta apenas um conjunto de ritos vazios ou, no extremo oposto, sentimentalismo desordenado. Como bem demonstrado por C. Peter Wagner, igrejas absorvidas em si mesmas e focadas em

²²³ DULCI, Pedro Lucas et al. **Igreja Sinfônica**: Um chamado radical pela unidade dos cristãos. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2021, p. 143.

²²⁴ DEVER, Mark. **Nove marcas de uma igreja saudável**. Tradução Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Editora Fiel, 2007, p. 268.

experiências ou estruturas desconectadas do evangelho perdem o poder do Espírito e o dinamismo da missão²²⁵.

Historicamente, momentos de renovação espiritual estiveram associados ao retorno a uma adoração centrada em Cristo. Na América colonial, os sermões de Frelinghuysen buscaram restaurar a “religião vital” em meio ao formalismo, chamando o povo à conversão e à devoção sincera a Cristo. Seu sucessor, Abraham Messler, lamentava que a necessidade de um novo coração havia sido esquecida, e que o culto havia se tornado um espaço de zombaria da experiência cristã²²⁶. Dulci, em outro momento, também denuncia o risco do reducionismo litúrgico, em que tradições doutrinárias e práticas se tornam fins em si mesmas. A alternativa não é a desordem, mas a redescoberta da identidade da Igreja como corpo de Cristo, o que implica centrar toda a adoração na sua Pessoa²²⁷.

A adoração centrada em Cristo é a alma de uma comunidade cristocêntrica. Ela não é definida pelo estilo musical, pela estética do culto ou pela eloquência do liturgista, mas pela clareza com que Cristo é proclamado, exaltado e confiado como Salvador e Senhor. A Igreja deve cultivar uma liturgia que proclame: “a Ele seja a glória, na Igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações” (Ef 3.21).

c. Maturidade Alicerçada em Cristo

No contexto eclesial contemporâneo, marcado por soluções rápidas e pelo culto aos resultados visíveis, a proclamação cristocêntrica aparece como uma antítese poderosa ao espírito do nosso tempo. Contra a lógica do “funciona, logo é verdadeiro”, o evangelho de Cristo convida o povo de Deus a amadurecer com raízes profundas, nutridas pela Palavra e pela esperança eterna. Em uma cultura pastoral tentada a medir o êxito da igreja por estratégias eficientes e impactos imediatos, torna-se urgente resgatar o compromisso com a formação espiritual de longo prazo, centrada na suficiência e glória de Cristo.

A Escritura não celebra o imediatismo, mas a paciência construtiva da obediência. O chamado de Jesus é para que a igreja fundamente sua vida e ministério não em resultados mensuráveis, mas na fidelidade à Palavra. A maturidade cristã, portanto, exige profundidade

²²⁵ WAGNER, C. Peter. **A Igreja Saudável**: Evitando e curando as nove enfermidades que podem afligir uma igreja. São Paulo: Quadrangular, 1999.

²²⁶ BEEKE, Joel R. **Pregação Reformada**: Proclamando a Palavra de Deus do Coração do Pregador para o Coração do Povo de Deus. Tradução Francisco Wellington Ferreira. São Paulo: Editora Fiel, 2019, p. 415–416.

²²⁷ DULCI, Pedro Lucas et al. **Igreja Sinfônica**, p. 70–71.

espiritual, perseverança e centralidade em Cristo, e isso pode ser alcançado quando a igreja é alimentada pela fiel pregação que exalta o Filho como Senhor da vida e da igreja. A filosofia pragmatista, tal como formulada por Peirce, James e Dewey, defende que “a verdade é aquilo que funciona”. No campo da ética e da religião, isso rapidamente se converte em um ceticismo prático, onde doutrinas são validadas apenas pelo seu impacto visível. R. K. M. Wright descreve o pragmatismo como um sistema que define o bem por sua utilidade individual: “o que funciona para mim”²²⁸.

Champlin amplia: “o pragmatismo é um sistema filosófico em que não há valores fixos, pois toda ideia é testada por sua utilidade imediata”²²⁹. Esse modelo epistemológico foi absorvido por diversas correntes teológicas liberais e eclesiologias modernas, substituindo o critério da verdade revelada pela busca de resultados empíricos. Esse espírito também se revela no imediatismo, uma atitude existencial que rejeita o processo e absolutiza o momento presente. Como observa César²³⁰, a prática da espera tornou-se intolerável numa geração ansiosa por soluções instantâneas. O imediatismo rejeita o tempo necessário para o crescimento espiritual e desvaloriza qualquer caminho que envolva sofrimento, paciência ou perseverança, marcas da verdadeira maturidade cristã (Tg 1.2-4).

A proclamação cristocêntrica confronta o pragmatismo ao apresentar Cristo como o fim em si mesmo, e não como um meio para alcançar objetivos terrenos. A pregação centrada em Cristo liberta a igreja da escravidão aos resultados, pois sua missão é anunciar a verdade e confiar na eficácia da Palavra. Como escreve Sinclair Ferguson, o ensino de Jesus nos leva a escolhas fundamentais: entre o caminho largo da conveniência e o caminho estreito da obediência, entre o sucesso aparente e o verdadeiro fundamento²³¹. Além disso, a proclamação cristocêntrica combate o imediatismo ao lembrar que a obra de Deus é feita no tempo de Deus. A igreja é chamada a esperar, a perseverar, a cultivar uma visão escatológica da vida. Como argumenta David Naugle, toda pessoa carrega em si uma visão de mundo, uma cosmovisão, ainda que inconscientemente, e essa visão molda sua experiência do tempo

²²⁸ WRIGHT, R. K. M. **A Soberania Banida: Redenção para a Cultura Pós-Moderna**. Tradução: Héber Carlos De Campos. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006. p. 245.

²²⁹ CHAMPLIN, R. N. **Pragmatismo**. São Paulo: Hagnos, 2013. (Nota técnica).

²³⁰ CÉSAR, E. M. L. **Práticas Devocionais**. 4. ed. Viçosa, MG: Ultmato, 2005. p. 99–100.

²³¹ FERGUSON, Sinclair B. **O Sermão do Monte**. Tradução: Elmer Pires. São Paulo: Trinitas, 2019. p. 229.

e do propósito²³². Nisso, a proclamação cristocêntrica conduz o crente ao discipulado perseverante, mesmo em meio às incertezas do presente.

Diante de uma geração marcada pelo culto à eficiência e pela impaciência espiritual, a proclamação cristocêntrica se torna um antídoto pastoral. Ela educa a igreja para a obediência e para a esperança, chamando o povo de Deus a crescer em profundidade, resistindo aos atalhos oferecidos pela cultura. Contra o pragmatismo, ela afirma a suficiência de Cristo como o padrão da verdade. Contra o imediatismo, ela aponta para a rocha eterna sobre a qual devemos edificar nossa fé. Só há maturidade verdadeira quando Cristo é o fundamento e o alvo da vida cristã.

3.3 A Proclamação Cristocêntrica para o Ministério Pastoral

A proclamação cristocêntrica não é apenas uma necessidade para a igreja diante dos desafios da cultura e da espiritualidade contemporâneas, mas também uma urgência para o próprio ministério pastoral. A maneira como os pastores proclamam a Palavra de Deus, aconselham os fiéis e conduzem o discipulado molda não apenas o conteúdo da igreja, mas também sua prática e maturidade. Quando Cristo não ocupa o centro da mensagem, do cuidado e da formação, o ministério se torna vulnerável a erros muito graves. Por isso, é necessário diagnosticar com honestidade a condição atual dos púlpitos e apresentar caminhos de retorno à Cristo, como forma de renovar a fidelidade bíblica e a vitalidade ministerial.

3.3.1 Diagnóstico Homilético: Púlpitos em Crise

Mensagens proclamadas nos púlpitos, sem dúvida, são os melhores indicadores da crise do ministério pastoral contemporâneo. Em muitos contextos, a pregação tem se desviado do evangelho ao abraçar paradigmas antropocêntricos, moralistas ou mesmo antinomistas. Essas distorções não apenas empobrecem a compreensão do evangelho, mas fomentam comunidades frágeis. Um diagnóstico honesto exige reconhecer esses desvios e compreender suas causas e consequências.

²³² NAUGLE, D. K. **Cosmovisão**: A História de um Conceito. Tradução: Marcelo Herberts. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017. p. 116–117.

a. Pregações Antropocêntricas

Em muitas igrejas, a pregação tem se desviado de Cristo e passado a orbitar em torno do homem. O antropocentrismo, para além de um desvio de ênfase, tornou-se um eixo deformador do ministério da Palavra. Pregações centradas no homem, voltadas para suas dores, desejos e realizações, não apenas esvaziam o poder do evangelho, mas também criam comunidades voltadas para si mesmas, frágeis diante do sofrimento e ineficazes diante do pecado. Quando Cristo deixa de ser o fundamento e o alvo da proclamação, o púlpito perde sua autoridade espiritual e a igreja perde sua identidade.

Esse tipo de deformação já era evidente no culto de Israel descrito pelo profeta Oséias: “Amam o sacrifício, por isso sacrificam, pois gostam de carne e a comem, mas o SENHOR não os aceita” (Os 8.13a). Deus denuncia um culto realizado não para Sua glória, mas para o prazer dos homens. Mesmo cercado de símbolos religiosos, esse culto era rejeitado porque estava centrado no ser humano e não na santidade do Senhor. A religiosidade, quando voltada para os apetites humanos, se torna um meio de reforçar o pecado, e não de conduzir ao arrependimento. A mensagem de Oséias expõe uma verdade incômoda: nem toda pregação com linguagem bíblica é necessariamente bíblica.

Jonathan Leeman alerta que o antropocentrismo na igreja distorce a própria compreensão do amor de Deus, pois “a concepção que Deus tem sobre o amor, a qual é teocêntrica, e a nossa concepção antropocêntrica grita mais alto diante da disciplina na igreja”²³³. Hernandes Dias Lopes identifica no culto de Israel uma religiosidade sofisticada, mas vazia de arrependimento e de centralidade divina: “Eles amavam o sacrifício porque aproveitavam para comer um gostoso churrasco”²³⁴. Naugle vai além e diagnostica o antropocentrismo como uma reconceitualização moderna da realidade: a humanidade, em sua apoteose, “buscava uma posição a partir da qual e pela qual pudesse ser aquele ser particular que dá medida e elabora as diretrizes para tudo o que há”²³⁵. Por fim, Champlin destaca o aspecto ético desse pensamento: “O homem é o padrão de suas próprias ações”, o que torna a ética subjetiva e relativa²³⁶.

²³³ LEEMAN, Jonathan. **A Igreja e a Surpreendente Ofensa do Amor de Deus**: Reintroduzindo as Doutrinas sobre a Membresia e a Disciplina da Igreja. Tradução: Waleria Coicev. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2013, p. 391.

²³⁴ LOPES, Hernandes Dias. **Oséias**: O Amor de Deus em Ação. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 160.

²³⁵ NAUGLE, David K. **Cosmovisão**: A História de um Conceito. Tradução: Marcelo Herberts. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017, p. 418.

²³⁶ CHAMPLIN, R. N. **Antropocentrismo**. São Paulo: Hagnos, 2013. (Nota técnica).

A pregação antropocêntrica é uma consequência inevitável da absorção acrítica de cosmovisões modernas que exaltam o homem como medida de todas as coisas. Em um cenário marcado por subjetivismo e narcisismo, é tentador oferecer sermões que confirmem o ouvinte em suas convicções e lhe proporcionem resultados imediatos. Mas, isso representa uma afronta ao próprio evangelho, que não é sobre a exaltação do homem, mas sobre a glória de Cristo. A centralidade do homem no púlpito compromete a doutrina da justificação, substitui o arrependimento pela autoestima e transforma a adoração em entretenimento. O antropocentrismo não é apenas uma falha, é uma ruptura teológica que mina os fundamentos do ministério pastoral e da missão da igreja.

Um púlpito centrado no homem não pode produzir uma igreja centrada em Cristo. A única cura para essa crise é um retorno radical à proclamação cristocêntrica, uma pregação enraizada na Escritura, na cruz, para a glória de Deus. A igreja precisa ouvir de novo não sobre si mesma, mas sobre Cristo: quem Ele é, o que Ele fez, o que exige e o que promete.

b. Pregações Moralistas

Se por um lado o antropocentrismo transforma a pregação em autoajuda religiosa, o moralismo reduz a proclamação do evangelho a um conjunto de regras éticas desprovidas da cruz. Pregações moralistas promovem bons costumes, exemplos de conduta e modelos de comportamento, muitas vezes com aparência bíblica, mas falham em conduzir o ouvinte à centralidade de Cristo. O moralismo seduz tanto o púlpito quanto os bancos, pois oferece controle, desempenho e recompensa. Contudo, esse tipo de pregação produz fariseus ou cínicos, nunca discípulos transformados pela graça. O púlpito moralista, ainda que disciplinado e conservador, é tão danoso quanto o liberal ou o pragmático, pois substitui a suficiência da obra de Cristo pela suficiência da conduta humana.

O apóstolo Paulo combateu com veemência esse desvio na carta aos Gálatas: “Tendo começado no Espírito, estais agora vos aperfeiçoando na carne?” (Gl 3.3). Ao confrontar os judaizantes, Paulo mostra que a tentativa de completar a salvação pela moralidade é uma negação do evangelho. A justificação não pode ser aperfeiçoada por esforço moral sem que se invalide a cruz de Cristo (cf. Gl 2.21). O moralismo, portanto, é um retorno ao jugo da lei, uma recaída na carne sob a aparência de piedade. A lei, embora santa, revela nossa culpa, e nossa incapacidade de nos salvar. A pregação moralista finge tratar o pecado, mas apenas o cobre com verniz ético.

William Gurnall, com sua precisão puritana, afirmou: “O arqueiro pode perder o jogo ao atirar perto, assim como ao atirar longe. O hipócrita grosseiro atira longe, o moralista mais correto atira perto [...] mas sempre falha em relação ao fim último”²³⁷. Paul Tillich define o moralismo como um tipo de legalismo: “O moralismo é legalista porque nos confronta com o que deveríamos ser, sem a transformação que nos torna capazes de sê-lo”²³⁸. George Swinnock, também puritano, alerta que “por mais bonito que seja o fruto aos olhos, se a raiz não for boa, será de mau gosto”²³⁹. David Merkh observa que até na literatura devocional infantil o moralismo impera sob slogans como “seja como Davi”, ignorando a necessidade do coração por Cristo²³⁹. E, de forma incisiva, Paulo Dulci denuncia a confusão entre moralismo cultural e discipulado cristão, quando afirma que “muito do que se chama moralidade cristã é humanismo secular travestido de conservadorismo”²⁴⁰.

O moralismo é, em essência, uma forma de desviar a glória de Cristo para o esforço humano. Ele camufla a depravação humana com códigos de conduta, evitando o escândalo da cruz, o justo que morreu pelos injustos. Tillich bem observa que “o moralismo cria fariseus e cínicos”, e, frequentemente produz apenas uma conformidade social em vez de transformação espiritual genuína²⁴¹. Além disso, William Godfrey adverte que o moralismo “destrói a gloriosa liberdade que temos por meio da obra de Cristo”²⁴². A moralidade cristã, quando não enraizada na graça redentora, torna-se uma escada quebrada, que promete elevação, mas só leva à queda.

O moralismo é letal, não porque exige muito, mas porque promete vida sem o Cristo que é a própria vida. O povo de Deus não precisa apenas de bons exemplos, mas do Salvador. A verdadeira moral flui da união com Cristo, não do esforço natural. Por isso, o púlpito deve abandonar a ilusão moralista e reencontrar sua vocação cristocêntrica.

²³⁷ RITZEMA, E.; VINCE, E. (Eds.). **300 Citações dos Puritanos para Pregadores**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2021.

²³⁸ TILICH, Paul. **Teologia da Cultura**. Tradução: Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 191–193.

²³⁹ RITZEMA, E.; VINCE, E. (Eds.). **300 Citações dos Puritanos para Pregadores**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2021.

²⁴⁰ MERKH, David. **Comentário Bíblico Lar, Família & Casamento**. São Paulo: Hagnos, 2019, p. 130–131.

²⁴¹ DULCI, P. L.. **Identidade e Sexualidade**: Reformando Nossa Visão de Conceitos Fundamentais. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2020, p. 57.

²⁴² GODFREY, W. R. “Calvino e o Concílio de Trento.” In: HORTON, M. (Ed.). **Cristo o Senhor: A Reforma e o Senhorio na Salvação**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000, p. 124.

c. *Pregações Antinomistas*

Se o moralismo sacrifica o evangelho, o antinomianismo o deforma ao transformá-lo em permissão para o pecado. O púlpito antinomista evita “santificação”, “arrependimento” ou “obediência”, sob o pretexto de “preservar a graça”. Essa pregação exagera a liberdade a ponto de negar a necessidade de ética, alimentando uma espiritualidade descompromissada e permissiva. A graça, nesse cenário, não é tanto sobre regeneração e santificação, mas liberdade para manter-se em pecado, na “certeza do perdão”.

A Escritura repele o antinomianismo de forma veemente: “Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum!” (Rm 6.1-2). O mesmo evangelho que proclama perdão também exige arrependimento. João, o apóstolo da graça, declara que “quem diz estar nele deve também andar como ele andou” (1Jo 2.6). A graça verdadeira, longe de abolir a lei, capacita o crente a amá-la (Sl 119.97; Jo 14.15). A justificação pela fé não contradiz a santificação pela obediência. A fé que salva é também a fé que produz frutos dignos de arrependimento (Mt 3.8).

Packer observa que o antinomianismo enfatiza de tal modo a liberdade cristã que deixa de salientar a necessidade de o crente confessar seus pecados e buscar de modo sincero a santificação. Descreve ainda diversas formas históricas de antinomianismo (gnóstica, espiritualista, dispensacionalista, situacionista), e conclui que “a Escritura não oferece nenhuma esperança de salvação para qualquer um que, seja qual for sua profissão de fé, não procura mudar do pecado para a justiça”²⁴³. Sproul, em linguagem pastoral, resume o problema com clareza: “Cantamos: ‘Livre da lei, ó bendita condição; posso pecar o quanto quiser e ainda ter remissão’. Contudo, esquecemos que Paulo responde: ‘De modo nenhum!’”²⁴⁴. Já Kendall nos lembra que mesmo entre reformados, como Tobias Crisp e João Agrícola, o erro antinomiano foi severamente criticado²⁴⁵. No século XVII, obras como *Antinomianisme Anatomized* e *The Marrow of Modern Divinity* buscavam corrigir esse desvio, reafirmando a função normativa da lei na vida do crente²⁴⁶.

²⁴³ PACKER, J. I. **Teologia Concisa**: Um Guia de Estudo das Doutrinas Cristãs Históricas. Tradução: Rubens Castilho. 3. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014, p. 155–156.

²⁴⁴ SPROUL, R. C. **Estudos Bíblicos Expositivos em Mateus**. Tradução: Giuliana Niedhardt Santos. 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017, p. 84–85.

²⁴⁵ KENDALL, R. T. **João Calvino e o Calvinismo Inglês até 1649**. Tradução: João Costa. 1. ed. Natal, RN: Carisma Editora, 2019, p. 286–288.

²⁴⁶ Idem, p. 287

A raiz do antinomianismo está em uma falsa dicotomia entre lei e evangelho, como se a graça anulasse a vontade moral de Deus. No entanto, como afirma Sproul, “é somente quando estamos em servidão a Cristo que entendemos a verdadeira liberdade”²⁴⁷. Quando a pregação ignora esse aspecto, ela não produz libertação, mas licenciosidade. A fé sem frutos é morta (Tg 2.17), e o evangelho que não exige obediência não é evangelho, é caricatura. Packer acerta ao dizer que o verdadeiro arrependimento “significa a decisão de, doravante, buscar a ajuda de Deus ao guardar sua lei”²⁴⁸. A vida cristã não está livre da lei, mas está “debaixo da lei de Cristo” (1Co 9.21). A negligência desse aspecto tem consequências desastrosas: “Vivemos em uma era de antinomianismo sem precedentes”, adverte Sproul²⁴⁹. E essa era se alimenta de púlpitos que pregam um Cristo parcial, sem trono, sem cetro, sem autoridade.

Pregações antinomistas são palatáveis e populares, promovem uma graça barata, desprovida de chamado à santidade. No entanto, não produz vida, apenas anestesia a consciência. O Cristo que salva também governa. E o púlpito que prega fielmente Cristo não apenas proclama o perdão dos pecados, mas também chama à obediência amorosa. A pregação cristocêntrica não ignora a lei, mas a coloca no lugar certo: como expressão da vontade de Deus para seus filhos.

3.3.2 Respostas Práticas: Ministérios Cristocêntricos

A resposta a esse cenário de crise não está em novos métodos ou modismos, mas em Cristo, Jesus Cristo em todas as dimensões do ministério pastoral. Ministérios cristocêntricos não se limitam à ortodoxia teológica, mas envolvem uma práxis profundamente enraizada na suficiência e supremacia de Cristo. A pregação cristocêntrica apresenta a Cristo como a esperança e a solução para cada cenário, cada problema e cada coração. O aconselhamento cristocêntrico não oferece meros conselhos terapêuticos, mas conduz o indivíduo ao arrependimento, consolo e direção em Cristo. O discipulado cristocêntrico forma vidas moldadas à imagem do Filho, gerando uma comunidade que vive para a glória de Deus. Em todas essas expressões, o ministério pastoral reencontra seu verdadeiro norte: servir à igreja como mordomo fiel da graça de Deus revelada em Jesus Cristo.

²⁴⁷ SPROUL, R. C. **Como Posso Desenvolver uma Consciência Cristã?**. Tradução: Maurício Fonseca dos Santos Jr. 1. ed. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2014, p. 47–49.

²⁴⁸ Idem, p. 157.

²⁴⁹ SPROUL, R. C. Estudos Bíblicos Expositivos em Mateus, op. cit., p. 84.

a. Pregação Cristocêntrica

As igrejas em crise, marcadas pelo antropocentrismo, moralismo e antinomianismo, carecem de um redirecionamento profundo que passa pelo púlpito. A solução não está em ajustes de forma, mas no conteúdo: Cristo. A pregação cristocêntrica é o ponto de partida, essencial para corrigir visões distorcidas do evangelho e restaurar a visão pastoral da Palavra.

O Novo Testamento dá testemunho consistente da centralidade de Cristo na proclamação apostólica. Paulo, por exemplo, descreve sua pregação em Tessalônica como centrada na morte e ressurreição de Jesus (At 17.3; cf. 1Co 15.3; Rm 4.25), o que se alinha à pregação de Pedro em Pentecostes (At 2.22-24) e no ministério itinerante (At 13.26-31). O conteúdo do sermão apostólico é invariavelmente cristocêntrico: proclama-se quem Cristo é, o que Ele fez, o que Ele exige e o que Ele oferece.

Segundo Bryan Chapell, a pregação cristocêntrica é a única capaz de oferecer “aplicações da verdade bíblica que se completam quando o pregador explica como se ligar ao poder que Deus proporciona”²⁵⁰. Essa pregação não elimina os imperativos bíblicos, mas os fundamenta na graça e na obra redentora de Cristo²⁵¹. Assim, combate o moralismo, pois não trata a obediência como meio de justificação, e também refuta o antinomianismo, pois revela que a verdadeira obediência flui do coração regenerado e é sustentada pela graça²⁵².

Ao abordar o antropocentrismo, Joel Beeke observa que o método cristocêntrico é o único capaz de restaurar o sentido teológico da Escritura como unidade redentiva. A teologia bíblica, como revelação progressiva mostra que a Bíblia é “a grande história do evangelho de Cristo”, e não uma coleção de lições morais centradas no homem²⁵³. R. C. Sproul, ao denunciar o espírito de nossa era como “uma era de antinomianismo sem precedentes”, recorda que o púlpito deve restaurar a integridade da Lei e do Evangelho, não em tensão, mas em sua complementaridade²⁵⁴. A pregação cristocêntrica também se recusa a cair em

²⁵⁰ CHAPPELL, B. *Pregação Cristocêntrica*. Tradução: Oadi Salum. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 335.

²⁵¹ *Idem*, p. 327.

²⁵² *Idem*, p. 336.

²⁵³ BEEKE, J. R. *Pregação Reformada: Proclamando a Palavra de Deus do Coração do Pregador para o Coração do Povo de Deus*. São Paulo: FIEL, 2019, p. 591–592.

²⁵⁴ SPROUL, R. C. *Estudos Bíblicos Expositivos em Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 84–85.

reducionismos devocionais ou moralistas. Sidney Greidanus adverte que até boas aplicações podem se tornar “moralizações” se descoladas do enredo redentor de Deus em Cristo²⁵⁵.

A pregação cristocêntrica reconduz a comunidade da fé para longe das ilusões de autoajuda, legalismo e libertinagem espiritual. Essa proclamação mostra que o evangelho não é um plano de melhoria moral, mas o anúncio do suficiente Salvador. E é apenas quando Jesus Cristo é o centro do púlpito que as demais dimensões do ministério cristão encontram sua forma e direção genuínas.

b. Aconselhamento Cristocêntrico

Assim como o púlpito, o aconselhamento nas igrejas frequentemente reflete as teologias que o influenciam. O aconselhamento centrado em Cristo não é um suplemento espiritual aos modelos seculares, mas um ministério que nasce da Palavra, flui do evangelho e tem Cristo como parâmetro. Ele responde ao coração humano caído com as riquezas insondáveis de Jesus, e não com performance ou autonomia emocional.

O modelo de cuidado cristão é o próprio Senhor Jesus Cristo. Hebreus 4.14-16 mostra Jesus como o Sumo Sacerdote compassivo, capaz de se compadecer das nossas fraquezas e pronto a nos socorrer em tempo oportuno. Ele é aquele que vem até nós em nossa dor (Lc 7.13), ouve o clamor dos aflitos (Sl 34.17), e carrega nossas cargas (Mt 11.28-30). O verdadeiro aconselhamento cristão é um reflexo do próprio ministério de Cristo, que cura ao mesmo tempo em que confronta, consola ao mesmo tempo em que exorta. David Powlison afirma com clareza: “Todo conselheiro traz uma mensagem”²⁵⁶. Enquanto os modelos seculares omitem Deus, pecado, redenção e juízo, o aconselhamento cristocêntrico proclama a verdade de que Cristo é a única esperança para os aflitos. O aconselhamento que ignora essas categorias não é neutro, é enganoso. Powlison desafia os pastores a escutarem as histórias humanas com os ouvidos da graça e da teologia bíblica, reconhecendo a singularidade da mensagem cristã.

²⁵⁵ CAMPOS, H. *Amando a Deus no Mundo: Por uma Cosmovisão Reformada*. São José dos Campos: FIEL, 2019, p. 337–338.

²⁵⁶ POWLISON, D. **O Pastor Como Conselheiro: O Chamado ao Cuidado das Almas**. Brasília, DF: Monergismo, 2022, p. 55–58.

Pierre e Reju reforçam: “Se perto do final de seu tempo com o aconselhado você não o ajudou a olhar mais para Cristo, o que você fez não foi aconselhamento cristão”²⁵⁷. A centralidade de Cristo define tanto o conteúdo quanto o processo do aconselhamento. Isso implica tratar questões reais, como ansiedade, culpa, vícios e frustrações, à luz da suficiência de Cristo e da esperança do evangelho²⁵⁸. Isso resgata o aconselhamento de duas armadilhas comuns: o moralismo, que apresenta apenas deveres; e o antinomianismo, que relativiza a verdade bíblica em nome do alívio emocional. Além disso, o aconselhamento centrado em Cristo combate o antropocentrismo, ao desafiar a autossuficiência. Ele expõe as mentiras da autodependência como “posso resolver isso sozinho” ou “Deus não se importa comigo”²⁵⁹. Ele conduz os aconselhados à fé viva: confiar em Cristo como Salvador e Senhor.

Welch mostra que o ministério de aconselhamento acontece à semelhança de Cristo: Ele veio a nós, e agora nós vamos uns aos outros²⁶⁰. Isso se expressa em atitudes simples e profundas: aproximar-se do aflito, ouvir com empatia, escutar as águas profundas do coração (Pv 20.5). A linguagem do cuidado cristocêntrico também restaura o senso de propósito e missão na vida do crente. Em vez de reforçar a autocomiseração ou a fuga da realidade, o conselheiro ajuda a pessoa a perceber que foi feito para adorar, confiar, servir, em Cristo²⁶¹.

O aconselhamento cristocêntrico não é um remendo psicológico envernizado com versículos. Ele é a aplicação pastoral do evangelho à alma ferida. Ele confronta a mentira do antropocentrismo terapêutico, recusa o moralismo ético e repele o antinomianismo permissivo, oferecendo Cristo: suficiente, presente, compassivo e redentor. Nas mãos do conselheiro cristão, a Palavra é aplicada como bálsamo e espada, com ternura e verdade. Este é o tipo de ministério que cura e fortalece vidas para a glória de Deus.

c. Discipulado Cristocêntrico

As crises ministeriais contemporâneas, antropocentrismo, antinomianismo e moralismo, demandam uma respostas robustas, e entre elas está o discipulado cristocêntrico.

²⁵⁷ PIERRE, J.; REJU, D. O Pastor e o Aconselhamento: Um Guia Básico para Pastoreio de Membros em Necessidade. São José dos Campos: FIEL, 2015, p. 52.

²⁵⁸ Idem, p. 53.

²⁵⁹ Idem, p. 54.

²⁶⁰ WELCH, E. T. **Aconselhando uns aos Outros**: 8 Maneiras de Cultivar Relacionamentos Saudáveis dentro da Igreja. São José dos Campos: FIEL, 2019, p. 18–21.

²⁶¹ JONES, R. D. **Pais Solteiros**: Graça Diária para uma Tarefa Difícil. São José dos Campos: FIEL, 2018, p. 39–40.

A imitação de Cristo, fundamentada nos Evangelhos e articulada pela tradição reformada, restaura o equilíbrio entre graça, obediência e centralidade de Cristo, oferecendo um antídoto aos desvios doutrinários e práticos da igreja atual.

Jesus estabelece o discipulado como chamado radical: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34). Essa exigência, como observa Bonhoeffer, contrasta tanto com o antinomianismo (que ignora a renúncia) quanto com o moralismo (que substitui a graça por esforço)²⁶². A igreja primitiva, exemplificada em Atos 2:42-47, vivia esse discipulado em comunhão e ensino, centrado na pessoa de Cristo

Bonhoeffer adverte que a “graça barata”, um evangelho sem cruz, alimenta o antinomianismo, pois “somente o que crê é obediente, e somente o que é obediente crê”²⁶³. John Stott complementa que o discipulado exige “mortificação” do pecado²⁶⁴, um conceito puritano resgatado por John Owen em “A Mortificação do Pecado”, em que afirma que a luta contra o pecado só é possível pelo Espírito Santo. Já Leeman destaca que o discipulado prático, por meio de relacionamentos de prestação de contas e correção, é essencial para evitar a “cultura de tolos” nas igrejas²⁶⁵.

Essa tensão ecoa nas distorções modernas: enquanto movimentos hipercarismáticos banalizam a santificação (antinomianismo), grupos legalistas impõem cargas além do evangelho (moralismo). Como ressalta Carriker, a igreja missional de Antioquia modelou um discipulado centrado na “graça abundante”, sem negligenciar a obediência²⁶⁶. Da mesma forma, Story lembra que a imitação de Cristo não é mérito humano, mas resposta à filiação divina: “Não é a imitação que nos torna filhos; é a filiação que possibilita sermos imitadores”²⁶⁷.

Portanto, o discipulado cristocêntrico, ancorado na cruz, na graça e na obediência, responde às crises ministeriais: ele rejeita o antropocentrismo (pois Cristo é o modelo), o antinomianismo (pois a graça exige resposta) e o moralismo (pois a transformação vem de Deus). Como demonstrado na igreja primitiva e na tradição reformada, com um discipulado

²⁶² BONHOEFFER, D. **Discipulado**. São Paulo: Mundocristão, 2016. p. 179.

²⁶³ Idem, p. 180.

²⁶⁴ STOTT, J. O Discípulo Radical. Viçosa: Ultimato, 2011. p. 98.

²⁶⁵ LEEMAN, J. *A Igreja e a Surpreendente Ofensa do Amor de Deus*. São José dos Campos: FIEL, 2013. p.379.

²⁶⁶ CARRIKER, T. **O que é Igreja Missional**. Viçosa: Ultimato, 2018. p. 37.

²⁶⁷ STORY, C. **Imitação de Cristo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

que imita a Cristo, sustentado pela Palavra e pelo Espírito, é possível restaurar a integridade da missão eclesial e do ministério pastoral na proclamação cristocêntrica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como objetivo central demonstrar que a proclamação cristocêntrica é o coração da identidade, da teologia e da prática da igreja, desde os primórdios do cristianismo até os desafios da pós-modernidade. Ao contrário de abordagens que reduzem a pregação a um instrumento de moralismo, pragmatismo ou subjetivismo, este estudo evidenciou que uma proclamação genuinamente bíblica e reformada deve apontar consistentemente para Cristo, como cumprimento das Escrituras e centro da redenção.

Por meio de uma abordagem histórica, teológica e pastoral, fundamentada em pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias (como os documentos reformados) e secundárias (como obras sistemáticas e homiléticas), foi possível mapear a proclamação cristocêntrica na história da igreja, na teologia e na prática pastoral. É nítida a limitação desta pesquisa, visto que o conteúdo excede em muito o que aqui foi apresentado. Nem ao menos houve a possibilidade de adicionar demonstrações e exemplos, como seria interessante em cada área prática do conteúdo.

Em síntese, ser reformado é, em essência, proclamar Cristo de maneira fiel, contextual e transformadora. A proclamação cristocêntrica não é apenas um método, mas a expressão natural de uma teologia que enxerga Cristo como o centro das Escrituras, da história e da vida da igreja. Espera-se que esta pesquisa reafirme a urgência de uma proclamação centrada em Cristo para a igreja contemporânea, especialmente em um mundo fragmentado pelo pecado, que só pode ser redimido pela graça. Que as igrejas do século XXI vivam esse legado, com convicção e paixão, para a glória de Deus e a expansão do Seu reino.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, J. E. **War Psalms of the Prince of Peace: Lessons from the Imprecatory Psalms**, Second Edition. P&R Publishing. Edição do Kindle
- AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**. Tradução desconhecida. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em:
<https://efosm.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/02/a-doutrina-cristc3a3-santo-agostinho.pdf>. Acesso em: 19 maio 2025.
- AGOSTINHO DE HIPONA. **Sermón 301A**. Tradução ao espanhol. Disponível em:
https://www.augustinus.it/spagnolo/discorsi/discorso_427_testo.htm. Acesso em: 20 maio 2025.
- ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- ANGLADA, P. R. B. **Atos**, Volume 1: O Testemunho Apostólico em Jerusalém. Ananindeua: Knox Publicações, 2015. p. 291.
- AQUINO, J. P. T. de. **Pregue para a Glória de Deus**. Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2019, p. 92–93.
- ARMSTRONG, Jonathan J. Efrem, o Sírio: pregando Cristo por meio de poesia e paradoxos. In: FORREST, Benjamin K. (Org.). **A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história**. v. 1: Dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 108-126.
- ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **Símbolos de Fé: Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve Catecismo**. 2a edição ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014. p. 43
- BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2020, v. 3, p. 293–296.
- BAVINCK, Herman. **Cosmovisão Cristã**. Brasília: Monergismo, 2024, p. 109–111.
- BARTH, Karl. **Deliverance to the Captives**. Tradução de Marguerite Wieser. Nova York: Harper & Row, 1961. p. 77–78. (Sermão “Criminals With Him”).
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. São Paulo: Zahar, 2004.
- BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. **A Puritan Theology: Doctrine for Life**. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2012. Cap. 7: William Perkins on Predestination, p. 179. ISBN 978-1-60178-166-6.
- BEEKE, Joel R. **Pregação Reformada: proclamando a Palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus**. São Paulo: Editora Fiel, 2019.
- BERNARDO DE CLARAVAL. **Sermón VIII: Sobre el Cantar de los Cantares**. Tradução em espanhol. Disponível em:
<https://sigilummilitumxpisti.blogspot.com/2012/05/sermon-viii-sobre-el-cantar-de-los.html>. Acesso em: 20 maio 2025.

BOCK, D. L. **O Servo sofredor** (Portuguese Edition) (p. 116). Editora Cultura Cristã. Edição do Kindle.

BONHOEFFER, D. **Discipulado**. São Paulo: Mundocristão, 2016. p. 179.

BORNKAMM, Heinrich. **Luther and the Old Testament**. Philadelphia: Fortress Press, 1969. Disponível em: <https://archive.org/details/lutheroldtestame0000born>. Acesso em: 20 maio 2025.

BUNYAN, John, **Grace Abounding to the Chief of Sinners: In a Faithful Account of the Life and Death of John Bunyan**, London: The Religious Tract Society, 1905, seção 278.

Disponível em:

<https://www.monergism.com/thethreshold/sdg/bunyan/Grace%20Abounding%20to%20the%20Chief%20of%20-%20John%20Bunyan.pdf>. Acesso em: 20 de Maio de 2025.

BUNYAN, John. **The Acceptable Sacrifice: The Excellency of a Broken Heart**, [s.l.]: [s.n.], p. VII. Disponível em:

https://www.monergism.com/thethreshold/sdg/bunyan/The%20Acceptable%20Sacrifice_Bunyan.pdf. Acesso em: [coloque a data em que você acessou].

CALVIN, John. **Sermons on Galatians**. The Ages Digital Library – Sermons. [S.l.]: 1998.

Disponível em: https://media.sabda.org/alkitab-7/LIBRARY/CALVIN/CAL_SGAL.PDF.

Acesso em: 20 maio 2025.

CALVINO, J. **Salmos**. Tradução: Valter Graciano Martins. Primeira Edição ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009–2012. v. 1p. 427

CALVINO, J. **Pastorais**. Tradução: Valter Graciano Martins. Primeira Edição ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009. p. 62

CAMPOS, Heber Jr. **Amando a Deus no Mundo**: Por uma Cosmovisão Reformada. São José dos Campos: FIEL, 2019, p. 195–196.

CARRIKER, T. **O que é Igreja Missional**. Viçosa: Ultimato, 2018. p. 37.

CÉSAR, E. M. L. **Práticas Devocionais**. 4. ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2005. p. 99–100.

CHAPPELL, B. **Pregação Cristocêntrica**. Cultura Cristã, 2016, p. 313, 315.

CHAMPLIN, R. N. **Pragmatismo**. São Paulo: Hagnos, 2013. (Nota técnica).

CHAMPLIN, R. N. **Antropocentrismo**. São Paulo: Hagnos, 2013. (Nota técnica).

COHICK, Lynn H. **Melito of Sardis's Peri Pascha and Its "Israel"**. The Harvard

Theological Review, v. 91, n. 4, p. 351–372, 1998. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/1509855>. Acesso em: 16 maio 2025.

CLOWNEY, Edmund. **Encontrando Cristo no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Vida Nova, 2023. p. 42-43.

CURTIS, Bill; McKNIGHT, Timothy. **George Whitefield: evangelista calvinista**. In: FORREST, Benjamin K. (Org.). *A história da pregação: de Paulo aos pregadores do nosso tempo*. Vol. 1. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 591–610.

DAYTON, Donald W. **Raízes teológicas do pentecostalismo**. Tradução de Paulo Ayres Mattos. 2. ed. Natal, RN: Carisma, 2021. p. 125.

DEVER, Mark. **9 marcas de uma igreja saudável**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. 1. ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2007. p. 32.

DOYLE, Daniel E. Introdução. In: *AUGUSTINE, Saint. Essential sermons*. Trad. Edmund Hill. Hyde Park, NY: New City Press, 2007. (The Works of Saint Augustine).

DULCI, P. L. et al. **Igreja sinfônica: um chamado radical pela unidade dos cristãos**. São Paulo: Mundo Cristão, 2021. p. 143.

DULCI, P. L. **Identidade e Sexualidade: Reformando Nossa Visão de Conceitos Fundamentais**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2020, p. 57.

EDWARDS, J. **A Excelência de Cristo: Os Atributos Únicos do Filho de Deus**. Tradução: Camila Rebeca Teixeira. 1ª Edição ed. Francisco Morato, SP: O Estandarte de Cristo, 2020.

EDWARDS, J. **Caridade e Seus Frutos: Um Estudo sobre o Amor em 1Coríntios 13**. Tradução: Valter Graciano Martins. Primeira Edição ed. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2015.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. Tradução de Paulo Sérgio Lopes. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

EPHREM THE SYRIAN. **Hymns against heresies 23 and 24**. Disponível em: <https://archive.org/details/EphremSyrusHymnsAgainstHeresies23And24>. Acesso em: 19 maio 2025.

EFRÉM, o Sírio. **Hinos sobre a Natividade**. In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry (Ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series*, vol. 13. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1898. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/3703.htm>. Acesso em: 19 maio 2025.

EPHREM, the Syrian. **The Hymns on Faith**. Tradução de Jeffrey Wickes. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2015. (The Fathers of the Church, vol. 130). Disponível em: https://ancientinsights.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/05/the_hymns_on_faith_by_ephrem_the_syrian_jeffrey_wickes_z-lib.org_.pdf. Acesso em: 19 maio 2025.

FERGUSON, Sinclair B. **O Sermão do Monte**. Tradução: Elmer Pires. São Paulo: Trinitas, 2019. p. 229.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. Tradução de Luiz Marcos da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 29.

GOLDSWORTHY, Graeme. **Pregando Toda a Bíblia Como Escritura Cristã**. São José dos Campos: FIEL, 2015, p. 49–50.

GONZÁLEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo**: Volume 1 – A Era dos Mártires: dos primórdios à era constantiniana. São Paulo: Vida Nova, 2014.

HARMAN, A. **Salmos**. Tradução: Valter Graciano Martins. 1a edição ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011. p. 133–134

HENDRIKSEN, William. **Lucas**. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, v. 2, p. 653.

HENDRIKSEN, W. **Gálatas**. Tradução: Valter Graciano Martins. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 185.

HICK, John. **God Has Many Names**. London: The Macmillan Press LTD. 1980.

HOARE, Elizabeth. **Bernardo de Claraval**: pregação para cultivar amor e devoção a Deus. In: FORREST, Benjamin K. **A história da pregação: dos apóstolos aos revivalistas**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. v. 1, p. 209–225.

HOWELL, Mark A. **Jan Huss**: precursor da Reforma. In: FORREST, Benjamin K. *A história da pregação: dos apóstolos aos revivalistas*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. v. 1, p. 293–308.

HUSS, John. **The Letters of John Huss**. Tradução e edição de Herbert B. Workman. Indianapolis: Liberty Fund, [s.d.]. Disponível em: <https://oll.libertyfund.org/titles/huss-the-letters-of-john-huss>. Acesso em: 20 maio 2025.

JELLEMA, D. W. “**Formalismo**”. In: Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.

JONES, R. D. **Pais Solteiros**: Graça Diária para uma Tarefa Difícil. São José dos Campos: FIEL, 2018, p. 39–40.

KELLY, J. N. D. **Early Christian Doctrines**. Fourth Edition. Adam & Charles Black Limited. London, 1968.

KENDALL, R. T. **João Calvino e o Calvinismo Inglês até 1649**. Tradução: João Costa. 1. ed. Natal, RN: Carisma Editora, 2019, p. 286–288.

KOLB, Robert. **Martinho Lutero**: pregando uma teologia da cruz. In: FORREST, Benjamin K. (Org.). *A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*. v. 1: Dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 329–346.

KOLB, Robert; ARAND, Charles P. **The genius of Luther’s theology**: a Wittenberg way of thinking for the contemporary church. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008, p. 200–220.

KNAPP, Henry M. “**John Owen**: pregando para a glória de Deus”. In: FORREST, Benjamin K. (Org.). *A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da*

história. Vol. 1: Dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 465–486.

LANE, Anthony N. S. **João Calvino**: pregando o Cristo glorioso. In: FORREST, Benjamin K. (org.). *A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. v. 1, p. 407–428.

LEEMAN, Jonathan. **A igreja e a surpreendente ofensa do amor de Deus**: reintroduzindo as doutrinas sobre a membresia e a disciplina da igreja. Tradução de Waleria Coicev. 1. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2013. p. 36-37.

LIEU, J. **They speak to us across the centuries**: 9. Melito of Sardis. The Expository Times, v. 110, n. 2, p. 43–46, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/001452469811000203>. Acesso em: 16 maio 2025.

LLOYD JONES, D. M. **Pregação e Pregadores**. Tradução: João Bentes Marques. 2. ed. ed. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2008. p. 54-66

LLOYD-JONES, D. M. **Estudos no Sermão do Monte**. Tradução: João Bentes. Segunda Edição ed. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2017. p. 874–875

LOPES, Augustus Nicodemus. **O que você precisa saber sobre batalha espiritual**. 7. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. p. 48–49.

LOPES, Hernandes Dias. **Tiago**: transformando provas em triunfo. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2006. p. 41.

LOPES, Hernandes Dias. **Oséias**: O Amor de Deus em Ação. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 160.

LUTHER, Martin. **The German Mass and Order of Divine Service**, January 1526. In: KIDD, B. J. (ed.). *Documents Illustrative of the Continental Reformation*. Oxford: Clarendon Press, 1911. p. 193–202. Disponível em: <https://history.hanover.edu/texts/luthserv.html>. Acesso em: 20 de Maio de 2025.

LUTHER, Martin. **The Raising of the Widow's Son at Nain: Sixteenth Sunday after Trinity**. In: BUCHER, Richard (Ed.). *The Sermons of Martin Luther*, v. V:128-139. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1983. Disponível em: <https://www.lectionarycentral.com/trinity16/LutherGospel.html>. Acesso em: 20 maio 2025.

LUTERO, Martinho. In: KREITZER, Beth (Org.). **Comentário Bíblico da Reforma**: Lucas. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 506.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. São Paulo: José Olympio, 2021.

MATOS, Alderi Souza. *Apresentação*. In: **Box Clássicos da Literatura Cristã (Vol. 1): Pais Apostólicos, Confissões e Imitação de Cristo**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

MATOS, A. S. **Fundamentos da teologia histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2018. Edição Kindle.

McDERMOTT, Gerald R. **Jonathan Edwards**: pregando a beleza da santidade. In: FORREST, Benjamin K. et al. (org.). *A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*. Vol. 1: Dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 543-565.

MCDONALD, Larry Steven. “**John Bunyan**: pregando a Palavra de coração para coração”. In: FORREST, Benjamin K. (Org.). *A história da pregação: a vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*. Vol. 1: Dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 487–505.

MCGRATH E. A. *Christian Theology: An Introduction*, 6ª ed. (Oxford: Wiley-Blackwell, 2017), p. 70–85.

MERKH, David. **Comentário Bíblico Lar, Família & Casamento**. São Paulo: Hagnos, 2019, p. 130–131.

MELITÃO DE SARDES. **On Pascha**. Tradução de Alistair Stewart-Sykes. Yonkers, NY: St. Vladimir’s Seminary Press, 2001. (Popular Patristics Series, v. 20). Disponível em: <https://sachurch.org/wp-content/uploads/2017/04/On-Pascha-Melito-of-Sardis.pdf>. Acesso em: 16 maio 2025.

MILIONI, D. “**William Perkins**: Príncipe da Pregação Puritana.” In: Forrest, Benjamin K. (org.). *A História da Pregação: A vida, teologia e métodos dos maiores pregadores da história*, volume 1. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 429–446.

MOHLER, R. Albert. **O ministério pastoral está mais estranho do que costumava ser: o desafio do pós-modernismo**. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-ministerio-pastoral-esta-mais-estranho-do-que-costuma-va-ser-o-desafio-do-pos-modernismo/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

MURRAY H. I. *Pentecost – Today? The Biblical Basis for Understanding Revival*, Edinburgh: Banner of Truth, 1998.

NAUGLE, D. K. **Cosmovisão**: A História de um Conceito. Tradução: Marcelo Herberts. 1ª edição ed. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017. p. 59

NETTLES, J. T. “**Charles Haddon Spurgeon**: O Príncipe dos Pregadores”, In: FORREST, Benjamin K. et al. (org.). *A história da pregação: volume 2 – Do iluminismo aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 119-143.

NEWBIGIN, Lesslie. **O Evangelho Em Uma Sociedade Pluralista**. Viçosa: Editora Ultimato, 2023.

NOLL, A. M. *The Rise of Evangelicalism: The Age of Edwards, Whitefield and the Wesleys* (Leicester: IVP Academic, 2004), p. 15–18.

OLD, Hughes Oliphant. *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church: Volume 4 – The Age of the Reformation*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 20.

OSBORNE, G. R. **Evangelho de Lucas**. Tradução: Renato Cunha. Bellingham, WA; São Paulo: Lexham Press; Editora Carisma, 2023, p. 583–584.

OSBORNE, G. R. **Gálatas**. Tradução: Renato Cunha. Bellingham, WA; São Paulo: Lexham Press, 2023, p. 103–104.

OSWALT, J. **Isaías**. Tradução: Valter Graciano Martins. 1a edição ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011. v. 2p. 489

OWEN, John. **The True Nature of a Gospel Church**. London: Printed for William Marshall, 1689. Disponível em:

<https://www.monergism.com/thethreshold/sdg/owen/The%20True%20Nature%20of%20a%20Gospel%20Church%20-%20Owen.pdf>. Acesso em: 20 de Maio de 2025.

OWEN, John “A Regeneração”. **Revista Os Puritanos**, Ano XI, nº 03, jul./ago./set. 2003. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/regeneracao/regeneracao2_owen.htm. Acesso em: 20 de Maio de 2025.

PACKER, J. I. **Teologia Concisa: Um Guia de Estudo das Doutrinas Cristãs Históricas**. Tradução: Rubens Castilho. 3. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.

PERKINS, William. **The Art of Prophecy**. 1. ed. em latim 1592; 1. ed. em inglês 1606. Disponível em: https://www.monergism.com/thethreshold/sdg/perkins_prophecy.html. Acesso em: 21 maio 2025.

PIPA, J. A. Jr. **Confissão de Fé de Westminster: Um Guia de Estudos para Igrejas, Escolas Cristãs e Educação Domiciliar**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2021, p. 236–237.

PIERRE, J.; REJU, D. **O Pastor e o Aconselhamento: Um Guia Básico para Pastoreio de Membros em Necessidade**. São José dos Campos: FIEL, 2015, p. 52.

PLUMMER, R. **40 questões para se interpretar a Bíblia**. Organizado por B. L. Merkle e T. J. Santos Filho. Traduzido por F. W. Ferreira. 1. ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2017.

POWLISON, D. **O Pastor Como Conselheiro: O Chamado ao Cuidado das Almas**. Brasília, DF: Monergismo, 2022, p. 55–58.

RUSHDOONY, R. J.; SANDLIN, P. A. **Infalibilidade e Interpretação**. Monergismo, 2018, p. 78–79.

RITZEMA, E.; VINCE, E. (Eds.). **300 Citações dos Puritanos para Pregadores**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2021.

SAVONAROLA, Girolamo. **Selected Writings of Girolamo Savonarola: Religion and Politics, 1490–1498**. Tradução e edição por Anne Borelli e Maria Pastore Passaro. New Haven: Yale University Press, 2006. p. 101. Disponível em: <https://tradio-op.org/biblioteca/Savonarola/Selected-Writings-of-Girolamo-Savonarola-Religion-and-Politics-1490%E2%80%931498.pdf>. Acesso em: 20 de Maio de 2025.

SIQUEIRA, M. C. S. **A pregação puritana:** [recurso eletrônico] cristocêntrica, sim; cristomonística, não. Monografia (Magister Divinitatis) — Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Orientação: Prof.^a Dr.^a Dario de Araujo Cardoso. Disponível em:

<https://adelpa-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/1f821131-7e88-47d6-9118-9538abd93b13/content>

SIRE, James W. **O Universo ao Lado:** Um Catálogo Básico sobre Cosmovisão. Tradução: Marcelo Herberts. 5. ed. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018. p. 181.

SHELTON, W. Brian. **Girolamo Savonarola:** Pregador apocalíptico e mártir à opulência. In: FORREST, Benjamin K. *A história da pregação. Volume 1: dos apóstolos aos revivalistas*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 309–328.

SMITHER, Edward L. **Agostinho de Hipona:** pregação cristocêntrica impulsionada pelo ágape. In: FORREST, Benjamin K. (org.). **A história da pregação: volume 1: dos apóstolos aos revivalistas**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 173–186.

SPINKA, Matthew. **John Huss at the Council of Constance**. New York: Columbia University Press, 1965, p. 63.

SPROUL, R. C. **Somos Todos Teólogos**. Fiel, 2017, p. 185–187.

SPROUL, R. C. **Estudos Bíblicos Expositivos em Mateus**. Tradução: Giuliana Niedhardt Santos. 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017, p. 84–85.

SPROUL, R. C. **Como Posso Desenvolver uma Consciência Cristã?**. Tradução: Mauricio Fonseca dos Santos Jr. 1. ed. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2014, p. 47–49.

STOTT, J.; LARSEN, D.; LARSEN, S. **Lendo Gálatas com John Stott**. Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes. Primeira edição ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2018. p. 58

STOTT, J. **O Discípulo Radical**. Viçosa: Ultimato, 2011. p. 98.

STORY, C. **Imitação de Cristo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

SPURGEON H. C. **A Great Sermon by the Greatest Preacher**, sermão nº 2409, pregado em 17 de abril de 1887, publicado em *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 41. Disponível em: <https://ccel.org/ccel/spurgeon/sermons41/sermons41.xvi.html>

SPURGEON H. C. **The First Sermon in the Tabernacle**, 25 de março de 1861, em *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 7. Disponível em: <https://www.spurgeon.org/resource-library/sermons/the-first-sermon-in-the-tabernacle/>

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. Tradução: Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 191–193.

THOMAS, Derek, **Acts**, Reformed Expository Commentary Series. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2011, p. 177.

TRUEMAN, Carl. D. **Martyn Lloyd-Jones: pregação da Palavra e pregador para a Palavra.** In: FORREST, Benjamin K. et al. (org.). *A história da pregação: volume 2 – Do Iluminismo aos dias atuais.* Tradução de Paulo Sartor. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 387–405.

TRUEMAN, C. **Lutero e a Vida Cristã:** Teologia e Vida Alicerçadas na Cruz de Cristo. Tradução: João Pedro Cavani Ferraz De Almeida. 1a edição ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017. p. 48

TURRETINI, F. **Compêndio de Teologia Apologética**, v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

TYNDALE, William. *Answer to Sir Thomas More's Dialogue.* Cambridge: The University Press, 1850. Disponível em: https://reformationchurch.org.uk/pdf/books/tyndale_william/answer-to-sir-thomas-mores-dialogue_tyndale.pdf. Acesso em: 20 maio 2025.

TYNDALE, William. *Doctrinal Treatises.* Edited for The Parker Society by Henry Walter. Cambridge: The University Press, 1848. Disponível em: https://media.sabda.org/alkitab-8/LIBRARY/TYN_DRTR.PDF. Acesso em: 20 maio 2025.

VASCONCELOS, M. (TRAD.). **As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas —** A Confissão Belga, O Catecismo de Heidelberg e Os Cânones de Dort. Segunda edição ed. Recife, PE: Editora CLIRE, 2009.

WAGNER, C. Peter. **A Igreja Saudável:** evitando e curando as nove enfermidades que podem afligir uma igreja. São Paulo: Quadrangular, 1999.

WALSH, Brian J.; MIDDLETON, J. Richard. **A Visão Transformadora:** Moldando uma Cosmovisão Cristã. Tradução: Valdeci Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 100.

WALTKE, B. K.; FREDERICKS, C. J. **Gênesis.** Tradução: Valter Graciano Martins. 1a edição ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2010.

WELCH, E. T. **Aconselhando uns aos outros:** 8 Maneiras de Cultivar Relacionamentos Saudáveis dentro da Igreja. São José dos Campos: FIEL, 2019, p. 18–21.

WELLS, David F. **God in the Wasteland:** The Reality of Truth in a World of Fading Dreams. Haddington, East Lothian: Handsel Press, 1994, p. 76–77.

WENIG, Scott A. “**William Tyndale:** Tradução para a tarefa da proclamação.” In *A História da Pregação: Volume 1 – Dos Apóstolos aos Revivalistas*, ed. Benjamin K. Forrest et al., Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 389–406.

WESLEY, John. *The Law Established Through Faith, 2* (Sermon 36). In: *The Works of John Wesley, 1872 Edition*, ed. Thomas Jackson. Disponível em: <https://www.resourceumc.org/en/content/sermon-36-the-law-established-through-faith-2>

WHITE, R. C. **Melito of Sardis, Sermon “On the Passover”:** A New English Translation with Introduction and Commentary, Lexington Theological Seminary Library Occasional Studies. Lexington: Lexington Theological Seminary Library, 1976.

WHITEFIELD, G. *Andar Com Deus*. In: Grandes Pregadores Falam sobre Santidade. Tradução: Cláudio F. Chagas. 1.a edição ed. Curitiba, PR: Publicações Pão Diário, 2020. p. 144.

WHITEFIELD, G. *Selected Sermons of George Whitefield*. Public Domain. Sermão: The Duty of Searching the Scriptures (John 5:39), p. 366. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cc000092.pdf>. Acesso em: 21 de Maio de 2025.

WILLIAMSON, G. I. **A Confissão de Fé de Westminster para Classes de Estudo**. Recife: Editora Clire, 2023. p. 104–105.

WILLIAMSON, G. I. **O Breve Catecismo de Westminster para Classes de Estudo**, (Recife: Clire, 2022), p. 101–102.

WILLIMON, H. W. “**Karl Barth: Pregando Cristo**”, In: FORREST, Benjamin K. et al. (org.). *A história da pregação: volume 2 – Do iluminismo aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 351-367.

WILKEN, R. L. **Melito, the Jewish Community at sardis, and the Sacrifice of Isaac**. *Theological Studies*, 37. 1976.

WOLTERS, Albert M. **A Criação Restaurada: A Base Bíblica da Cosmovisão Reformada**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 56.

WRIGHT, Christopher et al. **A igreja do futuro e o futuro da igreja**. Tradução de Pedro Caetano Silva Grego. 1. ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2021. p. 22–23.

WRIGHT, R. K. M. **A Soberania Banida: Redenção para a Cultura Pós-Moderna**. Tradução: Héber Carlos De Campos. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006. p. 245.